N.º 753-LUANDA//LISBOA-10$00

PUBLICAÇÃO SEMANAL-11 MAIO 1974

NOTÍCIA

O JORNAL DE JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO

angola: PARA ONDE VAMOS?

O QUE DISSE O GENERAL COSTA GOMES

25 abril 1974

AS PRIMEIRAS FOTOS DO EXÍLIO NA MADEIRA

«QUINTA DA AVELEDA» BRANCO SECO

O VINHO DA MAIS FAMOSA QUINTA DO MINHO

AGENTES GERAIS EM ANGOLA: A. OSÓRIO & Cª, LDA. C.P. 70. – LUANDA – TELF. 26926

Soluções de Serenidade

Nada vale a calma
de viver seguro.
A serenidade é a melhor oferta.
Para que a possa oferecer
a si próprio e aos seus,
estudámos, continuamos estudando,
as mais práticas e seguras maneiras
de viver segura, serenamente.

Continuamos
analisando os riscos locais
prevendo os imprevistos,
formulando as mais adequadas soluções.
Soluções de serenidade.
Para si. Para os seus.

CONFIANÇA E MUNDIAL DE ANGOLA

O futuro duas vezes mais seguro

EDITORIAL NOTÍCIA
EDITOR: MARIA HELENA CHARULLA

NOTÍCIA

O JORNAL DE JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO
DIRECTOR: JOÃO FERNANDES

SUB-CHEFES DE REDACÇÃO: ANTÓNIO GONÇALVES E BELTRÃO COELHO
REDACTORES: MOUTINHO PEREIRA, FERNANDO FARINHA, MANUELA GONZAGA
JAIME MOREIRA, VENTURA MARTINS, ALBERTO FLORINDO, ILÍDIO ALVES
CHEFE DO GABINETE FOTOGRÁFICO: EDUARDO BAIÃO
REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: ANTÓNIO CRUZ E LUCAS DE SOUSA
REDACTORES-CORRESPONDENTES:
MANUEL DIAS (PORTO), DOMINGOS DE AZEVEDO (LOURENÇO MARQUES)
RELAÇÕES PÚBLICAS E PUBLICIDADE: FERNANDO SAAVEDRA
DELEGAÇÃO DO SUL: ANTÓNIO LEMOS
DESENHO: CARLOS AMOR
DIRECÇÃO GRÁFICA: FERNANDO NEVES

EDUARDO GAGEIRO: O BARBEIRO DO GENERAL

DEPÓSITO LEGAL

Foi o delírio. Ao fim de quase meio século de ditadura fascista, o povo pode enfim vir para a rua comemorar, ordeiramente, o 1 de Maio. Dia do trabalhador, exaltação ordeira do júbilo pelo triunfo da revolução das flores

PROPRIEDADE
DA NEOGRÁFICA, LDA.
CALÇADA GREGÓRIO FERREIRA, 26 A 28
LUANDA
TELEGRAMAS: NOTÍCIA
TELEFONES: 35245/7 (REDACÇÃO) 30113/4
CAIXA POSTAL 6518
ADMINISTRAÇÃO
E REDACÇÃO EM LISBOA
RUA DA MISERICÓRDIA, 137 A 141
LISBOA 2
TELEFONES PPCA 362487/8
TELEGRAMAS: NOTICISBOA
COMPOSTO E IMPRESSO
NA NEOGRÁFICA, LDA.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

NOTAS VÁRIAS

HOMENAGEM A JOÃO CHARULLA DE AZEVEDO

O JUSTO LUGAR

Dentro de dias estará formado o governo provisório que, durante um ano, prepará as eleições para a Assembleia constituinte que virá a decidir sobre o novo país que será Portugal. Sabe-se que a actividade política tem sido intensa e fala-se de muitos nomes. Curiosamente não se fala de ninguém de Angola. E parece-nos mal. Para além de ser catorze vezes e meia maior do que a Metrópole, Angola tem seis milhões de habitantes e uma capacidade económica assinalável. Problemas tem também muitos, entre os quais, premente, o de estudar a forma de se fazer a consulta de autodeterminação. Porque não contar com alguém no governo provisório?

Admitamos, porém, que poderemos delegar, até com vantagem, em alguns mais experimentados políticos metropolitanos a defesa dos nossos interesses. O que não poderemos delegar é a presença na Assembleia Nacional. Quantos lugares estarão reservados a Angola? Um mínimo de justiça exigiria que lhe fossem reservados tantos quanto o conjunto da sua população e o seu potencial económico justificam. É este um assunto que terá que ser resolvido pelo governo provisório. Espera-se que não caiam também no erro anterior de considerar Angola um monstro acéfalo. Em Angola ficava tudo desconfiadíssimo...

ABRIR A PORTA

Libertar os presos políticos tinha, forçosamente que ser uma das primeiras decisões de qualquer revolução que quisesse ganhar o coração do povo. Foi feito e todos nos rejubilamos com isso. Mas é preciso ir um pedaço mais longe. É preciso agora apoiá-los e garantir-lhes que a liberdade reconquistada não se torna num cativeiro ainda mais duro. Que vão fazer homens que durante sete, dez anos, estiveram completamente arredados da vida prática? Que possibilidade de readaptação lhes vai ser dada?

Abrir as portas foi bom. Mas vai ser preciso abrir mais qualquer coisa. Talvez os cordões à bolsa para um apoio imediato. E depois as portas do trabalho para que possam recomeçar a vida com dignidade...

COLONIALISMO

Agora que está bem orquestrado o coro anti-colonialista, denunciar as suas formas de actuação parece-nos atitude louvável. Comecemos, portanto, por denunciar esse típico exemplo que é a licença graciosa. Dado que se não espera que venha a ser instalado na Metrópole a obrigatoriedade de cada quatro anos se gozarem não sei quantos meses de férias em Angola, nada mais lógico do que extinguir o anquilosado sistema. Quando ao longo destes anos insistimos neste ponto fomos sempre duramente criticados. Supomos que as coisas estejam agora a mudar. Licença graciosa é típico colonialismo. Quem o quer?

RENASCENÇA

Senhor Director:

Nasci a 29 de Abril do ano 1949.

Mas, este ano, nasci duas vezes. Uns dias, ANTES, da data prevista para o meu nascimento OFICIAL, nasci!

A 25 de Abril de 1974 nasci com um Portugal libertado do FASCISMO; com um Portugal que pode agora dizer o que PENSA e o que QUER.

Abaixo com o sistema de ensino que não nos ensina NADA, mas que nos abafa. Não foram poucas as vezes que saímos das aulas com lágrimas de revolta por não podermos aprender, perguntar — como exemplo a disciplina de Organização Política, a História e o seu «longo»... PASSADO.

Estávamos mortos!

Mas, chegou o 25 de Abril de 1974. Um dia que nos levou, a nós, MULHERES, a irmos às ruas oferecer cravos de todas as cores aos soldados da Junta Nacional de Salvação do País. Cravos com alegria, com ternura, com gratidão e esperança!

Esperança, também, para a mulher Portuguesa que não é apenas dona de casa.

Para terminar quero lembrar aqueles que comigo estudaram e que nunca poderam livremente manifestar as suas opiniões, os que escreviam sob as alcunhas de «Preto e Branco», «X Y» etc.. Agora podemos ser autênticos.

MANUELA ATATTMILLER
— Lisboa-2

ANGOLA CAIXOTE DO LIXO?

Senhor Director:

Residindo eventualmente na Metrópole, vivo os problemas de Angola com a maior intensidade e entusiasmo, pois os 16 anos de fixação nesse Estado — desde 1957 a 1973 — embuiram-me totalmente e identificaram-me sem reservas com essa parcela portentosa no nosso património nacional.

Dentro da euforia partilhada por todos os portugueses nesta histórica hora, entristece-me algumas lamentáveis confrontações de que já fui alvo, na defesa a que não me furto do problema angolano, aliás bem expresso pelo Presidente da Junta de Salvação Nacional — autodeterminação sem violências.

Dentro da angústia de confrontações menos lisonjeiras para todos os portugueses que lutam e trabalham nessa Angola, para, o engrandecimento duma Pátria pluricontinental, é deprimente a falta de notícias objectivas de todo o momento político de Angola. E, antes pelo contrário, depara-se uma notícia que me apresso a enviar-lhe, pois parece-me que se trata de mais uma confrontação menos honrosa à nossa Angola.

Uma comissão de serviço a Angola a uma entidade declaradamente indesejável na Metrópole?

Se realmente Angola nos fica destinada à concentração de parasitas e indesejáveis, cujas incapacidades morais e cívicas aqui foram testadas, parece-me que a livre imprensa angolana que sempre teve um papel de relevo e dos mais importantes na conjuntura actual, deve com todo o vigor repudiar tudo quanto não dignifique Angola, que é o mesmo que os seus quadros de servidores.

Aceitar estes **bragas** ou outros do mesmo jaez, é o mesmo que reconhecer-se ou identificar-se Angola, como um magnânimo caixote de lixo nacional!

E sempre dentro da mesma atenção, para que a Democracia seja um facto em qualquer parcela do território nacional, em breve serão dadas mais notícias que podem interessar a uma Angola que todos nós desejamos grande, mas não corrupta.

PEREIRA CALDAS
— Matosinhos

N.R. — Em anexo o recorte de um jornal metropolitano em que se diz a certa altura: «... o sr. capitão Braga, sobejamente conhecido pelas suas intervenções como comandante da polícia de choque da corporação, particularmente em «metings» estudantis, deve partir hoje mesmo para Angola, a fim de cumprir uma comissão de serviço».

"CARTA A MINHA FILHA"

Senhor Director:

Se fosse possível a publicação desta carta ficar-vos-ia reconhecido.

Querida Sandrinha,

Tanto teu Pai gostaria de te sentir nos braços e compartilhar contigo toda a felicidade que vivo e vivemos hoje.

Finalmente, um mundo novo abre-se às gerações a que pertencemos, onde Liberdade não será palavra vã ou direito extirpado à condição dos Homens. Saibamos, agora, transbordar a dignidade herdada dos que sofrendo oprimidos, continuaram acreditando na nossa terra, na nossa Angola Maravilhosa, onde tanto se sofreu, se lutou e onde tantos ficaram para sempre, sem jamais terem vivido a suprema ventura de Liberdade.

Querida filha, ama a nossa terra.

Muitas são as gerações de família da qual surgiste. Aprende, pois, a olhar com carinho e profundo amor a

TELEVISÃO em ANGOLA

Estude por correspondência, o nosso curso de TV, Rádio e Electrónica e obtenha prestígio e independência económica. Seja dos primeiros técnicos!

CEC-RÁDIO ESCOLA ALVARO TORRÃO
DESDE 1947

Enviamos-lhe 6 aparelhos, centenas de lições, peças e ferramentas.

GRÁTIS peça o folheto informativo enviando este cupão.

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

CENTRO DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA TELEF.
ÁLVARO TORRÃO - R. Fernão Lopes 8 - Lisboa 53 67 52

UMA JÓIA FALA POR SI

Ourivesaria Aliança, Lda.
RUA SOUSA COUTINHO—LARGO DA MUTAMBA
LUANDA

CARTAS NA MESA

C.T.T.-ANGOLA 26 JUN 1970 LUANDA-CENTRAL

nossa Angola Bem-Aventurada.

Cresce lutando com todas as forças do teu pequeno ser, que será grande, enorme, lutando contra as injustiças, as prepotências, as deturpações, as perfídias, contra todas as formas de atentados aos Direitos Inatos e Imutáveis da Humanidade. Se assim o fizeres, sentir-me-ás eternamente a teu lado, numa comunhão perpétua de ideais, de amor, de respeito, numa personificação de LIBERDADE, meu Deus, de Ser Livre, LIVRES, LIVRES!!

Dentro de dias comemora-se o dia do trabalhador. Um primeiro de Maio do Povo, de milhões de trabalhadores, aos quais foi dado apenas o suor do rosto, a luta duma vida de sacrifícios, de privações enormes, de desassossêgo contínuo; mas o espírito actual, aquele que nos levará à rua neste primeiro Primeiro de Maio, está cimentado num início de esperanças, numa certeza de que trabalharemos cada vez mais, e agora ainda mais do que mais, pois não iremos colaborar no enriquecimento dos ricos com o empobrecimento dos pobres. Será para os filhos, para a família, para e pela nossa terra finalmente.

Boa sorte, amor. E espero que saibas crescer entre o respeito e a consideração pelos ideais do próximo, serena entre a dúvida e a cegueira dos ambiciosos, tranquila entre a hipocrisia e má-fé dos que em nada acreditam.

Crê nas forças inquebráveis das nossas consciências. E que cada um tem uma obra a edificar, uma obra alicerçada no bem da comunidade e consolidação dos princípios que sempre defendemos.

Beijos à Mãezinha.

Teu Pai amigo.

CARLOS PIMENTEL TEIXEIRA
— Luanda

PARTIDO LIBERAL PORTUGUÊS

Com data de 1 de Maio recebemos do Partido Liberal Português (sede eventual à Av. da Liberdade, 142-3.º, a seguinte carta:

Exmo. Sr.
DIRECTOR de
NOTÍCIA
LUANDA

Exmo. Sr. João Fernandes,

Em resposta aos anseios manifestados por V. Exa. na Carta Aberta, hoje publicada em Lisboa, no Diário de Notícias, à qual, certamente, o General António de Spínola já terá respondido, creia que a generalidade do POVO PORTUGUÊS está com ANGOLA e com os POVOS dos RESTANTES TERRITÓRIOS d'AQUÉM e d'ALÉM-MAR, na defesa do direito de se manterem PORTUGUESES, como os POVOS DO MINHO ou ALGARVE, por exemplo.

Mais informo V. Exa. que o Partido Liberal Português não tem qualquer ligação com Sexa. O Presidente da JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL, no que respeita a partidarismos políticos e aproveita a oportunidade de CONVIDAR V. Exa. a representar o PARTIDO LIBERAL PORTUGUÊS no território de ANGOLA ao qual ficará encarregado de dar a cobertura política, tão necessária, na hora em que só estavam organizados, em Portugal, os movimentos de esquerda, com subsídios de potências adversas à continuidade de Portugal como NAÇÃO INDEPENDENTE.

Agradecendo, a V. Exa., confirmar a aceitação do convite que a DIRECÇÃO CENTRAL do MOVIMENTO LIBERAL de PORTUGAL faz a V. Exa., subscrevo-me,

De V. Exa.
Atenciosamente,
J. FERNANDO TEIXEIRA

N.R. — Em anexo, o programa político deste partido.

INVENTOU UMA ANTENA DE TELEVISÃO

Senhor Director:

Serve a presente para informar V. Exa. de que inventei uma nova antena de recepção de T.V. com feitio e características diferentes das antenas actuais.

O novo sistema de captação das ondas Hertzianas permite captar os dois programas, isto é, VHF e UHF com uma só antena de pequenas dimensões.

Trata-se dum trabalho já traduzido na prática e por isso em funcionamento e com alguns modelos estudados para montagem conforme os locais de recepção.

Para a possível divulgação do meu trabalho, especialmente em Angola, terra aonde eu trabalhei durante muitos anos, ponho à sua inteira disposição, os meus modelos e todas as informações que sejam necessárias.

Posso mostrar a coisa em funcionamento e isso seria o ideal, mas também poderei fazer a explicação do sistema, levando para isso um modelo à redacção.

Tenho a certeza de que o meu trabalho merece ser registado pelo menos em alguns países de maior interesse, mas infelizmente não tenho possibilidades de o fazer, mas com a sua divulgação tudo pode acontecer.

Sem outro assunto para o momento e esperando o bom interesse de V. Exa. me subscrevo com toda a consideração,

JAIME CARIA
— Setúbal

N.R. — Aconselhamo-lo a entrar imediatamente em contacto com a Sociedade Portuguesa de Inventores, em Lisboa.

OS ROUBOS E O RESTO...

Senhor Director:

Não serão necessárias muitas palavras para narrar um facto que se reveste de uma tão objectiva simplicidade para os que «apenas» têm conhecimento dele. Para mim, eu sei o quanto de simples nada teve.

No passado dia vinte e dois de Abril, quando minha esposa seguia pela estrada da Brigada, foi assaltada, em plena rua, por um eficiente larápio, ainda adolescente, o qual num golpe já demais estudado lhe arrebatou o relógio de pulso. Aos seus apelos de auxílio acorreram várias pessoas que, aliás, nada puderam fazer, visto que o senhor amigo do alheio, confiante no seu golpe de mestre, após ter o produto do roubo em seu poder, se «desintegrou» através das mui pro-

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 83 — P. O. BOX / C. P. 6534 — TELEG. «UNIMOBI» — TELEFONE: 72131-72467-72952 - TELEX-3174 UNIMOBI-AN — LUANDA-ANGOLA

agência de viagens
UNIÃO
nião Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

DE PARA TODO O DE TODO O PARA

Aro Lady...

...A BELEZA do BUSTO

A MASSAGEM penetrante conseguida por ARO-LADY Soutien electro-vibrador por meio de pilhas dá uma nova elasticidade aos tecidos fatigados e aos ligamentos relaxados que sustêm o busto. O tecido conjuntivo e a massa glandular, sob os efeitos desta massagem tónica e revitalizante, permitem ao busto reencontrar a sua firmeza juvenil.

S7/1 - publ. 11

distribuidores gerais:

STENDHAL
R. LUIS DE CAMÕES, 79-A • TEL. 23787 • LUANDA

a nova york
TELEF. 3121 • CAIXA POSTAL, 170
NOVA LISBOA

CARTAS NA MESA

C.T.T. - ANGOLA
26 JUN 1970
LUANDA-CENTRAL

pícias vielas que ladeiam a referida artéria.

Claro que isto não é um caso único na nossa querida cidade de Luanda. E, como tal, não teria, vá lá, digamos, um especial motivo de reparo, tampouco por mim, que não lamento a perda do objecto. — Eu considero-o uma «coisa. Não seria um simples relógio que me obrigaria a este estado de espírito em que me encontro. O caso é outro.

No preciso momento em que minha esposa tentava evitar ser assaltada, uma viatura da P.S.P. passava, com alguns agentes ocupando-a, os quais assistiram, impassíveis, — segundo informações de minha esposa que os chamou pedindo auxílio, — e os senhores agentes continuaram o seu caminho como se nada de anormal se passasse.

Segundo informações fornecidas por um senhor, comerciante com estabelecimento na estrada da Brigada, essa viatura transportava uma força policial em missão de ronda.

Bom, é possível ainda que os senhores agentes não considerassem aquilo um caso anormal, sujeito às suas respectivas intervenções, e como tal se limitassem apenas a cumprir o seu dever seguindo o caminho que levavam e vivendo a impassibilidade que manifestaram perante o ocorrido.

MESMO APESAR DO PEDIDO DE AUXÍLIO DE MINHA ESPOSA.

Segundo esta hipótese, não tenho mais que terminar aqui o meu desabafo e precaver-me posteriormente com atitudes meramente pessoais contra o que, como cidadão português, considero uma violação à segurança pública.

ADELINO DA SILVA PIRES
— Luanda

ANÁLISE À SITUAÇÃO

Senhor Director:

Golpe de Estado é um movimento político com fim de substituir o Governo do país de acordo com os desejos do povo.

O Golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 não só moditicou o Governo como também o povo. Restituiu a liberdade a 2 gerações que já se tinham habituado a vegetar.

Falar era-lhes uma faculdade inacessível.

Com o fim do despotismo iluminado, o povo goza agora de uma liberdade responsável, que não é traduzível para palavras. Não se sabe traduzir, pois 50 anos de opressão embutiu a faculdade de pensar para que não arrastasse a palavra.

Era tão criminoso o ladrão que nos entra em casa e nos leva todos os nossos bens ou o assassino que nos leva a vida como aquele que usava a palavra como tradução dos seus ideais, como demonstração do seu descontentamento.

A depressão em que a nação — povo — vivia é agora espelhada na sua liberdade.

Não somos capazes de dizer aquilo que sentimos; a nossa alegria só é realmente mostrada no sorriso do rosto, no gesto despreocupado, como o da criança que acaba de receber um rebuçado, ou ainda com a apreensão no rosto do capitalista que vê o seu fabuloso lucro adquirido à custa da exploração do trabalhador, ir, pura e simplesmente ao ar.

E se ainda há quem acredite em milagres que veja este: Portugal ressuscitou.

Ressuscitou Portugal para Portugal e para o Mundo.

Renasceu para aquele mundo que o cobriu de glória pelos seus feitos incomparáveis.

As coroas de Glória Portuguesas apareceram de novo para mostrar ao mundo que Portugal volta a ser a nação empreendedora que conhecem da História.

Aparecerão mais Vascos da Gama, mais Pedros Nunes para que o mundo volte a considerar Portugal uma nação respeitável, para que Portugal suba na consideração do mundo exterior, pois na consideração do mundo interior nunca desceu um degrau, por muito que o merecesse, porque o mundo interior tinha esperança, e não foi vã.

A fé que conseguiu trazer tantos mortos em pé durante tanto tempo não era vã: Surgiu o salvador! E com o salvador as consequências dos seus actos. Consequências benéficas!

DANIEL ANÍBAL DA SILVA ALVES
— Luanda

TROCAS DE CORRESPONDÊNCIA

Desejam trocar correspondência, os seguintes leitores e leitoras do NOTÍCIA:

— Com moças de Angola e Metrópole, dos 18 aos 25 anos, para madrinha de guerra. José Luís Garcia dos Santos. SPM 0536.

— Com moças de qualquer ponto de Angola, dos 16 aos 22 anos, para madrinha de guerra e assunto sério. Zé Dias Estácio, SPM 6486.

— Com moças de todo o espaço Português, de preferência estudantes. Luís Resende Melo, R. Margarida Chaves, 974, Ponta Delgada, Açores.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, para troca de ideias. Francisco Manuel Diogo das Neves, SPM 8386.

— Com raparigas dos 22 aos 30 anos, para troca de sincera amizade e assunto sério. Fernandes Rodrigues Monteiro, SPM 0496.

— Com moças dos 18 aos 25 anos, para troca de ideias. Acácio dos Santos, SPM 8386.

— Com jovens de Angola e Metrópole, dos 15 aos 18 anos, para troca de amizade sincera. Fernando Póvoas, SPM 6946.

— Com jovens para troca de amizade sincera. Ruth Soares e Lucy Freitas, ao c/ de Manuel Renato Paulo de Freitas, Cx. P. 49, Moçâmedes.

— Com jovens de Angola e Moçambique, para troca de ideias e amizade sincera. Sérgio Oliveira, R. Antero Quental, 20-3-Esq., Lisboa-1.

— Com jovens angolanas e metropolitanas, para troca de amizade sincera. Tozé Rocha e Joaquim César, SPM 8286.

— Com jovens de ambos os sexos em português, francês, inglês e espanhol para troca de amizade. Lola, Cx. P. 186— Porto Alexandre.

— Com moças da Metrópole ou Luanda, para assunto sério. Manuel António Carneiro, R. D. António Saldanha, n.º 75, Luanda.

— Com jovens de Angola, dos 17 aos 23 anos, para Madrinha de guerra. António de Jesus Marques, SPM 7456.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, dos 15 aos 23 anos, em português, para troca de impressões e amizade sincera. José Octávio e Gilberto Rodrigues SPM 0484.

— Com moças dos 16 aos 20 anos, de preferência de Luanda, Lobito, Calulo e Sá da Bandeira, para troca de amizade sincera. Minito, Cx. P. 42, Caála.

— Com jovens dos 18 aos 25 anos, para troca de amizade. António Fernandes da Silva, SPM 0626.

— Com rapazes dos 19 aos 25 anos, para troca de amizade e futuro compromisso. Sally, Cx. P. 2732, Luanda.

— Com leitoras do NOTÍCIA, para madrinha de guerra. Cruz, Tozé, e Cristopher, SPM 6596.

— Com jovens de Angola e Moçambique para assunto sério . Zôzô, SPM 0546.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, para madrinha de guerra. José João Guerra e Joaquim da Cruz Gonçalves, SPM 0886.

— Com jovens leitoras do NOTÍCIA, dos 15 aos 25 anos, para troca de amizade. Manuel Luís Costa Araújo, SPM 5376.

— Com moças dos 18 aos 22 anos, para troca de amizade sincera. Sebastião Sequeira da Silva, Cx. P. 26, Luanda.

— Com jovens de ambos os sexos com idades não superior a 27 anos, para troca de impressões. Manuel da Silva Correia, SPM 0496.

— Com jovens portuguesas, para madrinha de guerra e troca de amizade sincera. Afonso Rosa, SPM 7506.

— Com jovens de ambos os sexos, de qualquer ponto do País, para troca de impressões e amizade sincera. Nanda, Cx. P. 47, Santa Comba, Cela, Angola.

— Com jovens de ambos os sexos, dos 18 aos 22 anos, para troca de postais e amizade sincera. Licy, Cx. P. 296, Novo Redondo.

— Com jovens de todo o mundo, sobretudo de França. Jane Donovan, Praia do Bispo 145/ /146, Luanda.

— Com leitoras de Luanda, para troca de amizade. Carlos, R. Barbosa du Bocage n.º 47 - 4.º — Dto., Luanda.

— Com raparigas até aos 17 anos, de Angola e Brasil, para troca de amizade sincera. Fernando Luís Teixeira, Cx. P. 70, Henrique de Carvalho.

— Com moças dos 15 aos 18 anos, de todo o mundo, em português e francês. José Fragoso Rodrigues e Manuel Duarte Romano Ludovina, Posta Restante, Nova Lisboa.

— Com jovens de Angola, dos 24 aos 30 anos, para assunto sério. Augusto Alves, Cx. P. 81, Salazar.

— Com moças de todo o Estado, para troca de amizade. António José Frade, Rua do Alentejo, Pensão Ritz, Terra Nova, Luanda.

— Com moças de todo o mundo, para troca de postais ilustrados e de amizade sincera. Mário Antunes de Lima Júnior, Cx. P. 12, ao c/ de Alda Elsa Amado A. Lima, Secção de Modas, Henrique de Carvalho.

— Com moças dos 15 aos 20 anos, para madrinha de guerra. António, SPM 4586.

— Com jovens dos 15 aos 25 anos, para madrinha de guerra e assunto sério. António Adão Pedro, Cx. P. 69, Secção de Formação, Nova Lisboa.

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO
☐ COSTURA

GRÁTIS

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

Nome .....

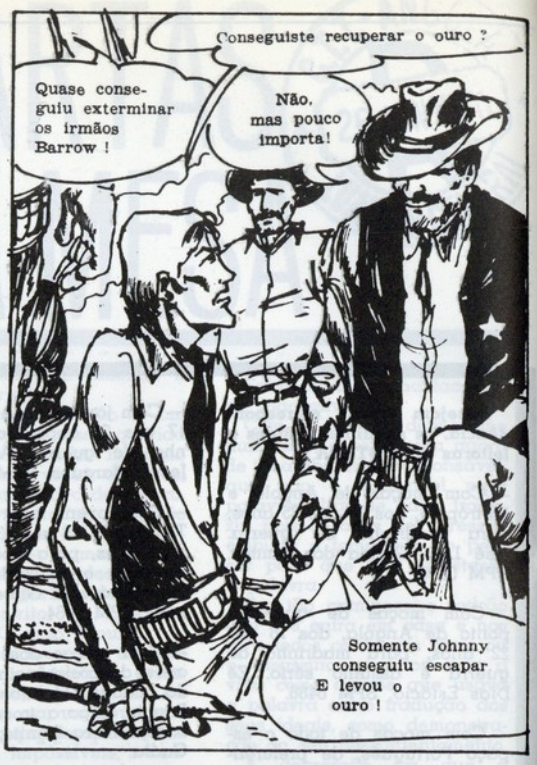
Morada .....

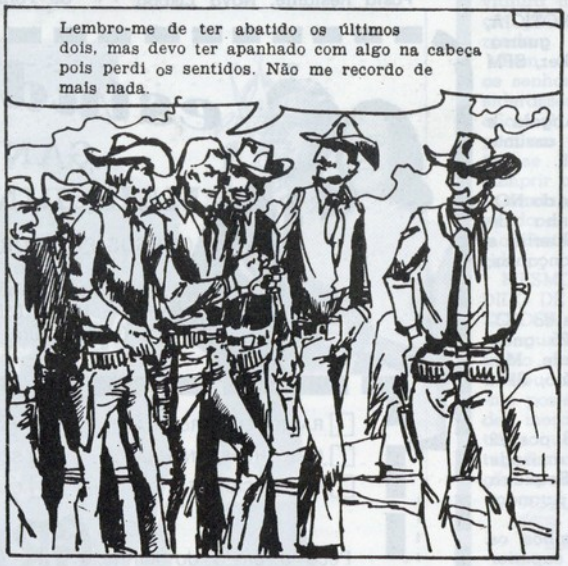
Localidade ..... N.

cec Álvaro Torrão ★ Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

UM PULHA ESTE TRINITÁ





continuaram a chamar-me

TRINITÁ

Filmes OCIDENTE

TEMA MUSICAL EM GRAVAÇÃO RCA

VENHA DESCONTRAIR-SE
VENHA EMOCIONAR-SE
VENHA RIR

NOVAMENTE

DISTRIBUIÇÃO sulcine

UM BANCO EM EVOLUÇÃO PARA UMA TERRA EM CRESCIMENTO

Angola é a nossa terra.
É a terra em crescimento
e para melhor a servir evoluímos.
Crescemos para que Angola cresça
e você a acompanhe.
Onde quer que esteja é nosso o seu problema
do presente e do futuro.
Somos evolução. Somos o Banco para você.

BANCO TOTTA STANDARD DE ANGOLA

PENTA Angola T-30

angola: para ond

PASSOU o tempo de falar de liberdade. Chegou o tempo de passar a exercê-la.

Garantido que teremos tempo e tranquilidade para decidir sobre os nossos destinos, urge despejar um balde de serenidade sobre a cabeça dos exaltados, dar um banho de confiança aos tímidos e receosos, obrigar a sair da casca os que pensam manter-se alheios e começarmos todos a fabricar rapidamente o país Angola.

Fazem muita falta a este diálogo os rapazes que combatem nas matas e os que, pelo mundo fora, lutaram à sua maneira por Angola. Treze anos de luta dão-lhe alguns direitos a afirmar o que querem. A questão — é evidente — é deixarem de nos apontar uma espingarda à barriga. Chegado o tempo de discutir, põem-se as pistolas de lado e ganha quem tem razão. Ou convence mais gente de que a tem.

Questão fundamental é por as ópticas do passado completamente de lado. Não é verdade a permissa tantos anos repetida de que Portugal é uno e indivisível. Que não é uno, sabe-se, porque houve quem estivesse disposto a arrastar espingardas durante treze anos para o provar e, também, porque a geografia o faz. E que é divisível todos o sabem. A questão estará em saber como é feita a partilha.

Não é verdade que perguntar às pessoas qual o estatuto político em que querem viver, queira significar, forçosamente, que as pessoas se queiram decidir pela separação completa.

Quase todas as famílias passaram já por situação idêntica quando um filho se casa. Que ele fique a morar com os pais, que mude de casa, que mude até de cidade, não implica que deixem de pertencer à mesma família. Impossível será, claro, que o bom papá decida em sua casa e também na casa dos filhos. Tentar fazê-lo — provou-se — dá sempre os maiores sarilhos...

EXERCER a liberdade será começar por saber quem somos e o que queremos. E não se pense fácil como isso saber quem somos. A baralhada de sistemas que nos diz, uma vez que somos autónomos e outra que não temos cabeça para nos governarmos; de um lado que nos considera mercado interno português e do outro que somos uma economia separada; tal a confusão de ligações de capital, de acordos, de saladas, que vai demorar tempo, paciência e não pouca competência para conseguirmos obter um retrato nosso de corpo inteiro.

Não é fácil, também, saber quem somos porque todos estes anos foram de confusão. Os rapazes dos movimentos de libertação habituaram-se a dizer «nós os de Angola» e a pensar que «nós» eram só eles; a população branca e a burguesia negra e mestiça habituou-se a dizer «nós os de Angola» e a pensar que «nós» eram só eles. Dizer nós os de Angola e pensar em seis milhões, muito pouca gente o fez. E isso, meus senhores, é fundamental. Nós somos seis milhões. Bons, maus, piores ou péssimos, somos a gente que há. Chorar sobre o leite entornado pouco adiantará. Dizer que cinco milhões de nós estiveram demasiado afastados do mercado de consumo, que parte importante deles é analfabeta ou quase, que não devia ter sido assim mas de outra maneira, não muda um centímetro aos factos concretos. É esta a gente que nós temos e é com ela que temos de fazer um país.

HÁ ainda gente, claro, mais ou menos convencida que é possível ignorar tudo isto. Gente que divulga já extensos programas, mostrando as suas óptimas qualidades tradicionais e vive na ingénua convicção de que com um passe de mágica nada muda. Para bem da saúde, deles e de todos nós, aconselhava-os a deixarem esse caminho e a aderirem com menos entusiasmo. No dourarem a pílula das suas intenções dizem tais coisas que ainda alguém os pode levar a sério. Suponham, por exemplo, que a Junta de Salvação Nacional leva a sério as intenções que subscrevem, congela as vossas contas na Metrópole e vos transfere o dinheiro para cá? (eu por mim aconselhava vivamente a Junta a fazê-lo).

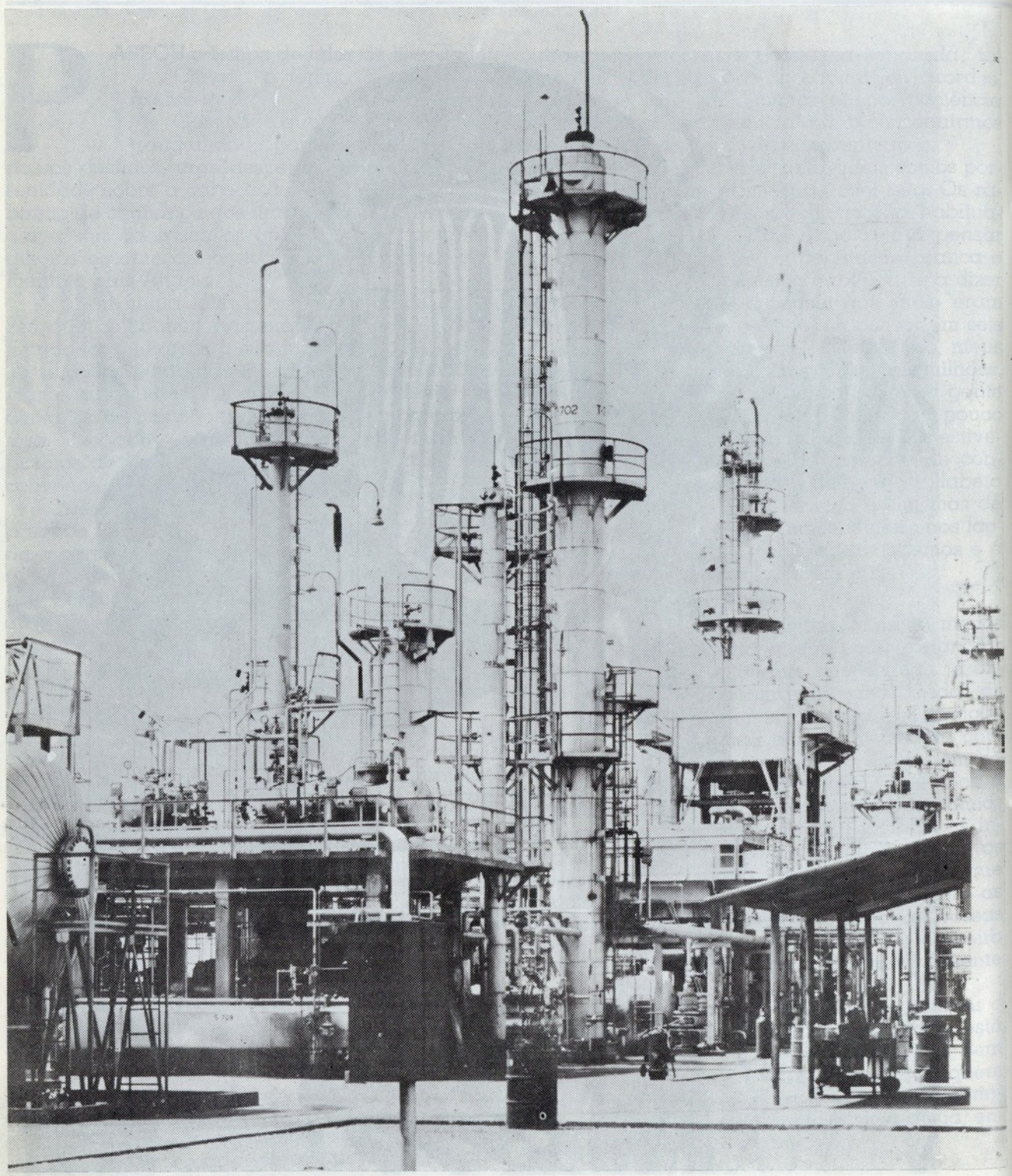
A questão, meus senhores, é que acabou o tempo das habilidades. O problema não está em escrever um programa mais ou menos bem redigido. O problema é fazê-lo cumprir. E quem pensa — a sério — ver aprovado pelos seis milhões uma solução que beneficie meia dúzia, em prejuízo da maioria?

e vamos?

TEXTO DE JOÃO FERNANDES

EXERCER a liberdade é, rapidamente, fazer estourar a venalidade.

Tenho visto muita gente a discutir quem é que da direita era mais à esquerda e não vi ainda ninguém aparecer a dizer: «O senhor x, que está no serviço y, roubou.» E isso, meus senhores, vai ser preciso dizer. Vai ser preciso correr com os oportunistas que enxameiam a administração pública, nunca tomaram posição política, e roubaram como desalmados. Gente que recebeu dinheiro para que se fizessem coisas legítimas e ilegítimas. Aqueles senhores que continuam descansadíssimos nos seus postos e impuseram a ima-



gem de corrupção dos serviços. Nós conhecemos alguns e eles sabem que nós os conhecemos. E sabem, também, que lhes vamos pegar pelos fundilhos das calças e apertar com muita força. É a altura de os apontar com o dedo. Espero que as pessoas que aparecem agora a falar com grande sofreguidão não se esqueçam de dar uma ajuda neste campo...

O programa, portanto, meus senhores, não vai ser fácil de cumprir. Exige uma coisa a que alguma gente não está habituada: honestidade, tolerância, lisura de processos, espírito de sacrifício e muita tenacidade. Vamos ter que pensar seriamente em reforma agrária e sabe-se que nunca foi isso fácil de fazer. Se não cairmos na intolerância, nem nos extremismos, poderá aqui ser mais fácil porque a terra é muita e as pessoas poucas. Temos que criar novos sistemas de crédito, e aí terão os bancos papel importante a cumprir se se quiserem adaptar a novas realidades e a novos processos de trabalho. Temos que fazer um esforço muito sério na saúde e na habitação, e aí teremos que encarar o problema quase como um estado de emergência. Pode-se dar aulas debaixo dum imbondeiro enquanto se espera pela construção da escola. Mas é fundamental que as aulas sejam dadas. Pode-se — e deve-se — recorrer ao crédito estrangeiro, desde que se negoceie com inteligência e dedicação. Mas aí, claro, teremos que dar mostras duma capacidade de união que justifique a confiança e não hipoteque o que não queremos vender.

Vamos precisar de ter muita calma e muita atenção, para enfrentar e detectar os que consideram a confusão o seu meio ambiente, ou são apenas suficientemente ingénuos para pensar que todas as alturas são boas para dar nas vistas e tentar a sua oportunidade.

Vai ser preciso não confundir as coisas nem cair em alarmismos escusados. É o MRPP quem pinta as paredes de Lisboa e preconiza a independência das colónias e não a Nação. Quem vai decidir se queremos ser um Estado Federado, ou um país independente, ou comunistas ou fascistas, democratas ou socialistas, quem vai dizer o que queremos e não queremos, somos nós. Não adianta atirar as culpas para cima da Metrópole, por não resolver os assuntos todos por nós. À Metrópole cabe, isso sim, garantir que podemos escolher e organizarmo-nos, sem que ninguém nos aponte uma espingarda à barriga.

Se começarmos todos a pensar que é isso e só isso que se passa, talvez possamos pôr as cabeças todas a pensar para o mesmo lado. E, nessa altura, talvez mesmo os mais renitentes se convençam que, ou propomos um programa realmente honesto — realmente favorável aos seis milhões que somos — ou então ninguém o aceitará.

HA também a história do racismo. Qualquer um, branco ou preto. Pois eu sempre tive pena dos racistas. É gente a quem falta qualquer coisa. Gente inferiorizada e que por isso perde o lado bom das coisas. Muitos daltónicos nem sequer sabem que o são. Sempre viram as cores trocadas. Mas isso não os impede de ser daltónicos. Só eles poderão curar-se, se quiserem e tiverem persistência para o fazer. De qualquer forma, racistas é gente que vai ter muitos problemas em Angola. Os racistas negros porque estariam a dar rude golpe na sua terra ao querer afastar dela gente que aqui nasceu ou se radicou e não tem que se envergonhar da cor da sua pele. Os racistas brancos porque nada há mais irrealista do que pensar que não há pretos em África e que é possível ignorar a maioria da população. Há, depois, os que não são pretos nem brancos e que em vez de pensarem que podem consubstanciar o que há de melhor nas duas raças, se deixam arrastar pelo que há de pior em cada uma delas. Se se lembrarem que eles (e elas, também, está visto...) são a verdadeira cor de Angola, podem ajudar a resolver muita coisa ...

TEMOS todos que falar muito uns com os outros. Que discutir os nossos problemas e os nossos diferendos. Que estudar formas de desenvolvimento e programas de trabalho. Temos de esquecer tudo o que desaprendemos durante todos estes anos e ter a coragem de imaginar novas formas de vida, até mesmo um novo tipo de sociedade. Temos que esquecer figurinos estrangeiros e escolher, sem preconceitos nem receios, o fato que nos serve. Todas as sugestões podem conter em si propostas interessantes, e em princípio nenhuma deve ser posta de lado sem observação atenta.

Porque não aproveitar, por exemplo, a sanzala como uma organização comunitária bem adaptada a Angola. O que há de tão diferente entre um Kiboutz ou um Kolkhose e uma sanzala? Faltam-lhe, evidentemente, apoios estruturais. Mas qual será a impossibilidade de os conseguir? Temos que planificar melhor o território. Ser realistas para entender que nenhum apoio que se dê a Angola virá livre de juros: a questão estará em escolher os que não sejam impiedosos.

Temos tudo para fazer, meus senhores. Muito depressa porque o tempo é pouco e urge utilizá-lo. Mas tudo está ao nosso alcance. Se não soubermos fazer de Angola a terra prodigiosa que ela pode ser, isso só quer dizer que a não merecemos. E então a culpa será só nossa.

JOÃO FERNANDES

JOSÉ DRUMOND ENTREVISTA MÁRIO

"O RESPONSÁVEL TEM UM NOME: SALAZAR"

SOARES, EM EXCLUSIVO PARA O PROGRAMA "C"

L DESTA GUERRA

JOSÉ DRUMOND—Gostaria dissessse algumas palavras que nos dissessem directamente respeito e que expressamente a sua maneira de sentir neste momento, muito importante na vida Nacional, em relação a Angola.

DR. MÁRIO SOARES—Eu penso que a situação em Angola tem as suas peculiaridades em relação à situação de Moçambique ou à da Guiné-Bissau ou de outras colónias portuguesas. Mas evidentemente há em primeiro lugar uma questão de contexto e uma questão de princípios. A minha posição relativamente ao problema colonial que eu considero o problema central do nosso País e o mais grave que ele tem de resolver, é conhecido. Eu sou anticolonialista e sou-o porque considero que o colonialismo é opressão e porque sou contra a todas as formas de opressão por mais bonitas que sejam as palavras e justificações. Quem conhece a História sabe que é assim. Todas as justificações que foram inventadas tinham sido inventadas antes pelos franceses e pelos ingleses, todas as mesmas, e eu sou, portanto, pela descolonização. Sou pela descolonização mas não esqueço que existem muitos problemas, complexos problemas que interessa a um Governo responsável salvaguardar. Neste momento, a posição do meu partido e a minha própria é a de que há que acabar com a guerra a curto prazo. A guerra é sempre terrível para as populações que a sofrem, quer seja de origem africana ou de origem europeia. É terrível porque são as populações inocentes as que mais sofrem. A guerra é um encargo económico incomportável para a Nação, exige sacrifícios de natureza humana terríveis para Angola e para Portugal e, portanto, há que acabar com ela. Para acabar uma guerra é necessário negociar. Não se pode acabar uma guerra sem negociações. Temos o exemplo do Vietnam. A mais poderosa nação do mundo, envolveu-se numa guerra depois da saída dos franceses, envolveu-se numa guerra com um potencial bélico formidável, o maior então implantado em qualquer parte do Mundo. Nunca houve um potencial bélico tão extraordinariamente poderoso e, no entanto, quando quiseram acabar com essa guerra tiveram de passar por uma mesa de conferências. Portanto, nós pudemos proclamar todos os princípios que quisermos mas não pudemos fugir a esta realidade. Se nós queremos efectivamente acabar com a guerra, temos de negociar com quem faz a guerra, com quem nos faz a guerra. Claro que quando eu digo com quem nos faz a guerra eu não esqueço as responsabilidades do Governo colonialista e fascista português na eclosão dessa própria guerra, porque para mim, os responsáveis da guerra não são os povos africanos, quero dizer desde já, não são os povos de Angola de expressão africana; para mim o responsável desta guerra tem um nome: chama-se Salazar. Foi devido à sua intolerância, à sua tacanhez mental, à incapacidade de compreender um Mundo moderno, que ele a tempo não conseguiu a possibilidade de, em Paz, assegurar uma transformação. Os dirigentes africanos, os nacionalistas africanos, iniciaram todo o processo político que os conduziu a pegar em armas da mesma maneira que nós na Metrópole quisemos negociar, quisémos discutir, quisémos ter livre expressão política, quisémos entrar em diálogo que nos foi sempre recusado, tivémos de passar à acção. Aqui, na metrópole, da mesma maneira porque a autodeterminação que nós pedimos para as colónias é a mesma que nós pedimos para Portugal. Éramos também colonizados. Simplesmente não se tratava duma Nação estrangeira, tratava-se duma minoria monopolista que dominava o poder político, o poder económico. Estavam aliás confundidos. Ora bem, nós precisamos portanto de entabelar negociações. Para entabelar negociações na situação em que nos encontramos, precisamos de revelar boa fé, porque existe hoje um consenso internacional contra a posição colonialista portuguesa. É preciso ser realista e não o esquecer. Ninguém no Mundo o deseja, quer sejam americanos, quer sejam russos, quer sejam europeus, quer sejam chineses, quer sejam africanos, quer sejam árabes, quer sejam brasileiros quer sejam espanhóis, quer seja o Vaticano, quer seja o Conselho Ecuménico das Igrejas Protestantes.

J. D.—...quer seja inclusivamente um próprio Senghor que tem a melhor conceito do povo português, mas que no entanto tem todas as suas reservas e todas as suas posições tomadas em relação a um Governo que estava actuante...

DR. M. S.—...devo dizer-lhe, em exclusividade, que sou amigo pessoal de Senghor e que espero vê-lo muito brevemente em Paris.(1) Já que me cita o exemplo do Presidente Sangor, pois bem, como não havia a possibilidade das pessoas se autodeterminarem, de se exprimirem, tiveram de passar à acção. E daí o estado de guerra a que nós chegámos. Essa guerra prolongou-se durante treze anos, e com ela o desenvolvimento de todos os ódios. A meu ver o maior crime do salazarismo, e do fascismo, foi empurrar para a radicalização progressiva os movimentos nacionalistas. Porque é na dinâmica de todas as lutas e de todos os movimentos políticos, que quando eles precisam de auxílios vão buscá-los onde lhos oferecem. É evidente. Felizmente a situação está hoje modificada, é muito mais complexa, e todas as forças responsáveis no Mundo, quer sejam os americanos quer seja a Igreja quer seja a Europa, começaram a perceber que têm de auxiliar os movimentos nacionalistas. Efectivamente, duma maneira ou de outra, estão a auxiliá-los. A situação de Portugal, no momento em que as Forças Armadas intervieram e derrubaram o regime colonialista e fascista de Caetano, era desesperada, era o zero absoluto no plano diplomático. Eles estavam condenados não tinham aceitação de nenhuma espécie, a Guiné-Bissau era reconhecida por mais países o estado da Guiné Bissau era reconhecido por mais países do que aqueles que têm relações diplomáticas com Portugal. Os nossos representantes diplomáticos eram motivo de riso e de chacota em todo o Mundo, a começar, naturalmente, pelo antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros. Nesta situação, nós temos que fazer uma modificação total da situação e essa modificação temos que a fazer com serenidade.

Eu penso que a circunstância da Junta de Salvação Nacional ter defendido claramente o princípio da autodeterminação, reconhecer esse direito ao povo angolano como a todos os outros povos das colónias, é um bom ponto de partida.

J. D.—Senhor doutor, desculpe interromper a sua linha de pensamento mas chegou a um ponto que eu considero do maior interesse esclarecer: Pois então essa mesma J.S.N. diz autonomia progressiva até termos de independência. Dentro da sua linha de pensamento, como interpreta esta "autonomia progressiva".

DR. M.S.—Tenho a impressão que está a enganar-se de vocabulário. O voca-

bulário da autonomia progressiva era o do antigo regime, deposto em 25 de Abril. O vocabulário actual é o da autodeterminação. Reconhece-se às pessoas o direito de se exprimirem livremente, ou não. Põem-se limites à liberdade das pessoas se autodeterminarem ou não. Quem aceita o princípio da autodeterminação reconhece implicitamente o direito à independência, se assim se exprimirem as populações. Resta saber se se exprimem ou não. A posição do meu Partido nesse aspecto, é perfeitamente clara. Nós consideramos que é um facto histórico adquirido e por isso é importante dizê-lo aqui; que um movimento em luta, na medida em que luta, e se dinamize a essa luta, está a provocar, ele próprio, a autodeterminação. É o conceito, aliás, de Portugal moderno, subscrito pelas Nações Unidas. As Nações Unidas não estão longe de considerar que Portugal faz uma guerra de agressão, na Guiné-Bissau e no dia em que reconhecerem a entrada da Guiné-Bissau como Estado Independente na Comunidade das Nações Unidas, é evidente que Portugal estará a fazer uma guerra de agressão contra a Guiné-Bissau. Assim, igualmente, em Angola e em Moçambique.

Então, nós só temos dois caminhos: é reconhecer o direito de autodeterminação e prepararmo-nos activamente para negociar, — eu devo dizer-lhe que a prudência da J.S.N. aparece extremamente inteligente — ou, então, entrarmos num tipo de aventura. Essa aventura era a separatista branca. Uma aventura desse género é um risco que se corre, era o pior que podia suceder a Angola e às populações europeias aí radicadas, porque isso implicava o alinhamento completo da subserviência a subordinação completa política e económica à África do Sul e isso seria combatido por todo o Mundo. E digo-lhe por todo o Mundo com conhecimento de causa. Quer os soviéticos quer os americanos, quer o Vaticano quer a Comunidade Europeia, todos eles ficariam extremamente alarmados se um fenómeno desses se desse. Porque isso punha em causa o princípio da coexistência pacífica, que é hoje um princípio fundamental do Mundo, e criava uma zona de conflito aberto na África Austral, zona essa que se transformaria, a breve trecho, num novo Vietname africano. Portanto isso era um recurso de desespero que acarretaria uma catátrofe para toda a população que vive no território de Angola, quer seja de origem africana, quer seja de origem europeia, mas fundamentalmente para a de origem europeia. O contrário, a negociação, com o reconhecimento do princípio de autodeterminação, e independência das populações, discutindo numa mesa com os legítimos representantes dos povos angolanos, pois permite-nos salvaguardar muitos interesses legítimos, salvaguardar vidas, salvaguardar haveres. Eu penso, portanto que o trabalho que nós, Partidos Democráticos temos vindo a fazer ao Mundo, mostrando uma cara de Portugal diferente dessa imagem do fascismo ao Mundo, foi um serviço altamente patriótico, não obstante os Orgãos de Informação nos chamarem traidores, coisa que aliás, nunca me afectou.

J.D.—No entanto a Nação agora já provou exuberantemente que não era assim...

DR. M.S.—Parece que sim. Aliás, devo dizer-lhe que nunca tive dúvidas a esse respeito, basta considerar a História que isso era um processo irreversível, fatal. Portanto nós temos de negociar, nas melhores condições. Penso que a imagem do general Spínola está hoje a transformar-se numa imagem de grande importância no Mundo. O que a Junta de Salvação Nacional fez, foi qualquer coisa de extraordinário para o Mundo. Um exemplo que o Mundo teve dificuldade em perceber, em compreender. Eu penso, e digo-o depois de duas breves conversas que tive com o General Spínola, que achei com uma extraordinária estrutura intelectual e penso que ele é uma figura que começa a ter internacionalmente o cariz do "De Gaule" português. Isso permite no futuro, e permitirá ao novo Governo que vier a constituir-se, permite negociar em excelentes condições. Até porque com os Movimentos Nacionalistas eu como muitos outros Socialistas, como muitos outros Comunistas, como alguns Liberais, temos relações de camaradagem e encontrámo-nos todos nas mesmas cadeias partilhámos da mesma sorte, eu estive preso ao lado de Agostinho Neto durante vários meses no Aljube; estive preso ao mesmo tempo que o padre Pinto de Andrade tenho a honra de ser amigo dele, sempre lhe manifestei a minha solidariedade. Eles conhecem-nos, respeitam-nos, sabem que nós não os enganamos, que não queremos fazer um comércio, não queremos salvar os nossos interesses materiais, não é disso que se trata, é do futuro da Pátria, portanto é preciso que os angolanos e agora digo os angolanos de origem europeia, tenham confiança porque a única solução passa pela negociação. Esses homens são duma rara envergadura intelectual e moral e não é por acaso que o Dr. Agostinho Neto, ao mesmo tempo que é o Chefe líder do M.P.L.A. é um dos grandes poetas de expressão portuguesa. Isso para nós é qualquer coisa de muito importante. Parece-me que é tudo, por hoje, quanto tenho a dizer a Angola.

(1) No dia seguinte Mário Soares encontrar-se-ia com Senghor em Paris.

CHEGADA DE MÁRIO SOARES A SANTA APOLÓNIA

N.º 70 - 4 - MAIO - 1974 - 5$00

Expresso

DIRECTOR: FRANCISCO PINTO BALSEMÃO SEDE: RUA DUQUE DE PALMELA, 37-2.º DT.º TELEFONES 53 58 68/9-5 25 69 LISBOA

Angola:

Ambiente explosivo

APREENSÃO e alarme — eis a forma como o Centro Cívico Democrático (que reune em Angola conhecidos democratas e anti-fascistas) descreve o ambiente que se vive naquele Estado. Na verdade tudo parece sugerir que o Movimento das Forças Armadas não estendeu a Angola a sua acção democratizante e que ali o fascismo sobreviveu.

As poucas autoridades substi-

documento que se quer programático deste grupo de extrema-direita.

O «Diário de Luanda», órgão da A. N. P., continua com a mesma direcção e redacção; panfletos provocatórios convocando manifestações (tática conhecida da ex-Pide/DGS) aparecem nas ruas de Luanda; a P. S. P. reprime; armada de cassetete

num contraste brutal com a

TEXTO DA NOTÍCIA DO "EXPRESSO"

Apreensão e alarme — eis a forma como o Centro Cívico Democrático (que reune em Angola conhecidos democratas e anti-facistas) descreve o ambiente que se vive naquele Estado. Na verdade tudo parece sugerir que o movimento das Forças Armadas não estendeu a Angola a sua acção democratizante e que ali o facismo sobreviveu.

As poucas autoridades substituídas foram-no, por vezes, para pior. Na opinião dos democratas de Angola, o ex-secretário geral e actual Governador-Geral interino, Cor. Soares Carneiro, coloca-se politicamente muito mais à direita do que o Eng. Santos e Castro (o que não é dizer pouco...). São de resto, conhecidas as ligações do Cor. Soares Carneiro, ex-governador do Distrito da Lunda, à Diamang — empresa monopolista que, em Angola, prospecta e vende diamantes e que possui uma milícia e cárceres privados — e os laços familiares que o ligam à família Abecassis, a qual controla alguma parte da companhia.

A Assembleia Legislativa, bem como o Conselho Económico e Social e a Junta Consultiva, não foram dissolvidos e continuam em funções, ao contrário do que sucedeu em Moçambique. Por outro lado, interrogam-se os anti-facistas de Angola, porquê neutralizar a desarmar a L. P. e permitir que continue activa a O. P. V. D. C. A. (Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Angola), que muitos consideram o braço armado da extrema-direita branca, favorável a uma independência de tipo rodesiano?

Diferentemente da opinião generalizada, que a atribui apenas aos colonos moçambicanos, esta tendência está fortemente enraizada num pequeno mas influente sector. Circula neste momento em Luanda um extenso documento que se quer programático deste grupo de extrema-direita.

O "Diário de Luanda", órgão da A. N. P., continua com a mesma direcção e redacção; panfletos provocatórios convocando manifestações (tática conhecida da ex-Pide/DGS) aparecem nas ruas de Luanda; a P. S. P. reprime, armada de cassetetes, num contraste brutal com a livre euforia que se vive em Portugal e mesmo em Moçambique.

A questão dos presos políticos mantém-se. Em S. Nicolau, campo de internamento a cerca de 150 km de Moçâmedes, calcula-se entre 10 a 15.000 o número de presos, internados e suas famílias. Os poucos presos "libertados" pela Pide/DGS foram entregues à P. S. P., para averiguações sobre a natureza política dos seus "crimes", questão tão facilmente ultrapassada em relação aos dirigentes marxistas-leninistas presos em Peniche.

Acima de tudo, pensam os democratas de Angola, é afrontoso que a cúpula do aparelho repressivo da DGS, inspectores Aníbal São José Lopes, Carloto e Castro e Abílio Alcarza, tenha regressado a Angola há três dias, investida de poderes quiçá mais amplos do que anteriormente, uma vez que o tristemente célebre Inspector São José Lopes chefia, neste momento, o Serviço Informativo das Forças Armadas, com os poderes do posto de Tenente-Coronel.

Os democratas de Angola consideram a situação explosiva e temem, inclusivamente, represálias que ponham em perigo a sua integridade física.

Impõe-se a ida imediata de representantes do M. F. A. e da J. S. N. que imponham em Angola a aplicação dos princípios democráticos que a esmagadora maioria do Povo Português já plebiscitou na rua.

Caro Balsemão

Dizia Confúcio que advogados são coisas que acontecem até nas melhores famílias. Direi eu que maus correspondentes são coisas que acontecem até nos melhores jornais (e de maus correspondentes sei alguma coisa porque também já tive alguns). Acontece que este, porém exagera. Não conhecer nada, nem ninguém, parece-me algo exagerado...

Rectifiquemos:

O eng. Abecassis é Presidente do Conselho de Administração da Diamang mas dizer que controle parte importante daquela Companhia é desconhecer por completo o capital accionista da Empresa. Soares Carneiro foi o único governador da Lunda que nunca visitou a Diamang e manteve com esta relações um bocadinho pior que péssimas.

O coronel de aeronáutica eng. Carloto de Castro é Secretário Provincial das Comunicações e não dirigente da DGS. Aqui a questão é particularmente grave dado que Carloto de Castro é pessoa largamente conhecida e apreciada em Angola, sempre foi fundamentalmente um técnico e não passaria pela cabeça de ninguém acusá-lo de pertencer à DGS. O campo de São Nicolau detinha dois mil e trezentos presos políticos e cerca de mil e quinhentos familiares dos presos (mulheres e filhos).

Junta, nem a de Salvação Nacional, poderá extinguir o Conselho Económico e Social visto que foi extinto há dois anos. Qualquer pessoa com um mínimo de interesse pelos problemas de Angola tinha obrigação de saber isso. Deixo de lado a adjectivação, os incidentes não localizados da PSP a reprimir de cassetetes (ninguém por aqui teve conhecimento) e coisas do estilo. E quanto ao ambiente explosivo fico a tremer de medo. Acima de tudo o que lamento é que um Jornal que sempre considerei — e no qual até colaborei — passe agora a ser olhado com natural desconfiança pelos leitores de Angola. Será que os artigos sobre o resto do país são tão verdadeiros e objectivos como este? Concordará que a dúvida é pertinente. A si cabe esclarecer o assunto de forma a que se não desacredite desnecessariamente um Jornal em que continuo a manter confiança.

JOÃO FERNANDES

disseram esta semana

Na primeira página, e sob o título "A Junta oferece paz aos rebeldes Africanos", o Times de terça-feira refere-se a uma proposta de cessar-fogo que o General Costa Gomes ofereceu como solução para as guerrilhas ultramarinas, a fim de se poder estabelecer um diálogo entre as duas facções. Transcreve ainda parte da exortação do Chefe das Forças Armadas Portuguesas, ao referir-se aos guerrilheiros, e a sua opinião sobre o novo sistema político que vigorará em Portugal.

Na mesma edição, salienta o carácter insólito da Revolução, num artigo a duas colunas, onde o futuro político das Colonias Ultramarinas é ponto central. Referindo-se a um porta voz da Junta Militar, que prometia um futuro cor-de-rosa a todos os políticos portugueses, chamando a atenção sobre o facto de que as rosas não são todas da mesma cor, o articulista transcreve parte da Conferência de Imprensa, quase só no que respeita ao Ultramar. Não se faz qualquer espécie de comentário, limitando-se o artigo a transcrições em discurso directo ou indirecto.

Num outro artigo, do mesmo jornal londrino foca de novo este assunto, sob o título "As Igrejas pedem à Junta a libertação das Colónias", artigo da responsabilidade do seu correspondente em Génova "O Concílio Mundial das Igrejas apelou para a Junta Militar Portuguesa no sentido de permitir a auto-determinação dos territórios ultramarinos, como prelúdio de uma total independência". Mais à frente acrescenta-se: "O Concílio pediu também aos governantes que reconheçam a independência da Guiné-Bissau expressando o seu desejo de que o mesmo status possa ser brevemente seguido por Moçambique, Angola, S. Tomé e Príncipe".

Sem fazer, por sua vez, qualquer espécie de comentário o articulista refere uma acção que se irá preparar contra certos Bancos empenhados em fortes regimes racistas na África do Sul, e sem transcrever os seus nomes refere que entre eles se contam importantes Bancos internacionais.

MILLER GUERRA NÃO ADERIU AO PARTIDO DE CENTRO-ESQUERDA SUPERIOR JUDICIÁRIO

Com este título, a três colunas em primeira página, o matutino lisboeta "O SÉCULO" do domingo passado dedica um artigo à formação do Partido do Centro-Esquerda, de feição social democrata. Este partido criado sem qualquer ligação ou apoio da S.E.D.E.S. de que são sócios alguns fundadores, encontrou largo apoio da parte dos estudantes, principalmente universitários. Miller Guerra não deu a sua adesão a este novo partido.

Ainda em primeira página "O SÉCULO" refere ser proibido, em S. Carlos, a execução do Hino Nacional, bem como o reconhecimento por parte do Governo Argentino, da Junta de Salvação Nacional.

Do encontro entre o general Silvério Marques e o engenheiro Jorge Jardim, em Belém, nada se pode saber em concreto, pois às perguntas dos jornalistas o engenheiro Jardim limitou-se a dizer: "É natural que quem é de Moçambique se interesse por Moçambique".

A SITUAÇÃO DA TAP

Sobre a situação da empresa transportadora TAP, o mesmo jornal diz: "A Administração da TAP a que preside o eng. Mendes Barbosa, não se demitiu, como hoje foi anunciado, mantendo-se à frente dos destinos da Companhia.

"Segundo nos foi comunicado, um representante da empresa deslocou-se à Cova da Moura, então Sede da Junta de Salvação Nacional, pedindo a saída dos administradores e apresentando outras reivindicações".

A MAGISTRATURA E O CONSELHO

A Junta prometeu resolver o assunto e nomeou como seu delegado junta da empresa o major Pedroso Limas.

Entretanto, dentro do espírito das remodulações constantes que se começaram a verificar em Portugal após a queda do governo de Marcelo Caetano, Juízes de Direito propõe que cessem imediatamente as funções do Conselho Superior Judiciário, por telegrama enviado à J.S.N., que "O SÉCULO" transcreveu na íntegra. Esta medida terá por fim assegurar a independência e dignificação do Poder Judicial.

Importante ainda a transcrição do Comunicado do Comando do Algarve que esclarece não terem sido encontradas nas instalações da ex-M.P.F. quaisquer armas, além de que os funcionários administrativos da ex-D.G.S. serão utilizados pelo Ministério do Interior, entidade a que pertencem. Além disso, a todos os agentes da ex-D.G.S. das delegações do Algarve foi dado o destino determinado pela Junta pelo que "estão ilibados de qualquer suspeita as entidades que, frequentemente, e face à nova situação têm sido contactados pelas Forças Armadas.

O Bispo do Porto, um dos perseguidos políticos, merece da parte daquele matutino lisboeta um artigo a três colunas, que transcreve parte de uma mensagem que o príncipe eclesiástico publicou no jornal "Voz Portucalense", numa tomada de posição política, onde se recordam figuras como o caluniado Bispo de Nampula, e outros missionários.

SILVA SEBASTIÃO EM MOÇAMBIQUE

Ainda no "Século" mas no de 2.ª-feira sita-se uma tomada de posição do pessoal da Câmara Municipa de Lisboa que pede a destituição da Presidência e vereação.

Referindo-se à situação ultramarina, o Coronel Silva Sebastião ex-presidente da Câmara de Lisboa, representante da Junta em Lourenço Marques, diz: "O povo dos territórios ultramarinos encontra-se um bocado confuso". Este título, em grande destaque abre um artigo publicado no "SÉCULO" no mesmo dia...

O clima de alterações na metrópole prossegue num ritmo alucinante. Diariamente os jornais transcrevem pedidos e telegramas de demissões de Administradores ou Directores de empresas, numa remodelação total de métodos, sistemas, nesta hora de verdade.

O PODER ECONÓMICO EM ESPECTATIVA

Sob o título "O PATRONO NA HORA DA INQUIETAÇÃO" Semanário EXPRESSO de 4 do corrente asculta opiniões dos principais empresários portugueses. Transcrevendo:

"Talvez pela posição que ultimamente assumira face ao Governo (não ao regime" anterior *António Champalimaud* foi o mais distinguido pela Imprensa"

Aliás ele foi também o primeiro a falar na referida reunião, depois do presidente da J.S.N., apressando-se a felicitá-

lo bem como a "todos os que estiveram na base da gloriosa arrancada do 25 de Abril de 1974".

No entanto o aspecto fundamental da sua comunicação, residiu em novo ataque ao regime de condicionamento industrial pedindo que as liberdades ora repostas sejam extensivas à banca, à indústria e ao comércio, "para que os homens do trabalho possam assim, manifestar as virtualidades da iniciativa privada, sem a qual não pode haver verdadeira liberdade".

Ouvido, Manuel Ricardo do Espírito Santo, presidente do Conselho de Administração do mesmo Banco, disse: "O futuro promissor que desejamos só é possível num clima de total cooperação e trabalho".

Abel Pinheiro (Grão-Pará) faz suas as palavras de Champalimaud e acrescenta que se torna necessário facultar aos empresários o direito do "lock-out" como contrapartida do direito à greve.

Os leaders do grupo CUF, *Jorge e José Manuel de Melo* também apoiam a Junta e declaram-se dispostos a continuar a investir no nosso País. São favoráveis à construção de uma democracia de tipo ocidental, coexistindo os vários partidos inclusivé o comunista.

Seguidamente informa-se:

"Particular interesse têm as opiniões de *Jorge de Brito*, dada a sua posição na BRISA, empresa que se não houver alterações construirá as auto-estradas adjudicadas pelo Governo de Marcelo Caetano.

"Para Jorge de Brito a festa do 1.º de Maio impunha-se há muito tempo, constatou um número de socialistas superior ao que muita gente pensava e defende a necessidade de muita calma e poderação nesta fase da vida do País. Não exclui a hipótese de a banca vir a ser nacionalizada, mas não lhe parece acertada".

"Por sua vez, o prof. *Carvalho Fernandes*, em nome da ITT, declarou que na sua actividade aqui também não tinha relações com os aspectos políticos e que o lema que geralmente seguia era: o que for bom para um País é bom para as empresas aí estabelecidas".

Eng. *Nobre da Costa*, presidente da Comissão Executiva da Sacor, disse-nos que a posição da sua empresa fora já manifestada através de um telegrama de apoio que o concelho de Administração enviara ao M.F.A.

"Como opinião pessoal e sobre as prespectivas futuras para a nossa economia, Nobre da Costa disse-nos que o alinhamento político com a Europa virá certamente facilitar contactos económicos que até agora vinham sendo dificultados".

Ainda no mesmo artigo "Interrogado acerca do actual momento político e da sua incidência sobre a evolução da economia portuguesa, o dr. Correia de Oliveira antigo ministro da Economia e actual membro das Administrações do Banco Fonsecas e Burnay e da Diamang declarou:

"Muito mais do que um programa, compreensivelmente ainda só definido nas suas linhas gerais e que, por isso me não permite juizo de valor definitivo senão depois do esclarecimento de interrogações fundamentais que a minha inteligência faz à sua própria e firme formação política, o que para mim conta, neste momento, é sobretudo a qualidade dos homens que assumiram a chefia do movimento militar e constituem a Junta de Salvação Nacional.

Ora, todos esses homens—e muito especialmente o seu Presidente que no peito ostenta a Torre e a Espada heroicamente ganhos na defesa de Angola e da Guiné—todos esses homens, dizia, que têm um passado ao serviço da Pátria só podem querer um futuro que é o de construirem um Portugal cada vez maior e cada vez melhor para todos e cada um dos portugueses. Disto, não duvido e faço os mais fervorosos, ansiosos votos para que seja assim o futuro".

"Finalmente, o industrial Domingos Megre (o candidato oposicionista em 1969) afirmou ao "Expresso":

"A primeira coisa que importa dizer é que o Movimento das Forças Armadas colocou-se a todos e ainda bem, perante realidades sócio-políticas e económicas que, finalmente, nos obrigam a ter muito mais em conta essas realidades, do que o cómodo apego a protecionismos e linhas monolíticas de actuação claramente anquilosantes".

Mais à frente, o mesmo industrial acrescenta, a terminar:

"Não nos podemos esquecer que o problema essencial que hoje está posto aos portugueses é, na realidade, um problema de sub-desenvolvimento global.

Falar num problema económico, falar num problema industrial, falar num problema social, falar num problema de juventude, falar no problema da cultura, é anunciar um problema global, englobante ele de todos os outros—nem mais nem menos que o problema do homem português posto diante de estruturas que o não entendiam, nem suportavam e de que ele não participava e, por isso, também não conhecia.

Partir portanto do zero?

Estaria tentado a dizer que sim, ao menos como disponibilidade para tudo assumir a repensar sem preconceitos nem temores".

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Ainda no "EXPRESSO": outro dos administradores agora em choque com empregados é o dr. Azeredo Perdigão, principal administrador da Fundação Calouste Gulbenkian. De acordo com informação dos mesmos empregados, este alto funcionário pretendera interrompê-los quando, no bar do Museu da avenida de Berna, discutiam assuntos relacionados com a sua situação profissional.

No dia 7, o "Diário Popular" afirmava: "PORTUGAL PODERÁ SER O 18.º PAIS DO CONSELHO DA EUROPA". Esta notícia baseava-se na circunstância de o Conselho da Europa ter aberto caminho para Portugal se tornar membro do organismo de 17 nações, que está a realizar em Estraburgo, sessões especiais para assinalar o seu 25.º aniversário.

O motivo porque Portugal ainda não fora convidado a requerer filiação naquele conselho baseava-se na política ditatorial do anterior regime. Cessado este, e caso efectivamente a política portuguesa se oriente no sentido de solucionar os problemas ultramarinos, e permitir o estabelecimento de instituições democráticas, há todo o interesse em convidar Portugal a fazer parte daquele organismo.

No mesmo jornal: "O GENERAL KAULZA DE ARRIAGA DESMENTIU QUE TENHA ENCABEÇADO UMA TENTATIVA DE CONTRA-REVOLUÇÃO".

Notícias postas a circular teriam afirmado que o Chefe das Forças Armadas em Moçambique se tinha envolvido num movimento tendente a sabotar a revolução. Gerou portanto natural expectativa a notícia do seu encontro na passado dia 7 com o General Spínola. Jornalistas aguardavam Kaulza de Arriaga à saída do Palácio de Belém, a fim de o interrogarem sobre à veracidade do boato. O general desmentiu categoricamente qualquer implicação sua numa contra-revolução. Sobre a situação em Moçambique o general Kaulza de Arriaga disse a um enviado da Televisão francesa: "Talvez seja melhor perguntar à Junta".

GREVE?

Entretanto, a crise na Siderurgia Nacional que parecia encaminhar-se para uma solução a contento de ambas as partes,

TAMBÉM VOCÊ PODE TER UMA PROFISSÃO

* reputada
* bem paga
* com futuro

FAÇA-SE

TÉCNICO DIPLOMADO

em qualquer de vários ramos muito procurados

MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS
ELECTRICISTA DO AUTOMÓVEL
MECÂNICO DE MOTORES "DIESEL"
LOCALIZAÇÃO DE AVARIAS

SERRALHEIRO
SOLDADOR
TORNEIRO

DESENHADOR INDUSTRIAL
DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL
DECORAÇÃO
DESENHO ARTÍSTICO

ELECTRICISTA

ESTUDANDO POR CORRESPONDÊNCIA

- sem sair de sua casa
- com pequeno gasto
- sem abandonar o seu trabalho
- dispondo de assistência completa

CETOP
CENTRO DE ENSINO TÉCNICO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
Apartado 7
Mira-Sintra
Mem Martins
Portugal

Peça folheto ou inscreva-se hoje mesmo

Estou interessado no(s) seguinte(s) curso(s):

NOME:
MORADA:
LOCALIDADE: Ref.ª N.-B-107

NEOGRÁFICA,LDA.NEOGRÁFICA,LDA.NEOGRÁFICA,LDA.NEOGRÁFICA,LDA.NEO

Para impressão a cores só na casa que se serve

disseram esta semana

tendo como medianeiro um delegado da Junta de Salvação Nacional, voltou a ponto zero, segundo noticia o "Diário Popular" de terça-feira.

Uma comissão de 28 trabalhadores informou que a administração da Siderurgia se tinha retrado, "endurecendo e fechando qualquer plataforma de entendimento". Por isso, aquela comissão juntamente com o corpo técnico está disposta a exigir a presença de António Champalimaud em Portugal para assumir a direcção da Fábrica. A última possibilidade de solução está marcada para dia 13, data da nova reunião.

HÁ BOAS CONDIÇÕES PARA UMA RÁPIDA EXPANSÃO ECONÓMICA

—DECLAROU O DR. VASCO VIEIRA DE ALMEIDA AO "DIÁRIO DE LISBOA"

Apontado em alguns círculos como ministro das finanças do governo provisório, o dr. Vasco Vieira de Almeida, delegado da JSN, fez declarações ao vespertino lisboeta das quais respigamos: "A primeira preocupação da Junta de Salvação Nacional foi a urgente adopção de disposições destinadas a impedir acções especulativas, a todos os níveis, as quais tiveram por objectivo assegurar a protecção dos interesses nacionais, impedir a fuga de capitais, obtar à saída abusiva de fundos do circuito bancário"

Depois de desmentir boatos sobre pretensas fugas de capitais, o dr. Vieira de Almeida afirmou estarem a ser efectivamente aplicadas disposições para controlar rigorosamente a subfacturação nas exportações e a sobrefacturação nas importações. Referiu também as preocupações relativas aos problemas de abastecimento, salientando a colaboração leal dos armazenistas e retalhistas. Sobre a possível expansão da economia disse:

—O que pretendemos não é apenas o regresso à normalidade, mas o rápido crescimento económico. Ao contrário do que já tem sido afirmado, possuímos boas condições para promover um crescimento económico acelerado. Dispomos de uma massa de poupança elevada, cerca de 17 a 18 por cento do Produto Nacional Bruto, o que nos confere uma situação privilegiada em relação a outros países subdesenvolvidos e o que nos leva a encarar com optimismo o futuro da economia portuguesa"

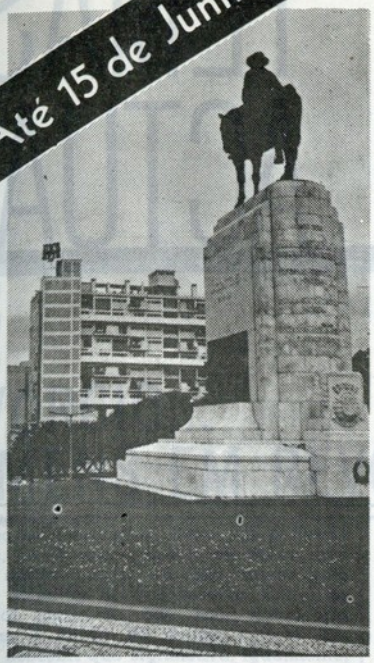
Depois, e em resposta à pergunta sobre a aniquilação do regime corporativo e consequente dinamização dos sindicatos, o dr. Vieira de Almeida acrescentou:

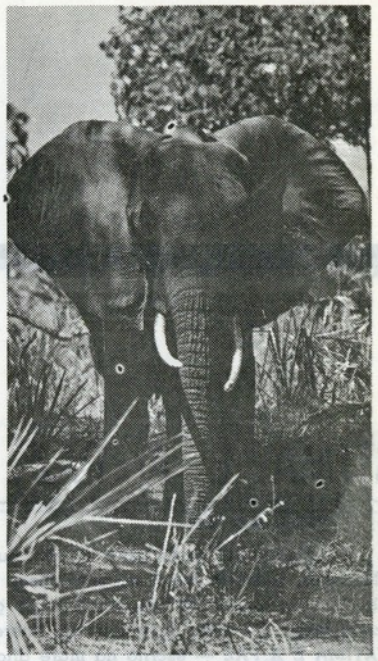
—Há reivindicações de salários que é necessário e justíssimo satisfazer imediatamente. Mas não se deverá esquecer que a melhoria da distribuição dos rendimentos depende em grande parte do crescimento da produção, uma vez que só é possível distribuir o que se possui. Note que os sindicatos, os trabalhadores, se mostram em geral conscientes da necessidade de evitar tensões económicas e sociais que possam fazer perigar a realização do programa do Movimento das Forças Armadas.

A terminar não podemos deixar de referir uma notícia curiosa, em transcrição do DIÁRIO DE LISBOA, sob o título: "ATÉ AS VACAS SÃO VITIMAS DO FASCISMO"

Ao que parece a Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azeméis encontra-se em crise, e caso não se possa concretizar o aumento do preço do leite no consumidor, será necessário abater para carne as vacas lactantes.

Até 15 de Junho





O encontro com Lourenço Marques.
Conhecer ou matar saudades
de uma capital diferente.
Fazer amigos. Ou revê-los.
A emoção da viagem!

Alvo preferido do turismo
o litoral da Beira:
um congresso do lazer, do prazer,
com os mais belos corpos abandonando-se
à envolvente generosidade do sol!

O safari no Parque Nacional da
Gorongosa. A pujança da Natureza!
A verdade irrecusável da fauna
e da flora. Um estímulo empolgante
para a sua imaginação!

A compra de um colchão EDAL habilita-o ao prémio de uma viagem de ida-e-volta a Moçambique (L. Marques, Beira e Gorongosa), para duas pessoas, tudo incluído e um Seguro de Viagem da Confiança e Mundial de Angola.

A qualidade do colchão já é muito. A oportunidade do safari, agora, é muito mais! Até 15 de Junho!

O COLCHÃO QUE REALIZA O SONHO

TEMAS ACTUAIS

RELIGIÃO

IGREJA NOVA-IGREJA VELHA

FÁTIMA E A PAZ

POR JOAQUIM MOREIRA

(À maneira de carta, para o meu ilustre amigo D. Luiz Saraiva de Menezes, a quem uma noite conheci na esplanada do Baleizão. Escritor fino e pintor de rasgado mérito, guardo dele, para além da amizade que o Baleizão cimentou, um interessante livro de sua autoria — FÁTIMA E A PAZ — escrito na maré alta do catolicismo e portuguesismo que o Ano Santo de 1950 entre nós despertou).

Acusam-me de progressista e inimigo da Tradição. No entanto queria dizer-lhe hoje com quanto gosto trouxe comigo e, no devido tempo, li o livro que me quis oferecer meses atrás em Luanda. Era sobre esse seu livro que desejaria hoje falar, numa altura em que Fátima pode vir naturalmente à cena, em virtude de estarmos festejando mais um 13 de maio.

O que terá, contudo, a ver com progressismos ou tradicionalismos o não gostar ou gostar de um livro escrito na década de cinquenta? Que defesa poderá significar para mim o ter lido com gosto um livro que alinha mais pela tradição que pelo progresso ou, quando muito, foi um livro relativamente progressivo, mas em tempos já bastante recuados?

Penso que não pode haver progresso que não assente na crítica do passado. Progredir não é negar nada do que vai ficando para trás, mas reconhecer que o passado, em muitos dos seus aspectos condenado à curiosidade de historiadores e cronistas, nos deverá sempre merecer um gesto de homenagem: ele é a condição do progresso e do futuro.

Situa-se o seu livro no esplendoroso contexto da cristandade em Jubileu, em comemoração do Ano Santo de 1950. Fátima foi escolhida pelo então Papa Pio XII para local universal de encerramento do Ano Santo da Cristandade católica. Eram tempos em que o Vigário de Cristo na terra não saía do Vaticano. Assim ele «veio» a Fátima na soberana figura do seu Cardeal Legado, o Cardeal Tedeschini. E a humilde terra portuguesa de Fátima foi cenário de pompa, ali se reunindo a fina púrpura da Igreja universal católica. E o milhão de pessoas, de todas as condições e latitudes, arrancou à sua pena de escritor arroubos de imaginação e compreensível euforia: era a imagem viva da cristandade gloriosa, era Cristo glorioso e triunfante, era a vitória da Igreja! Confesso que gostei de recordar, pelo seu livro, todo um ambiente que também chegou a ser o meu e pelo qual cheguei igualmente a terçar armas, se bem que hoje me deixe indiferente, pouco tendo faltado para me deixar revoltado. Não encontro, porém, nos actuais tempos da Igreja, outra **revolta** que não seja uma graciosa absolvição do passado que nos mereceu tão rudioso futuro.

Cristandade e Cristianismo assumem no meu espírito posições contrárias. Mil novecentos e cinquenta era cristandade, e teve o Jubileu que merecia, que o Eminentíssimo Legado Pontifício definiu, paternalmente, como **a Prodigalidade da Igreja ao distribuir os tesouros do património de Cristo, a ternura maternal da Igreja ao chamar os seus filhos para o regresso e o perdão.** Mil novecentos e setenta e cinco pretende e pode ser cristianismo, e Paulo VI definiu o jubileu numa linha bem diversa, de dentro para fora, de baixo para cima, como **Renovação e Reconciliação.** Não já um apregoar de glórias, mas um exame de consciência.

.....

Proporcionou-me FÁTIMA E A PAZ um saudável balancear do passado e do presente, e aqui residiu para mim o inestimável valor do seu livro, para além de um bom número de verdades que não são de ontem, nem de hoje, mas de sempre. Cito algumas:

> «A Fé tornou-se quase inconscientemente, mesmo para os crentes, um aspecto individual da vida a que é alheio o **nós** colectivo». Quem não vê nisto um perigo também para os nossos dias?

Depois, a magistral observação de Marto, pai de Francisco e Jacinta, quando repreendia certos peregrinos de Fátima:

> «Toda esta gente vem rezar e pedir coisas à Cova da Iria, à Senhora de Fátima, pedem, pedem, e rezam mas não fazem pelas coisas! Isto é tudo uma embrulhação!».

Assim é, ainda hoje, infelizmente! E poderão continuar a ser estes os perigos de um Ano Santo, se tudo se centrar em aspectos de organização exterior, se, a um Ano Santo missionário, preferirmos o Ano Santo de cristandade imperial.

Obrigado, pois, D. Luiz de Menezes pelo seu livro que não me importaria de assinar como documento de uma Igreja que caminha.

DIVÓRCIO... HOMENS EM REVOLTA

POR JEAN WESTIN

Fiquei estupfacto», disse um professor inglês, de 35 anos». Exerceram sobre mim uma discriminação tal que quase não podia acreditar no que sucedia. Entrei no tribunal pensando que isso significaria apenas a perda da minha mulher. Em breve descobri que significava, igualmente, a perda dos meus filhos, da minha casa e dos meus bens. Ainda por cima fui obrigado a pagar as despesas do advogado da minha mulher».

O professor alega que um julgamento «vingativo» negou-lhe arbitrariamente a custódia dos filhos, direitos de visita e um acordo financeiro equitativo.

Não é caso único. Todos os anos, 400.000 homens passam pelo tribunal de divórcio, só nos Estados Unidos. Hoje é contra os homens que se ergue a maior descriminação. Dentro dos próximos dois anos, contudo, ex-maridos de toda a América tencionam juntar-se em grupos de auxílio pró-reforma do divórcio.

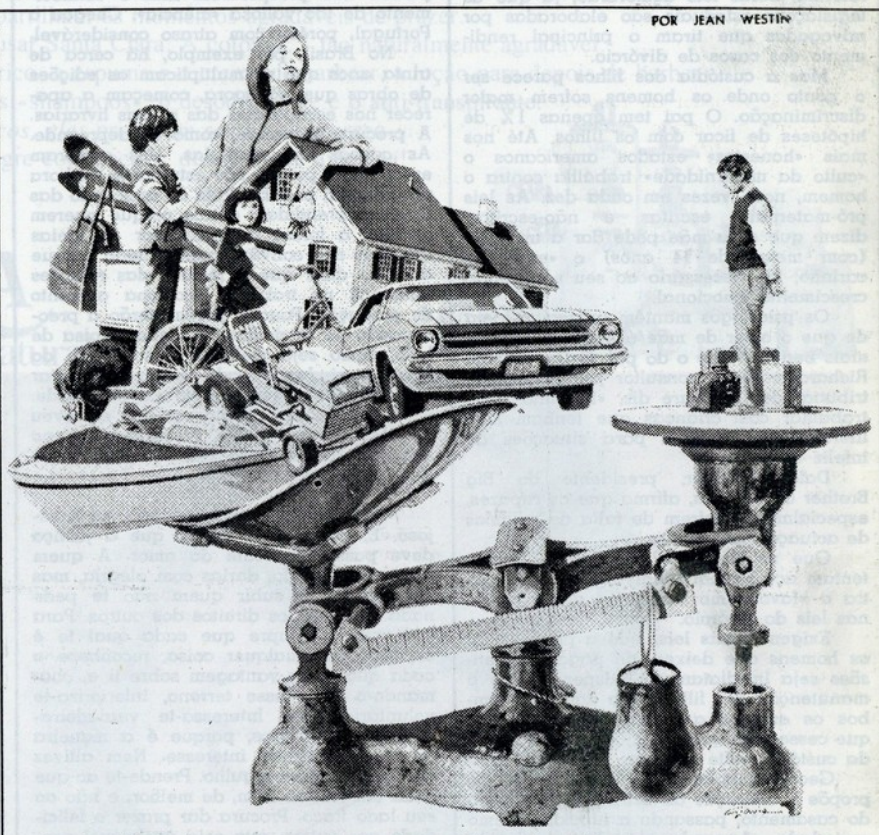
Assim surgiram, das frustações de milhares de homens, a ADAM (American Divorce Association for Men — Associação Americana de Divórcio para Homens), em Chicago; em New York, o Commitee for Fair Divorce (Comité para Divórcio Leal); na Pennsylvânia, a United States Divorce Reform (Reforma do Divórcio dos Estados Unidos); o Institute of Divorce, em Wisconsin; e o DADDY (Dads Alienated or Deprived of Dependent Youngstars), na Califórnia, exige-se o fim da desiguldade nas leis do divórcio, e o termo do cavalheirismo pró-feminino dos tribunais, à custa deles.

E por que preço! Na Califórnia, o divórcio é uma «indústria» que mobiliza 90 milhões de dólares anuais, com um custo médio por unidade de 600 dólares (cerca de 15.000$00).

No ano passado, a ADAM analisou 149 casos de Chicago e verificou que os homens pagaram um total de 250.000 dólares de despesas de advogados deles e delas.

Louis Filczer, presidente da ADAM diz, «Há muito lucro para os advogados com os divórcios». O seu grupo garante que os advogados não representam devidamente os homens nos tribunais. «Hesita-se em levantar o problema de direitos iguais para os homens, «diz Filczer». Receiam antagonizar o juiz. Quando o homem pede para ficar com os filhos ou com a casa, a maior parte dos advogados dizem que esqueça isso».

Em consequência, alguns grupos sustentam que o homem a divorciar deve ser o seu próprio advogado. Nat Denman, engenheiro civil de Massachussetts, sem treino legal formal, venceu por duas vezes no tribunal, em seis divórcios, e aconselhou muitos outros vencedores. Denman, que viaja pelo país, encorajando outros homens, diz-lhes, para lerem queixas e apelos nos tribunais de divórcio e que usem bibliotecas de direito para se prepararem. Insiste que os homens podem não só tratar de tudo sem advogado como também sair-se melhor. «Como podemos confiar a um advogado os nossos direitos e os nossos filhos?» pergunta Denman. «Lee Beiley (famoso advogado de divórcio) era meu advogado e, mesmo assim, perdi».



A ADAM e o Conselho Nacional para a preservação da Família, uma coligação de organizações para a reforma do divórcio, pedem a eliminação da pensão de divórcio para as mulheres que sejam mental e fisicamente capazes de trabalhar. E os tribunais começam a levar isso em conta, pensando em termos das alegações femininas para direitos iguais.

«O tribunal leva em linha de conta a comprovada capacidade, o desejo das mulheres de hoje em providenciarem o seu próprio bem estar económico», disse o Supremo Tribunal de Massachussetts, recusando o pedido de uma ex-esposa que exigia uma pensão de 1.500 dólares.

Segundo os novos estatutos recentemente aprovados em New Jersey, um homem tem direito a metade dos bens, pensão e pagamento de despesas com os filhos, tal como a ex-esposa. Segundo a lei antiga nem sequer receberia uma parte equitativa dos bens. Em Illinois, um homem foi libertado do pagamento de pensão quando conseguiu demonstrar a separação de ordenados em tribunal. Ganhava duas vezes mais do que ela. O juiz decidiu que não precisava de dinheiro.

TEMAS ACTUAIS

DIVÓRCIO...
(conclusão)

Salvo raras excepções, contudo, o problema da pensão de divórcio aguarda legislação de igualdade de direitos para os homens. De acordo com os grupos de reforma, essas leis demorarão, já que as legislações estaduais são elaboradas por advogados que tiram o principal rendimento dos casos de divórcio.

Mas a custódia dos filhos parece ser o ponto onde os homens sofrem maior discriminação. O pai tem apenas 1% de hipóteses de ficar com os filhos. Até nos mais «honestos» estados americanos o «culto da maternidade» trabalha contra o homem, nove vezes em cada dez. As leis pró-maternais, escritas e não-escritas, dizem que só a mãe pode dar a um filho (com menos de 14 anos) o «especial» carinho, tão necessário ao seu satisfatório crescimento emocional.

Os psicólogos mantêm a arcaica ideia de que o amor de mãe é necessariamente mais benéfico que o do pai. O Dr. William Richardson King, consultor psiquiátrico do tribunal de Delaware diz, «É muito triste trabalhar com crianças que tenham sido literalmente vendidas para situações de infeliz custódia».

Dale Deitemer, presidente do Big Brother of América, afirma que os rapazes, especialmente, sofrem de falta de modelos de actuação masculinos.

Que se tem feito? Homens militantes tentam acções individuais e de grupo contra o «favoritismo feminino» desenvolvido nas leis do divórcio.

Exigem novas leis; que a prisão para os homens que deixem de pagar as pensões seja imediatamente suspensa; que a manutenção dos filhos seja dada por ambos os esposos a um membro neutro e que cesse logo que o conjuge beneficiando da custódia volte a casar.

George Doppler, da U. S. Divorce Reform, propõe a alteração da estrutura económica do casamento, passando a funcionar como sociedade. Aquando do divórcio, seria declarada «falência».

Do lado positivo, a ADAM propõe que os tribunais e advogados de relações domésticas sejam substituídos por centros arbitrários de família, dirigidos por profissionais em relações humanas. Divórcio deveria ser uma questão de preenchimento de formulários, tal como o casamento — e não deveria custar mais do que este. Louis Filczer, presidente da ADAM (e a sua nova associação auxiliar de mulheres simpatizantes, EVA) admite que a mudança será lenta, mas chegará.

Uma máxima para a reforma do divórcio foi lançada na última Acção de Graças do Centro Cívico de Chicago — um dia tradicionalmente dedicado à família e ao lar. «Não tem de quê. Mas eu perdi o meu lar».

RELAÇÕES HUMANAS

"CIÊNCIA" ANTIGA

POR NATHALIE

Muito se fala actualmente em «relações humanas». Organizam-se cursos, publicam-se numerosos livros, as empresas parece não prosperarem sem o conhecimento de tão valiosa «ciência». Chegou a Portugal, porém, com atraso considerável.

No Brasil, por exemplo, há cerca de trinta anos que se multiplicam as edições de obras que, só agora, começam a aparecer nos escaparates das nossas livrarias. A procura é grande, como se depreende. As causas são múltiplas. Uns compram esses livros porque são estudiosos, embora não tenham possibilidade de aplicação das teorias aprendidas; outros porque querem estudar a forma de contrariar as ideias que lhes não convêm; outros ainda porque ouviram dizer que a técnica das relações humanas no trabalho ocasiona aumento de produção. Poucos, porém, terão a preocupação de se dedicar a alguma coisa de belo, como seja melhorar a formação do Homem, ajudando cada um a conquistar o lugar a que tem direito na sociedade.

Recordamos as palavras que escreveu o filósofo suíço Henri Frédéric-Amiel no seu «Diário Íntimo». Não resistimos ao desejo de transcrevê-las:

«Precisas de amar para não ser invejoso. E, no entanto, sabes que a justiça deve passar à frente do amor. A quem fosse reconhecido, darias com alegria, mas não ajudas a subir quem não te pede nada. Respeita os direitos dos outros. Para isso, pensa sempre que cada qual te é superior em qualquer coisa, reconhece a cada qual essa vantagem sobre ti e, chamando-o para esse terreno, inferioriza-te voluntariamente. Interessa-te verdadeiramente pelos outros, porque é a maneira de lhes inspirares interesse. Nem altivez nem dureza, nem orgulho. Prende-te ao que cada um tem de bom, de melhor, e não ao seu lado fraco. Procura dar prazer e felicidade aos outros; que seja agradável conviver contigo. A amabilidade é um reflexo do amor.

Sê justo. Quer dizer: respeita a individualidade de cada qual, respeita as opiniões, os raciocínios dos outros; escuta os outros com deferência, consulta-os e não te imponhas. Sê bom. Procura fazer bem, esclarecer, interessar, aliviar, socorrer, etc.. Sê flexível. Não peças a alguém o que não possui. Aceita os outros tal como são; não peças amizade ao que só é espirituoso nem espírito ao que tem, sobretudo, instrução. Aprende a moldar-te aos diversos carácteres».

E depois de aconselhar a ser sincero, Amiel, conclui os apontamentos deste dia: «Propriedade no estilo, na língua, nas acções, é a proporcionalidade constante com os lugares, as épocas, a idade, o sexo, as circunstâncias, etc.. É a expressão do que é verdadeiro, o tacto do que é justo».

Esqueciamo-nos de dizer a data em que Amiel escreveu estas palavras: 31 de Dezembro de 1847!

Os princípios em que se baseiam as Relações Humanas, não são novos, como se vê. Sem aprofundarmos e onde isso nos levaria! — já há mais de cem anos, Amiel afirmava: «Melhorai o homem, tornai-o mais justo, mais moral, mais humilde, mais puro; — é a única reforma que não tem qualquer inconveniente correlativo. As instituições só valem o que vale o homem que as aplica. O nome, o partido, o hábito religioso, a opinião, o sistema, são coisas quase insignificantes e frívolas em comparação com o valor intrínseco dos indivíduos. Ortodoxo ou liberal, conservador ou radical, branco ou negro, rico ou pobre, realista ou republicano, direi mesmo católico ou protestante, cristão ou judeu, são distinções ainda superficiais no pé desta que considero: «Dize-me o que amas e dir-te-ei o que és; e tu só vales o que és».

Não basta, pois, ler livros sobre Relações Humanas para se poder chegar às Relações Humanas. Quem julgar que o pomposo título lhe empresta capa de santo ou ar de arrependimento, empregará mal o seu dinheiro.

É preciso amar e sofrer, ou ter amado e ter sofrido, para se poder sentir como nosso tudo quanto a Dor e a Felicidade podem dar a um ser humano.

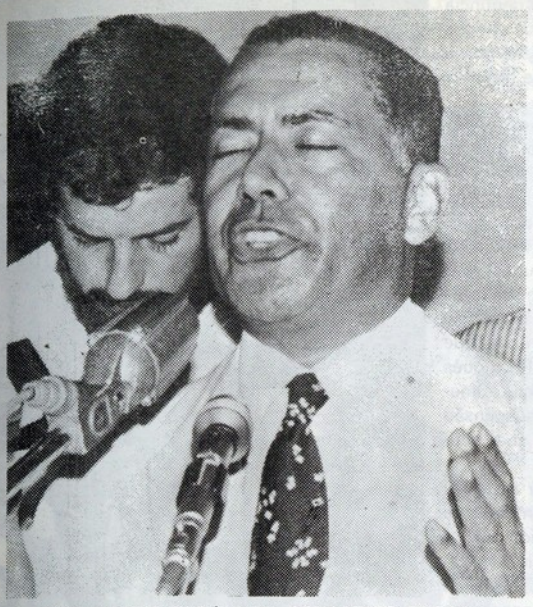
Acreditamos nos pequenos gestos, que fazem a naturalidade de bem-viver.

Pequenos gestos carregados de importantes e ternas intenções. Perfumados de beleza e espontâneos, eles partilham os momentos agradáveis de prazer.
O natural prazer de usar Santa Clara. A colónia... tão naturalmente agradável.
O sabonete, o dentífrico, a espuma e o creme de barbear, a loção para depois de barbear, o leite de limpeza, os «shampoos», o desodorizante e o anti-transpirante.
Sem produtos sintéticos, eles procuram seguir a natureza...
donde nasce uma alegre confiança... donde nasce a beleza!

SANTA CLARA
essencialmente natural

PLANIGF

SINDICATOS LIVRES
1º DE MAIO
VIVA
AS
LISBOA

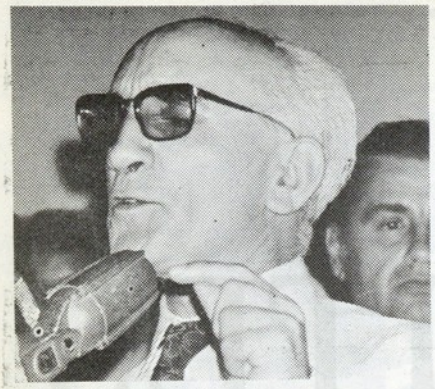


O MAIS INFELIZ TERÁ SIDO SEBASTIÃO PESSOA.

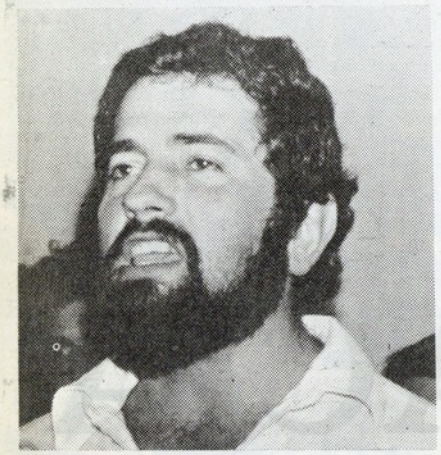
OS LIMITES DA DEMOCRACIA

DR. MARIA DO CARMO MEDINA

Vibração já tem acontecido no Estádio da Ilha, mas desta vez a festa não era de golos. Mais de duas mil, pessoas reuniram-se ali para assistir e ou comparticipar na reunião convocada pela Comissão Democrática de apoio à Junta de Salvação Nacional. Ainda mais do que os oradores inscritos falaram os que para isso pediram autorização. Entre estes o mais infeliz terá sido Sebastião da Costa Pessoa que parece não se ter integrado por aí além no espírito da reunião e foi "ruado" em menos dum fósforo, aos gritos de "a democracia tem limites" (o que é afirmação de alguma sensatez mas já deu aso a algumas tragédias razoáveis...). Os restantes foram vivamente aplaudidos. O Dr. Eugénio Ferreira, que preside a Comissão Democrática, lembrou uma longa lista de democratas e, utilizando uma linguagem um tanto empolada (..."holocausto dos abutres que sorveram sofregamente a seiva e o suor das pedras vivas da Nação...") abriu uma sessão que lá mais para diante haveria de assumir tom mais polémico. Outro nome conhecido, a Dra. Maria do Carmo Medina, lembrou os partidos políticos angolanos e manifestou a sua confiança no futuro do povo de Angola. Depois a coisa complicou-se um pedaço com sucessivos oradores, nem sempre demasiado coerentes ou explícitos embora sempre entusiastas. O mais escutado terá sido o Dr. João Urbano que requereu as instalações da DGS e da MP para a Comissão Democrática, garantiu que a presença dos militares é dispensável dado que os angolanos, livres das pressões anteriores, saberão escolher o seu destino, requereu a presença dos militares para assegurar as liberdades prometidas pela Junta e isto sempre vivamente aplaudido.



DR. CRUZ FERREIRA



DR. JOÃO URBANO

DR. EUGÉNIO FERREIRA

OS LIMITES DA DEMOCRACIA

Na intervenção de Joaquim Tomaz de Carvalho o aspecto saliente terá sido a denuncia da forma como tinham sido recebidos os antigos dirigentes da DGS. Entretanto, a Assembleia apoiava uma solicitação para o corte de relações com a África do Sul e Rodésia.

O inesperado da reunião foi garantido por José Luis Faria, empregado bancário, que se apresentou como representante do MPLA e que fez larga apologia do Dr. Agostinho Neto, perguntando: "porque é que o povo português não se mentaliza de que Angola não é Portugal?"

Algo surpresa a Assembleia aplaudiu, mas não foram poucos os que se remexeram com alguma inquietação. Interveio depois Varela Soares para ler o texto duma acta de reunião de alguns elementos do Rádio Clube Português (delegação de Luanda) na qual se exigiu a imediata demissão de Paulo Cardoso e a suspensão de Costa Macedo até se averiguar das suas actividades no aspecto político.

Antes de Eugénio Ferreira encerrar a sessão com desejos de reconciliação e fraternidade, a Assembleia aprovou a seguinte moção:

Considerando que os princípios reais e verdadeiros que enformam o programa da Junta de Salvação Nacional ainda não foram consagrados pelas medidas aplicadas em Angola;

Considerando que se giza já por Angola uma corrente que propugna uma independência unilateral da minoria branca;

Considerando que se pretende levar a efeito um trabalho de preparação das massas;

Propomos que: 1.º — Seja eleita uma comissão representativa dos democratas de Angola, em plenário a convocar imediatamente.

2.º — Que essa Comissão inicie imediatamente conversações com a Junta no sentido de

a) — Pôr termo, imediatamente à guerra colonial, iniciando conversações e permitindo que os movimentos de libertação regressem imediatamente a Angola, para que, em liberdade possam fazer-se ouvir e possam preparar e esclarecer as massas.

b) — Exigir a cedencia das instalações de uma das extintas DGS ou MP para sede do Movimento.

c) — Reivindicar a presença em Angola de verdadeiros representantes da Junta de Salvação Nacional, que salvaguardem a liberdade e ponham em execução o programa anunciado para todo o País.

d) — Que as cidades de Salazar e Carmona e praças, ruas, bairros, etc., passem a ter , imediatamente nomes decentes".

De registar nesta reunião:

— a esmagadora maioria branca presente;

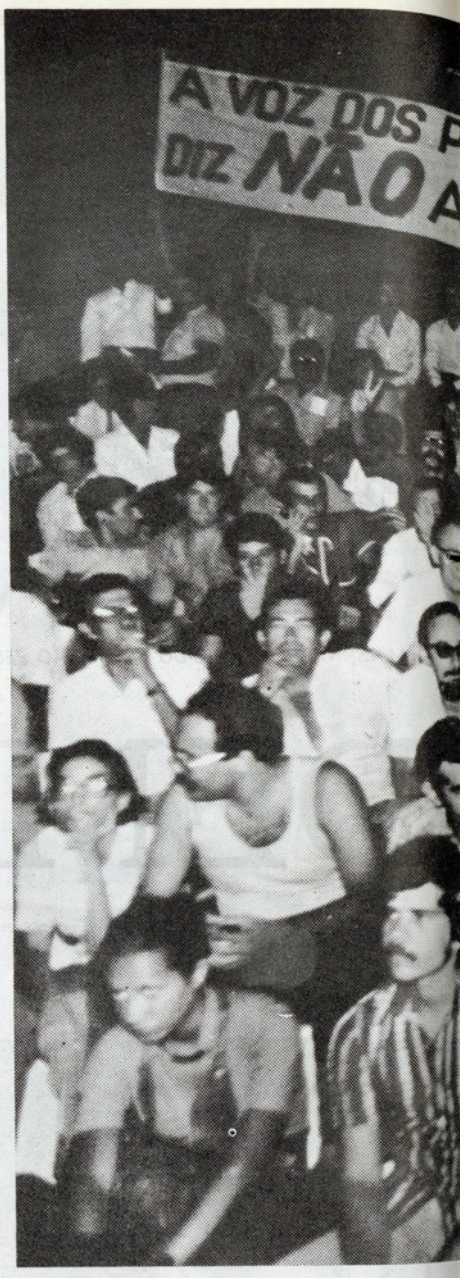
— o alarme que a transmissão em directo da reunião pela Emissora Oficial causou em importantes sectores da cidade;

— o primeiro aparecimento público dum representante (com que efectiva representação?) do MPLA. Aparição algo prematura quando o movimento continua em armas;

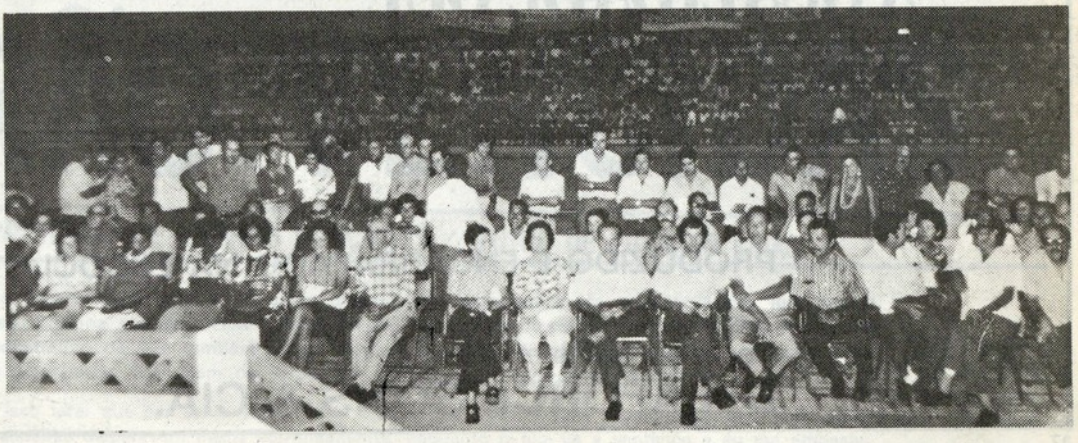
— o tom algo fora de moda de alguns democratas mais idosos;

— a exaltação anti-capitalista de alguns oradores a pôr um pedaço em perigo os iates de alguns conhecidos democratas presentes.

No dia seguinte, a Comissão Democrática protestaria contra um título de "a província de Angola" no qual se afirmava terem os democratas pedido a imediata independência para Angola (efectivamente pedida mas não pelos elementos da Comissão).



LIBERTAÇÃO DE TODOS
OS PRESOS POLITICOS
OVOS
GUERRA



O VAT 69 ERA JÁ O MELHOR!

Assim o decidiram por unanimidade os conhecedores convocados em 1863 por William Sanderson para escolher o seu melhor "blend" e assim continuam a dizer em todo o mundo todos os que sabem apreciar um bom e genuíno "Scotch".
Não vamos dar-lhe o "segredo" de VAT 69: podemos é garantir-lhe que a sua já longa história foi uma boa escola!

BEBA VAT 69!

NA VELHA TRADIÇÃO DO SCOTCH, A QUALIDADE QUE O SEU GOSTO PREFERE!

PRODUZIDO E ENGARRAFADO NA ESCÓCIA

Representantes exclusivos:
DELAFORCE SONS & CIA.

CONTESTAÇÃO NA SALA DO TRIBUNAL

MULHERES UNIDAS JAMAIS SERÃO VENCIDAS

REPORTAGEM DE ANTÓNIO GONÇALVES // FOTOS DE EDUARDO BAIÃO

Honestamente creio que quem devia assinar esta reportagem era o meretíssimo juiz Acácio Lopes Cardoso. Bastaria que eu tivesse tempo de pedir uma cópia da sentença e perante esse documento notável, demonstrativo de que também uma luminosa primavera desponta na magistratura, nada mais seria preciso acrescentar. Mas nem os aviões da TAP esperam pelos meus interesses.

Por isso terei que ser eu a explicar aos leitores que a sala estava superlotada, fotógrafos empoleirados nas cadeiras disparavam flashs continuamente, enquanto o juiz lia a sentença e eu me embasba

ABSOLVIDAS AS "TRÊS MARIAS"

cava de espantos. Pelos fotógrafos aceites, pela linguagem do magistrado. O libelo acusatório ruia, desfazendo-se em ridículo. Quando o juiz fez referência ao «jovem delegado do Ministério Público», sem utilizar um daqueles bolorentos chavões que começavam inevitavelmente por «ilustre» — raramente a-propósito — marcou bem a diferença de meio Século de convencionalismos medonhos. Houve claramente no tom do magistrado uma demonstração de afecto e admiração pela atitude do efectivamente jovem delegado, que tomara a atitude corajosa de pedir a absolvição das três Marias e do editor Romeu de Melo.

Não quisera o juiz ler a sentença no dia 18 de Abril pelo facto de saber o Tribunal cercado pela temível polícia de choque. No dia 7 de Maio, porém, tudo era incomparavelmente diferente. Não só foi possível absolver os réus, como fazer público elogio à solidariedade revelada por trinta intelectuais que testemunharam a favor do livro e das autoras. Por fim, o magistrado incitou as escritoras a prosseguir ao serviço da cultura, ao serviço do País. Esboçaram-se palmas, reprimidas por hábitos antigos do que se convencionava ser um comportamento respeitoso numa sala de audiência.

Tão-logo o juiz abandonou a sala começava uma nova contestação: Mulheres-Unidas-Jamais-Serão-Vencidas, entoado em coro.

— Isabel Barreno fale-me do livro. Que razões as levou a escrevê-lo?

Para mim foi fundamentalmente a luta pela mulher. Eu já tinha bastante essa preocupação nos meus outros livros, porque é um dos problemas que mais me interessa na sociedade. E tenho o cuidado de acrescentar que muita gente julga que esta questão na luta pela mulher supõe uma posição revisionista ou reformista porque, enfim, coarta a solidariedade entre as massas e põe a mulher contra o homem, ou a parte do homem. Acho que esta maneira de ver é bastante falsa, acho que ver a sociedade só por exemplo do ponto de vista da convicção de classes, escamoteia a maior parte do problema das mulheres. Basta ver que, socialmente, o papel principal da mulher ainda não é o de trabalhadora. Mesmo quando a mulher trabalha está tacitamente condicionada ao seu papel de produtora de crianças e de dona de casa, condicionada em toda a sua vida. Portanto quando se fala em termos de luta de classes ou contradição de classes, as mulheres ficam praticamente de fora da questão porque não é isso realmente que define a posição de classe das mulheres, não é fundamentalmente a sua relação com os meios de produção. Não é esse o papel que a sociedade espera fundamentalmente das mulheres. A mulher está condicionada, antes de mais é realmente para o papel de donas de casa e produtora de crianças. Portanto eu penso que é necessário as mulheres consciencializarem-se e entrar na luta, que eu acho é necessário aliar a outras lutas, a luta de trabalhadores, por exemplo. Mas as mulheres têm fundamentalmente que começar por atacar os problemas que as condicionam directamente: a extinção familiar o poder real do homem como chefe de família, tudo isto é fundamental. Parto disso, até porque sou mulehr, e tenho que me identificar com o grupo ao qual pertenço de base e já em outros livros mostrei essa preocupação. Neste livro, de colaboração com outras duas mulheres, foi ainda — e fundamentalmente — isso o que me motivou a escrever, não só o tema como o próprio acto de escrevermos em colectivo considerei profundamente revolucionário. Uma das coisas que eu acho que também será tarefa do movimento feminista é contestar, inclusivamente esse mundo de hierarquias de valores e a figura do escritor como personagem individual. Todo esse género de imagens estão enfendadas a uma cultura que eu considero muito ligada ao espírito de concorrência que é imposto pela sociedade patriarcal e capitalista.

— Bom, depois, veio o proceesso. Como reagiram perante ele?

— Começamos por reagir de maneira negativa como tenho a impressão que acontece à maioria das pessoas neste País. Processo nunca esperamos realmente. Apreensão, sim, pensamos que fosse possível, mesmo considerando a existência de outros livros que enfim, objectivamente do ponto de vista deles, até eram mais apreensíveis. Mas não tivemos dúvidas nenhuma que o facto de sermos três mulheres a falar de certos assuntos, iria atrair muito mais repressão. Eu pelo menos pensei nisso. Portanto, embora pudesse ser uma coisa relativamente esperada, quando apareceu o processo isso deprimiu-nos. Deprimiu-nos sobretudo pela impossibilidade de lutar em que nos encontrávamos na altura. O que é que uma pessoa fazia neste País quando lhe acontecia uma coisa dessas? Aliás, viu-se: Os intelectuais solidariezaram-se connosco, enfim bastantes deles fizeram um abaixo assinado a Marcello Caetano e ao Ministro da Justiça. Nessa altura era tudo, mas tudo, o que se podia fazer. Houve todo um período durante o qual a gente fazia o possível por não pensar que tinhamos um processo e nem pensávamos nos meios de nos defendermos.

As pesosas, aqui, em Portugal, estavam tão condicionadas, tão sempre à espera de apanhar com a repressão em cima...

Depois, um belo dia, tivemos oportunidade de entrar em contacto com os movimentos feministas franceses e foi realmente o ponto chave para a nossa defesa, porque a partir da altura que nós nos sentimos internacionalmente apoiados pelas mulheres começámos a perceber que ia ser muito mais difícil ao governo de Marcello Caetano fazer-nos condenar.

Enquanto se tratou de uma coisa doméstica, que se passava sem conhecimento de ninguém, tudo era de esperar, mas en-

frentar a opinião pública mundial por causa de um livro que, por exemplo, relativamente ao problema das Colónias, seria sempre um problema menor, a acentuar mais a imagem de um Governo fascista repressor. Criou-se-lhes um certo problema, e a partir dessa altura nós começamos a sentirmo-nos muito mais optimistas, mas abstraindo desse pormenor do optimismo ou do pessimismo não há dúvida que a solidariedade internacional das mulheres nos trouxe uma consciência de valor. Mesmo que eventualmente tivessemos sido condenadas (bastava que isto se tivesse passado à mais tempo), o apoio internacional das mulheres para nós era muito importante, dava outro significado inclusivamente ao livro e à própria condenação que a eventualmente pudessemos ter.

— Mas já era intenção vossa a seguir ao livro criar o movimento feminista?

— Já. A ideia do movimento feminista apareceu-nos justamente quando estávamos a escrever o livro, e era a consequência natural, para mim e para a Teresa. A Fátima já tem uma posição algo diferente em relação a este aspecto. Não fomos para a frente, primeiro por causa do processo, depois por

JUIZ ACÁCIO LOPES CARDOSO

que a Teresa ficou doente, e fundamentalmente se se quiser analisar honestamente a questão era o eu saber que começava a fazer uma coisa que à priori estaria abortada. Publicamente não podiamos falar da maior parte dos problemas realmente tocam as mulheres, não tinhamos direito de reunião, nem da associação como todos os cidadãos portugueses na altura, portanto era uma base muito má para tentar começar o movimento feminista.

Entretanto tudo mudou. Tudo é possível agora. Ou quase. As liberdades surgem-nos a cada instante. Cada uma delas admirável e aparentemente tão fácil de assumir.

— Tereza, você crê que esta sentença era possível 15 dias antes?

— Durante em todas as audiências o Juiz mostrou-se um homem cordato, delicado, aberto. Aliás, todos nós fomos inter-

ISABEL BARRENO

TERESA HORTA

rogadas pelo anterior Juiz à porta fechada, enquanto o juiz Acácio Lopes Cardoso logo na segunda audiência que fez abriu as portas. Sabemos por outro lado que ele foi jornalista no Diário de Lisboa, no tempo de Artur Portela, e homem democrata; portanto eu penso que desde sempre o juiz pensou na absolvição. Mas o que eu não lhe posso dizer era se com as pressões que teria havido no governo anterior, ele poderia ou não dá-la, a dúvida da mudança não será bem do Juiz. Ele pareceu-me sempre uma pessoa honesta.

Não creio que o Juiz tivesse mudado a sentença por causa do 25 de Abril, o que eu penso é que talvez ele não pudesse fazer aquilo que fez hoje. Com toda esta liberdade tudo na realidade é diferente. Hoje Portugal é completamente diferente do Portugal de quinze dias atrás...

— Como é que aceitou essa mudança?

— Eu? Ah maravilhada! espantada! Já pensava que seria tão difícil, quase às vezes desesperava, tinham sido presos tantos amigos meus, dias antes e tinha sido adiado a última sessão do tribunal, com polícia de choque à porta. Eu estava verdadeiramente cansada, desesperada, com livros feitos na gaveta à um ano, e sem poder publicá-los, recusados pelos editores. Eu própria, nunca fiz censura enquanto escritora, portanto escrevi até com uma violência muito grande, mas sabia era de antemão que não se podia publicar, isso era muito frustrante. Penso também que como a mulher em Portugal sempre sofreu duas ditaduras, ou há 48 anos para cá que sofria duas ditaduras: a ditadura fascista e a ditadura do homem. Pois venceu uma muito difícil de vencer e, neste momento, tem de lutar para vencer a segunda. De maneira nenhuma nós estamos livres. Estamos libertas da ditadura fascista, somos portuguesas, estamos muito satisfeitas, é uma maravilha, mas há que lutar para vencer a segunda que é muito difícil, que é a masculina.

— Bom, na segunda talvez fosse de desejar um empate...

— Mas nós precisamente não desejamos ser aquilo que os homens tem querido ser. Nós não queremos mandar no mundo. Nós queremos um homem diferente e queremos uma sociedade completamente diferente.

O homem até agora nunca nos deixou dizer aquilo que a gente pensava que era o mundo, aquilo que a gente queria que fosse o mundo, e portanto um dia que a mulher e o homem possam juntos e equilibradamente construir o mundo será completamente diferente deste. É preciso destruir de base tudo para começar um homem livre, porque o homem não deixa a mulher ser livre, enquanto a mulher não conquistar a sua liberdade ele não é livre também. Ele nunca deixou a mulher crescer, portanto ele nunca cresceu também.

Viagem completamente inesperada esta do General Costa Gomes a Angola. Objectivos: substituir os oficiais-generais no Comando das três armas e dizer a palavra de tranquilidade que Angola pedia quanto a qualquer decisão imediata que a Angola dissesse respeito. Ambos foram atingidos. Quanto ao primeiro é natural a reacção da esposa dum dos oficiais demitidos que teria lamentado a falta dum sindicato das esposas dos oficiais. "Sempre teria direito a um pré-aviso de quinze dias". Quanto ao segundo não se pode dizer que o nível da conferência fosse tão bom quanto o General Costa Gomes afirmou ao regressar a Lisboa. Muitas perguntas importantes ficaram por fazer em detrimento de questões de pormenor que elementos não credenciados pela Informação impuseram. Mas as palavras foram claras e devolveram à cidade uma calma que se fazia urgente. Pela importância do que foi dito e para que os leitores o possam guardar e consultar, a seguir se transcreve uma conferência de Imprensa importante na história do 25 de Abril.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA EM LUANDA

O QUE DISSE O GEN. COSTA GOMES

As palavras que tenho para dizer não se dirigem a pessoas ou grupos especiais; haverão de ser entendidas como palavras de um Português que se dirige a todo o Povo Português; vou falar àqueles homens de boa vontade que tendo nascido à sombra da bandeira de Portugal, quer vivam em DILI, LUANDA, PRETÓRIA ou PARIS, estão resolvidos a reflectir isoladamente, a discutir em grupo e a pensar, com amor e tolerância, a forma ou formas como a actual Sociedade Portuguesa se virá a projectar no écran movediço da sociedade internacional.

Sei bem que no plano político, o que eu disser será rigidamente vinculado à minha condição de membro da Junta de Salvação Nacional; este facto ampliará o auditório das minhas palavras mas, a sua verdadeira intenção só poderá ser sentida pelos homens de boa vontade, adversários ou simpatizantes da linha de pensamento do Movimento das Forças Armadas que, sinceramente, estejam dispostos a combater pela paz e tranquilidade, pelo bem estar, pela harmonia, pela liberdade dos destinos dos homens, dos grupos, das culturas, das raças que hoje vivem à sombra da Bandeira de Portugal.

Quereria ser sentido e entendido como um membro do Povo Português que teve o previlégio de ser chamado a servir o seu Povo em condições tais que a meditação, o sofrimento, a discussão aberta e liberal, o convívio com Portugueses de todos os quadrantes geográficos e políticos, lhe permitiram sentir a atribulação muda de um Povo que se queria resgatar.

Quis o destino que seja precisamente na maior parcela de Portugal de hoje que eu sinta a obrigação de exprimir em público uma interpretação sincera do fenómeno político agora em curso.

Sou obrigado a referir o anterior regime, onde homens se constituiram em classe depositária da verdade absoluta e não souberam resistir à tentação de considerar inimigos todos aqueles que, por palavras ou por actos, afirmaram a sua discordância dos objectivos então prosseguidos.

O movimento das Forças Armadas no dia 25ABR74 interrompeu revolucionariamente a vigência desse sistema político que, ao desviar-se da alma do Povo, obrigou muitos Portugueses a lançar-se no exílio ou no recurso extremo do uso da violência para significar o seu desacordo.

Esta revolução, feita com amor e sem ódio, entregou à Junta de Salvação Nacional um mandato difícil, mas belo; que oferece ao povo a oportunidade de defender a ordem e a PAZ, de criar um clima de concórdia onde todos os seus filhos poderão civilizadamente lutar pelos seus ideais, com palavras, com o voto, com a associação, com o partido político ou a corrente de pensamento em que se sintam realizados.

Construir a nossa PAZ, a PAZ DO POVO, exige paciência para ouvir, tolerância para colaborar, muito perdão, muito amor à liberdade, tanto, que consideremos crime atentar contra a liberdade alheia, muita compreensão até para aqueles a quem as incompreensões do passado lançaram nos extremismos da política ou da violência.

"TEMOS DE GARANTIR A ORDEM E A TRANQUILIDADE PARA QU ESCOLHER AS SOLUÇÕES QUE SIRVAM OS SEUS VERDAD

O povo português necessita transformar-se numa família ordeira; à sombra da bandeira de Portugal virão reunir-se os filhos dispostos à reconciliação; dispostos a discutir pacificamente os seus destinos. Serão destinos de vários ramos da mesma família, ramos que poderão ter várias formas ou graus de intensidade na ligação política entre si.

Porque me encontro em Angola, não resisto à tentação de referir certas interrogações que o movimento de 25ABR74 aqui possa ter projectado.

Houve quem admitisse que pedaços de Portugal, irmãos do nosso povo, seriam abandonados às suas próprias dificuldades?

Houve quem sonhasse com independências unilaterais proclamadas com base numa classe, numa cor, num credo, ou numa etnia?

A luz da vontade popular, o senso, o equilíbrio, a justiça, a autêntica auto-determinação dos Povos não permitiria a uma classe impôr uma solução não prévia e validamente sufragada.

Em Angola, como em todo o espaço onde flutue a nossa bandeira, o povo terá de acelerar o estudo, trabalho, a politização válida que permita construir na ordem a verdadeira Liberdade a liberdade consciente dos Povos.

O ano proposto no programa do Movimento das Forças Armadas para as eleições livres de um Governo representativo exige a colaboração intensiva de todos os Portugueses, de todos os grupos, partidos, associações e correntes de pensamento.

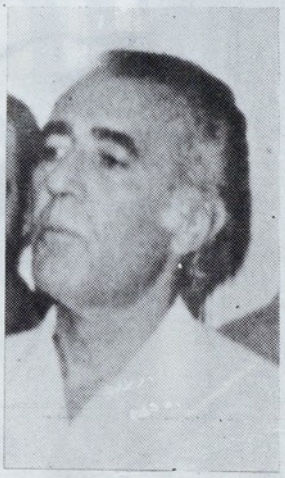
Este Governo será o ponto de partida para a construção, acelerada de uma verdadeira auto-determinação, tão verdadeira que cada um de nós não pode antecipadamente fixar para as parcelas de Portugal um figurino político com cortes ou ligações pré-concebidas entre essas parcelas.

Teremos de garantir a ordem e a tranquilidade para que livremente, sem temores, nem pressões, o povo venha a escolher as soluções que sirvam os seus verdadeiros interesses.

Na busca de soluções do Povo sempre havemos de considerar quanto a união e a dimensão de cada Povo condicionam os destinos dos seus filhos pela sua menor ou maior projecção no Mundo Novo que a Humanidade vai lentamente construindo.

SEBASTIÃO COELHO

JOÃO FERNANDES



HUMBERTO LOPES

SEBASTIÃO COELHO: — Naturalmente que em Angola acompanhamos com grande interesse os acontecimentos ocorridos em Lisboa... Soubemos da presença de V. Ex.ª... A primeira pergunta é saber se antes e durante o processo de preparação para a autodeterminação das populações de Angola, elas vão ter efectivo e imediato acesso à governação pública?

Efectivamente, a Junta tem em mente que as populações de Angola tenham realmente esse acesso à governação política; mas esse é um problema que será resolvido, naturalmente, pelo Governo provisório...

SEBASTIÃO COELHO: — Se seria possível saber-se se no tempo de preparação para a auto-determinação — dado o facto de que a Junta está já a legislar rapidamente sobre tantos assuntos — se nesse tempo a Junta poderia estabelecer, legislativamente, a transferência da sede do Banco de Angola para Angola e a criação duma moeda própria, com cotação internacional.

Sobre a primeira parte da pergunta, eu penso, pessoalmente, que a sede do Banco de Angola se deve situar em Angola. Sobre a segunda pergunta, eu, muito humildemente, devo dizer-lhe que não estou preparado para responder a esta pergunta «técnica». Julgo que, em todo o caso, não podemos aceitar o estado actual de desvalorização do escudo de Angola, relativamente ao escudo metropolitano, o que até me parece que não corresponde a uma realidade.

E LIVREMENTE SEM TEMORES, NEM PRESSÕES, O POVO VENHA EIROS INTERESSES"

HUMBERTO LOPES: — Senhor general... até agora não tínhamos possibilidades de discussão... agora temos possibilidades de discutir o nosso futuro, dos nossos filhos... preocupa-se a gente de Angola, que uma cisão prematura, possa trazer a Angola problemas circunstanciais, hipóteses que não desejamos, compelidos a soluções que não queremos. Penso que tudo se resolverá numa sequência inteligente... Se afectivamente o Movimento foi um movimento do povo, um movimento de liberdade, penso que o denominador comum de tudo isso é o povo, o homem como nós... A grande sensação é que, uma decisão na Metrópole, um plebiscito metropolitano, pouco realista. — porque grande parte da gente da Metrópole não foi mentalizada a respeito de Angola — possa levar a um problema grave para as pessoas que aqui vivem. As pessoas receiam que a antecipação das decisões metropolitanas possam efectivamente provocar, para os que estão em Angola, situações gravíssimas, que afectem inclusivamente, as suas próprias vidas. Eu desejaria que V. Ex.ª desse uma palavra de tranquilidade, aos que estão em Angola, neste aspecto...

Eu, em nome da Junta, agradeço as palavras que acaba de dirigir, mas quero aqui rectificar uma ideia que me parece de toda a justiça fazer completamente clara: a libertação do nosso país, deve-se principalmente e quase iria dizer, exclusivamente, ao esforço, à tenacidade, ao heroísmo, do jovem grupo de oficiais, que, caldeados pelas múltiplas comissões em guerra, tinham a maturidade política e uma maturidade humana, muito superior à sua idade.

Respondendo concretamente ao receio de V. Ex.ª, eu devo afirmar-lhe que penso que as populações dos nossos Estados e Províncias, têm de participar muito mais activamente na constituição das estruturas dos pontos da Nação em que vivem; e que é ideia da Junta — e muito particularmente minha (e parece-me que nisto tenho o testemunho da minha vida passada) — que nunca nos passou pela mente, pormos em perigo ou abandonarmos os nossos irmãos que servem nestes pedaços de Portugal Ultramarino.

ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO: — Aos estudantes da Universidade de Luanda, tem causado certa estranheza a maneira como certas medidas têm sido aplicadas aqui em Angola. Assim, consta que em S. Nicolau apenas foram libertados uma parte dos presos. O que acontece ou acontecerá aos outros?

Quem está a dirigir a libertação dos presos, não é, nem a Junta nem nenhum dos representantes da Junta. A única restrição à libertação de presos é aquela que com certeza conhece: nenhum preso poderá ser libertado se, cumulativamente com qualquer questão política tiver um crime de carácter comum, abrangidos no código penal.

Se na Metrópole se permitiu a actividade do Partido Comunista e Socialista, porque é que em Angola ainda não se permitiu que os movimentos existentes em Angola saíssem da clandestinidade para encetar o diálogo?

Essa é uma pergunta muito pertinente. Eu gostaria aqui de declarar que, desejaria que os partidos políticos que se encontram na clandestinidade ou a lutar, viessem à luz do dia. Mas para isso põe-se uma condição prévia: é que cessem a luta armada.

Gostava de saber porque é que, à semelhança da Metrópole, ainda não foram dissolvidas organizações paramilitares como os Flechas, a OPVDCA, etc, e destituídos agentes da DGS, nomeadamente São José Lopes?

Quanto à primeira parte da sua pergunta: a OPVDCA não é, positivamente, um organismo político. Não sei se conhece os seus estatutos; e a OPVDCA tem como principal missão a defesa e a protecção das populações; e como missão secundária ou subsequente, o desenvolvimento, a aculturação e o bem-estar dessas populações. Pelo conhecimento que eu tenho de Angola — e eu talvez conheça melhor Angola do que V. Ex.ª — verifiquei que em toda a parte onde a OPVDCA existe, duma maneira quase geral ela é querida das populações: e julgo que nesta altura, haveria uma grande perda para as populações, sobretudo para as populações rurais, se acabasse a OPVDCA.

Quanto à segunda parte, como sabe, a DGS tinha várias funções, tinha funções de fronteira, de informação sobre assuntos internacionais, tinha outras funções essenciais, além das políticas. Essas funções indevidamente estavam na DGS mas é necessário que continuem, embora passem, devem passar para as polícias próprias: PSP, PJ e para um serviço de informação militar. Quanto ao dr. São José Lopes, ele não está à frente da DGS, nem tem lugar nas novas divisões que se formarem...

SEBASTIÃO COELHO: — Senhor general: as populações de Angola estão bastantes receosas... quais são as garantias efectivas que os partidos existentes, na clandestinidade, mas que não estejam efectivamente em luta — porque aceitam o princípio do diálogo — qual é a garantia de esses partidos dispõem de que sobre eles não se exercerá, se aparecerem a público, uma acção repressiva, como a acção brutal que sobre eles já se exerceu?

As forças armadas e militarizadas, garantem, são os garantes, dessa liberdade.

JOÃO FERNANDES: — Eu gostaria de saber que reflexos pensa V. Ex.ª possa vir a ter pelas Forças Armadas actualmente em combate, o facto registado ontem numa reunião pública, em que um elemento que se afirmou representante do M.P.L.A. ter feito declarações — aliás largamente aplaudidas. Pensa V. Ex.ª que isso possa ter algum efeito sobre as tropas combatentes?

Eu tenho a certeza de que as Forças Armadas, os seus comandos e as suas forças, estão suficientemente organizados e preparados para poder resistir a esses factores deletérios do seu moral.

Em todo o caso, segundo o conhecimento que tenho do assunto, eu julgo que não se devem deixar fazer declarações ao MPLA, enquanto ele não se puser dentro dum clima de legalidade. E para se colocar num clima de legalidade, tem de cessar todas as operações militares.

— Está a registar-se actualmente, principalmente na metrópole mas já tornado extensivo ao Ultramar, um movimento de mudança de hierarquias ao nível da tomada de posições em empresas pelas classes trabalhadoras. A J.S.N. pensa tomar algumas posições nas questões a aparecer sucessivamente?

Já tomou posição. Ontem, o sr. general Spínola, fez uma reunião com os Sindicatos, exactamente para pôr esse problema. Nós temos, de, disciplinadamente, acatar determinadas hierarquias e não podemos inverter as coisas por pequenos actos revolucionários. Tem de haver — e sobretudo nesta altura em que todos precisamos de calma, em que todos precisamos duma disposição muito especial para compreender evoluções e até as atitudes por vezes precipitadas dos outros, temos de fazer apelo, para cumprir a nossa missão, a um certo sentido de disciplina. E é essa disciplina que a Junta pretende, num diálogo aberto, criar.

REPRESENTANTE DA «LUSITÂNIA»: — Vim há pouco de São Nicolau e verifiquei a lentidão com que estão a decorrer as operações de libertação, que poderia levar até mês e meio à saída dos últimos detidos naquele campo. Que medidas se poderiam tomar para acelerar esse movimento?

A Junta de Salvação Nacional, ao dar as suas directivas para a libertação dos presos, pretendeu que se acelere essa libertação. Naturalmente que é fácil libertar todos os que estão retidos por acções políticas ou religiosas. Mas torna-se um pouco mais difícil libertar aqueles que têm, além dos seus problemas políticos, crimes do foro comum.

Na Metrópole, criou-se voluntariamente um grupo de advogados que se prontificaram a discernir, sob sua responsabilidade, o que pertenceria ao foro comum e o que seria caso político. E isso acelerou extraordinariamente a libertação dos presos. Eu penso que se aqui se pudesse fazer uma coisa semelhante, isso traria uma aceleração grande do processo de libertação.

— Gostaria ser informado se se está a proceder a algum inquérito de como se processava a vida no campo prisional S. Nicolau, uma vez que, abertas as suas portas pela primeira vez à Informação, nos foi dado constatar algumas coisas bastante chocantes...

Naturalmente que todas as violências contra o ser humano, têm de ser averiguadas e têm de ser punidas...

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS: — Reconhece a J.S.N. a importância dos Órgãos Informação, a ponto de com eles se ter vindo a reunir diariamente. Em Angola, acompanhámos as substituições nos quadros dos jornais, Rádio e Televisão que ocorreram na metrópole. Inexplicavelmente, aqui em Angola os Órgãos de Informação oficiais do anterior regime continuam ainda como estavam há dez dias atrás. Eu pergunto: Qual é a posição da J.S.N. em relação à Informação Oficial de Angola?

Vai ser nomeada uma comissão directiva, constituída por três oficiais, que funcionarão junto desses órgãos oficiais.

— Pretendia saber, senhor General, se a partir do histórico dia 25 a luta em Angola foi diminuída...

Julgo que a actividade do inimigo não tem relação alguma com a data; até tivemos um ataque em que sofremos bastantes vítimas, no Leste, numa emboscada.

MARIA VIRGÍNIA DE AGUIAR: — Numa altura em que todos pretendem ser democratas ou que têm medo de não o parecer — e não há nada pior que um falso democrata — como é que a Junta vai operar para que se proceda a uma selecção?

É uma pergunta difícil, a que me faz. Eu confio na dignidade do Homem, na autenticidade dos Homens. Só quando eles provarem que não são autênticos e infringirem as leis, só nessa altura poderemos julgá-los e avaliá-los.

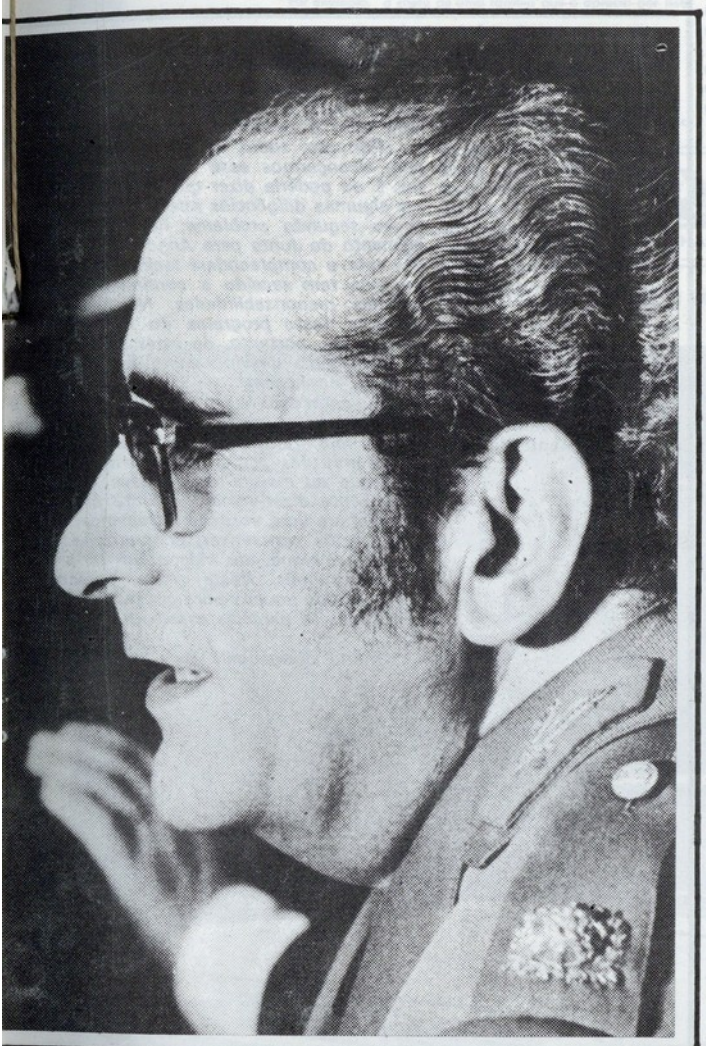
— A partir do momento, em que — segundo as palavras do sr. general — o Dr. São José Lopes já não tem um cargo que justifique a sua estada em Angola, porque razão continua aqui?

Pois o sr. dr. São José Lopes, sairá da província o mais rapidamente possível.

GENERAL COSTA GOMES EM RESPOSTA AO REPRESENTANTE DA BBC:

AQUILO A QUE CHAMA "NACIONALISTAS AFRICANOS" É QUE ME PARECE QUERER DIZER ELEMENTOS DOS PARTIDOS POLÍTICOS QUE NESTA ALTURA ESTÃO EM LUTA... DEVO HONESTAMENTE DECLARAR QUE JULGO QUE ESSES PARTIDOS TÊM UMA REPRESENTATIVIDADE DENTRO DE CADA UMA DAS PARCELAS EM QUE ACTUAM, MUITO PEQUENA. MAIS PEQUENA DO QUE O MUNDO IMAGINA. SE ELES QUISEREM VIR PARA A LUZ DO DIA, INTERROMPAM O COMBATE E SERÁ ACEITE O DIÁLOGO"

REPRESENTANTE DA B.B.C.



B.B.C. DE LONDRES: — Gostaria de saber se, em face, da incerteza actual, nomeará primeiro um Governo Provisório ou realizará primeiro um referendo?

A Junta tem obrigação de nomear o Governo Provisório, dentro de três semanas a partir da eclosão. Portanto, nesse prazo, teremos Governo Provisório.

— A Junta acredita — ou pensa — que a guerra continuará seja qual for a solução política? Se esse não for o caso, qual será a resposta da Junta às exigências dos nacionalistas africanos?

Aquilo a que chama «nacionalistas africanos» e que me parece querer dizer elementos dos partidos políticos que nesta altura estão em luta... devo honestamente declarar que julgo que esses partidos têm uma representatividade, dentro de cada uma das parcelas em que actuam, muito pequena. Mais pequena do que o Mundo imagina. Por isso mesmo eu lanço aqui este repto; se eles quiserem vir para a luz do dia, interrompam o combate e será aceite o seu diálogo...

— Faço esta pergunta para os leitores e ouvintes da Rodésia e da África do Sul, que manifestaram receios sobre as repercussões duma possível tomada de poder pelos comunistas, na Metrópole. Que pode dizer-me?

Julgo que são receios bastantes infundados. Não podemos deixar de considerar que, tendo vivido durante quase 50 anos sem partidos políticos e havendo apenas um partido político organizado na clandestinidade, uma vez criadas as condições de liberdade, pois é inevitável que esse partido ganhe de súbito uma projecção maior do que qualquer dos partidos que só agora se começam a organizar. Estou convencido de que o partido comunista não é um partido maioritário português.

— Qual a atitude da Junta, relativamente à continuação da guerra contra a guerrilha em Moçambique?

A Junta não tem outra solução, senão continuar a luta, em defesa das populações, se a FRELIMO não quiser aceitar esta oferta que honestamente se lhe faz, de cessar as hostilidades e formar um partido político à luz do dia.

PRISMA: — Os membros da Junta Salvação Nacional disseram que fariam parte do próximo Governo Provisório. Assim é que a maior parte deles estão já colocados nos respectivos postos. É lícito por exclusão de partes, o seu legismo que o General Spínola seja o próximo Presidente da República?

Os membros da Junta não farão parte do Governo Provisório. A Junta escolherá, dentre os seus membros, o que exercerá as funções de Presidente da República; os recentes membros assumirão as funções de Chefe de Estado-Maior das FA, Ch. EM do Exército, CEM da Armada e CEM da Aeronáutica e vice-chefe do E.M. das F.A. Participarão do Conselho de Estado. Os membros da Junta — e eu, como membro da Junta — não faremos parte do Governo Provisório. Naturalmente, o sr. general António de Spínola será o futuro Presidente da República.

JOVEM UNIVERSITÁRIO: — O reitor da Universidade, deposto, foi substituído por ele próprio, por que é o professor mais velho...

É uma situação anómala, que ninguém pensava que pudesse suceder. Mas eu julgo que os senhores, agora, tanto estudantes como professores, têm liberdade de reunião e têm possibilidade de diálogo, talvez fosse conveniente que nesta altura, muito cordatamente e muito sensatamente, se reunissem e fizessem propostas sobre o assunto.

— Estão aviões sul-africanos estacionados em Luanda. Esse facto é verdadeiro?

(Do GENERAL NETO): — À chegada, vi dois aviões sul-africanos, mas que estão cá no quadro das visitas que aviões das respectivas forças aéreas fazem, por rotina, a um e outro país.

M. VIRGÍNIA DE AGUIAR

CARLOS BENTO

— O golpe que eclodiu na metrópole realizado pelas F.A. foi feito, tanto quanto sabemos, apenas por oficiais na altura na metrópole. E de tal modo que a população de Angola ignorou até praticamente doze horas após a execução do golpe e do seu sucesso, aquilo que estava a acontecer em Lisboa; permitiu ainda que os governantes daqui recusassem, embora a Junta já tivesse feito um aviso público de abandono dos lugares, a abandoná-los. Eu gostaria de saber, concretamente, o que autorizou a Junta a aceitar ou a admitir que um golpe desta natureza, feito em Lisboa, seria imediatamente apoiado sem consequências para uma cisão imediata entre a metrópole, Angola e os territórios ultramarinos; o que permitiu à Junta admitir que isso não seria viável ?

Um oficial do Movimento vai responder-lhe. — Resposta do oficial apontado: A dúvida só existe no seu espírito, não no nosso. O Movimento nasceu entre todos os oficiais; havia uma ligação constante entre os que estavam na Metrópole e no Ultramar, havia uma comissão em Angola e outra em Moçambique, que mantinha a ligação e sabiam tudo o que se estava a passar. Só por uma questão de segurança, que é essencial numa operação destas, não sabiam a data.

— Consta que o sr. General se deslocará à África do Sul afim de estabelecer contactos com entidades oficiais daquele país. Gostaria de saber se tal facto corresponde à verdade?

Não; daqui vou direitinho para Lisboa, onde me parece que estou a fazer falta...

ANTÓNIO PIRES: — Começou por fazer uma apreciação da atitude da chamada «Ala jovem» e perguntou se a Junta não favoreceria a apresentação e discussão verdadeiramente democrática dos assuntos mais importantes e preocupantes do tempo actual.

Eu julgo que V. Ex.ª pôs o problema das prioridades da melhor forma, mas também penso que não pode admirar-se que, tendo-se de repente aberto uma válvula que estava fechada há 48 anos, não apareçam alguns desmandos, alguns anseios, algumas aspirações que estavam no espírito de todos e V. Ex.ª sabe muito bem que, para cada pessoa, o problema individual é mais importante que o problema colectivo, especialmente quando não se criou, antes, uma condição de diálogo entre todas as pessoas, entre todas as classes.

— Consta que o Governo Geral de Angola, concretamente o Governador Santos e Castro e os seus mais directos colaboradores, se, pelo menos, não se opuseram à Junta durante as primeiras horas, não a apoiaram imediatamente, não vieram para junto da população ser perfeitamente claros. Penso ser importante o esclarecimento nesse sentido.

É muito difícil responder. Eu julgo que talvez houvesse uma certa hesitação, um certo receio, até, de acreditar naquilo que a Rádio lançava. De maneira que não posso dizer-lhe se houve uma dilacção maior do que a que seria natural, se não houve...

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS: — Gostaria saber se desde a primeira hora o Rádio Clube Português aderiu ao Movimento das Forças Armadas ou se não foi esta a realidade?

(Por um oficial do Movimento): — O Rádio Clube Português aderiu porque foi obrigado a isso. Foi tomado como qualquer outro Órgão da Informação. Posteriormente, pelo menos a parte de locução e pesosal técnico estava a nosso lado, embora de início tentassem oferecer resistência.

— Essa resistência foi imposta pela Direcção do Rádio Clube ?

A direcção do Rádio Clube só teve conhecimento do que se passava, depois da estação se encontrar ocupada.

SEBASTIÃO COELHO: — Naturalmente que a população de Angola tem problemas dependentes da palavra de V. Ex.ª. Gostaríamos saber se o Governo da J.S.N. pode dar também um passo para parlamentar em Paris ou noutro sítio qualquer, no sentido de obter uma cessação das hostilidades em Angola e, consequentemente, ter um diálogo com os representantes dos movimentos formados então legalmente e qual é a forma de governo imediato em Angola; se virá um governador ou um representante da Junta ?

Quanto à primeira pergunta, estamos todos interessados — e julgo que toda a Nação — em encontrar uma plataforma política, não só para o problema de Angola, como para todo o problema português.

Portanto, todas as tentativas legítimas, para alcançarmos esse objectivo, serão feitas. E eu poderia dizer que já estamos a fazer algumas diligências nesse sentido. Quanto ao segundo problema, não virá nenhum elemento da Junta para Angola. Somos apenas sete e compreenderá facilmente que sobre nós tem recaído e continuam a recair pesadas responsabilidades. Nós somos os garantes deste programa do Movimento e precisamos, portanto, de estar atentos, para que não haja desvios deste programa que V. Exas. conhecem.

Eu agradeço muito a vossa presença e creiam que foi muito agradável estar convosco hoje, nesta minha primeira deslocação a uma das parcelas do território português que eu mais amo. Eu devo muito honestamente dizer-vos que, desde que nasci, tive sempre uma vocação ultramarina; e logo que a pude concretizar, concretizei-a: aqui, em Moçambique, em Macau, em todo o espaço português. Nesta altura, parece que devo ser dos poucos portugueses que conhecem todas as parcelas espalhadas pelo Mundo...

Muito obrigado».

Viva 1974

um dinamismo invencível que contagia quem guia!

Para todos, portanto, para quem conta a vivacidade que vence.

Por exemplo, o chefe de uma família que o aprecia por isso: as suas vitórias pela vivacidade! O VIVA é contagiante. Harmoniza equilibradamente a economia, o espaço e o conforto.

É robusto e vigoroso na firmeza com que se agarra ao piso.

A potência é maior por menor custo: -cilindrada de 1,300 ou 1,800 cc

O VIVA 1974 tem assentos reclináveis, travões de disco às rodas da frente. Toda a parte inferior, onde a carroceria encontra o chassis, é totalmente hermética.

Duas velocidades para os limpa parabrisas. Funcionamento eléctrico dos lava parabrisas. Para a sua liberdade de escolha, outras opções constam de uma lista completa, ao seu dispor no concessionário Vauxhall, onde as informações necessárias libertarão mais ainda a sua liberdade de escolha.

Viva 1974

a liberdade da escolha sem o risco do arrependimento

Concessionários:
Casa Americana Comercial s. a. r. l.

adapt. cinevoz

TEXTO DE MANUELA GONZAGA FOTOS DE FERNANDO FARIN

A UNIVE
QUER PE

A Universidade pode agora — finalmente — assumir a sua dimensão de "barómetro político" e tomar posição perante problemas que afectam todo um povo. Estudantes universitários de Luanda reuniram-se numa Assembleia Magna, que pouco tempo antes teria sido verdadeiramente impossível, para discutir sobre uma efectiva democratização do ensino, e delinear um programa político.

Pela primeira vez na vida desta Universidade, para cima de dois mil alunos e alguns professores, reunidos no refeitório da U. L. puderam exprimir livremente ideias, propor soluções, discutir problemas. Poderá dizer-se que pouco de concreto de verdadeiramente "palpável" se terá extraído dessa reunião. Poderá objectar-se que algumas das soluções apresentadas e aclamadas são verdadeiramente impraticáveis. Que se atiraram de ânimo leve propostas que, a serem postas em prática, poderiam trazer um caos de desordem. Que, no fundo, a formação política da nossa massa universitária é bastante deficiente. Possivelmente tudo isso se poderá objectar. Mas, para além de todo o cepticismo implícito nessas críticas, temos forçosamente que nos aperceber que há da parte dos estudantes universitários um tremendo interesse, uma vontade enorme de participarem no momento actual e de meterem mãos à obra nada fácil, de tornar esta Angola um sítio bom de se viver, um sítio onde cor não seja em caso algum, barreira, e injustiça seja palavra de dicionário.

Mais do que nunca faz-se agora sentir a falta da Faculdade de Direito em Angola. Mais uma das culpas a imputar ao anterior regime que sempre travou a sua implantação quer por razões de ordem política quer por outras... O curso de Direito dá, em qualquer Universidade, a segurança do conhecimento profundo de leis a nível nacional e internacional. Dá-lhe uma dimensão política apoiada em bases sólidas. Tudo isso se negou a Angola, com um ou outro motivo. Foi a falange de alunos de uma faculdade de Direito que faltou — possivelmente como orientadora — na Assembleia Magna da Universidade.

HA

RSIDADE
ENSAR

É, contudo, de acreditar nos Estudantes, agora que eles podem encarar e discutir política livremente, agora que eles podem assumir a sua verdadeira dimensão nos destinos desta Angola que ajudarão a engrandecer.

Um caudal de entusiasmo, de generosidade, de força manifestou, durante a Assembleia, a vontade que os estudantes têm de assumir parte do destino de Angola.

Votadas por unanimidade, eis algumas das propostas decididas na maior das liberdades, durante aquela reunião:

— Repúdio de um Governo minoritário branco.

— Repúdio de movimentos racistas — brancos ou negros.

— Transferência para Angola dos Conselhos de Administração de Empresas monopolistas, bem como nacionalização de empresas como a Companhia dos Diamantes, Mineira do Lobito e Caminhos de Ferro de Benguela. Imediata vinda para Angola da sede do Banco de Angola.

— Integração de organizações para militares — no caso dos Flechas, G. E., T. E. no Exército.

— Detenção e envio para Caxias — imediato — dos Inspectores, sub-inspectores e agentes da PIDE.

— Considerando que a Liga Nacional Africana e Anangola servem interesses fantoches pois as suas direcções são da responsabilidade do ex-governo facista, determina-se a sua imediata dissolução.

— Determinado que o património da M. P. e M. P. F. seja entregue a organismos a constituir por estudantes e que na Assembleia Magna seja aprovado a constituição de um grupo que irá dinamizar este processo.

— Que a Direcção da Voz de Angola seja modificada, uma vez que serviu interesses do ex-governo alienando os milhares de ouvintes que essa emissora conta, com programas de doutrinação fascista.

— Acabar com a guerra e entrar em diálogo com Movimentos de Libertação, e constituição destes livremente como partidos políticos.

— Inquérito sobre as grandes fortunas ilegais, atendendo à sua grande culpa na eclosão da guerra colonial, e subsequentes

processos criminais.

Esta, portanto, após discussões demoradas, a posição política dos Estudantes Universitários face à presente situação. Demasiadas vezes porém — quase tantas as que se usou da palavra — se usaram e abusaram das palmas, em delírio. Fácil prever-se que um bom orador pode tomar nas rédeas e conduzir ideologicamente a Universidade de Luanda. Assumir uma posição política implica um perfeito conhecimento de causa, e muito embora o diálogo naquelas proporções nunca tenha sido possível, quem quis pode manter-se de certo modo a par de acontecimentos nacionais e internacionais. O suficiente para assumir uma atitude, sólida e documentada.

Assumir uma atitude política implica conhecimento de causa. Oxalá tenham os estudantes conhecimento de pertencerem, eles próprios a uma minoria previlegiada.

Não pomos em dúvida que, quando o momento o exigir, eles saberão encarar as modificações radicais que propõem a nível social, com a calma e a lucidez necessárias. Mas para isso é preciso que estejam conscientes de que a coerência com as suas ideias exijirá a muitos deles — à maioria? — uma radical mudança de tipo de vida.

Apoio sem qualquer reserva o nivelamento de classes, o fim de monopólios, o inquérito a grandes fortunas ilegais. E considero tremendamente importante o conhecimento da formação dos Movimentos de Libertação. Não se trata de por em causa a idealogia e a honestidade de um doutor Agostinho Neto. De forma alguma. De qualquer das maneiras, nos bastidores, há fortes interesses capitalistas a apoiar movimentos de libertação. Permitimo-nos pôr em dúvida o altruísmo chinês ou russo, manifestado num apoio onde já foram investidos muitos milhares de

dólares...

Conveniente ter presente no que deram as "ajudas" ao Vietname. Recordar no que deu o ex-congo belga, e o género de promessas feitas e a forma como foram cumpridas. O mundo está, infelizmente, demasiado cheio de exemplos para que se tomem atitudes de ânimo leve, após discursos inflamados.

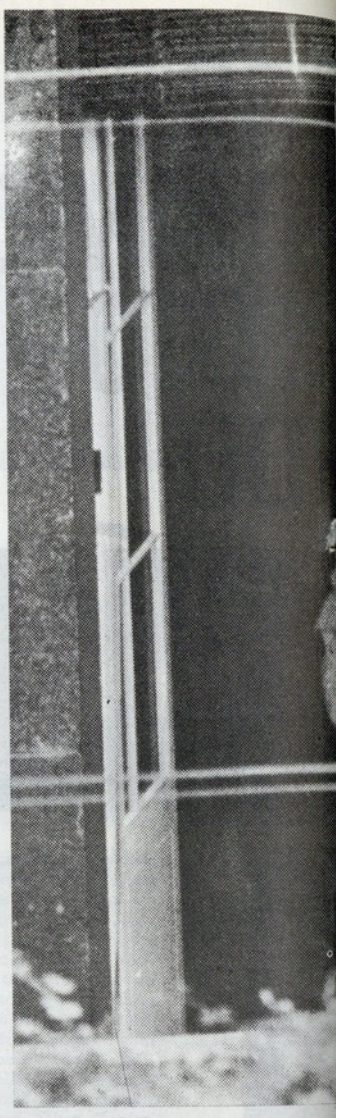
Mais importante do que discutir durante meia hora se os ex.PIDES vão para Caxias ou para S. Nicolau, se devem pagar as suas passagens para não sobrecarregarem a economia do Estado, ou se este lhe pagará a viagem, mais importante do que discutir sobre patrimónios, será a documentação política da massa estudantil. Não só no que respeita a política nacional mas também tudo quanto nos possa elucidar na formação de um conceito global. Ignorando-se um Biafra, um Vietname, um ex-congo Belga, não se pode avaliar do papel que África representa, toda ela, no actual momento político.

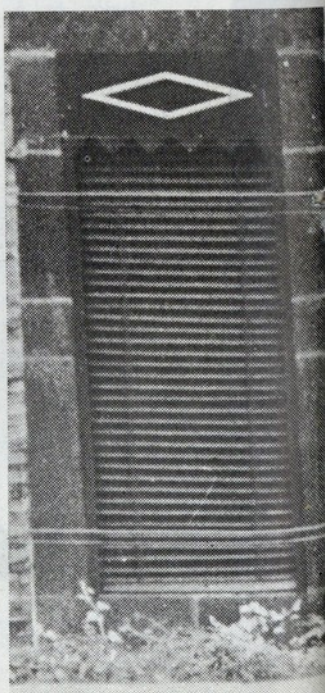
Só depois de fortemente informados os estudantes poderão tomar fortes posições. Que nenhum orador, por melhor que seja, por mais entusiasta que se apresente, poderá minar ou conduzir.

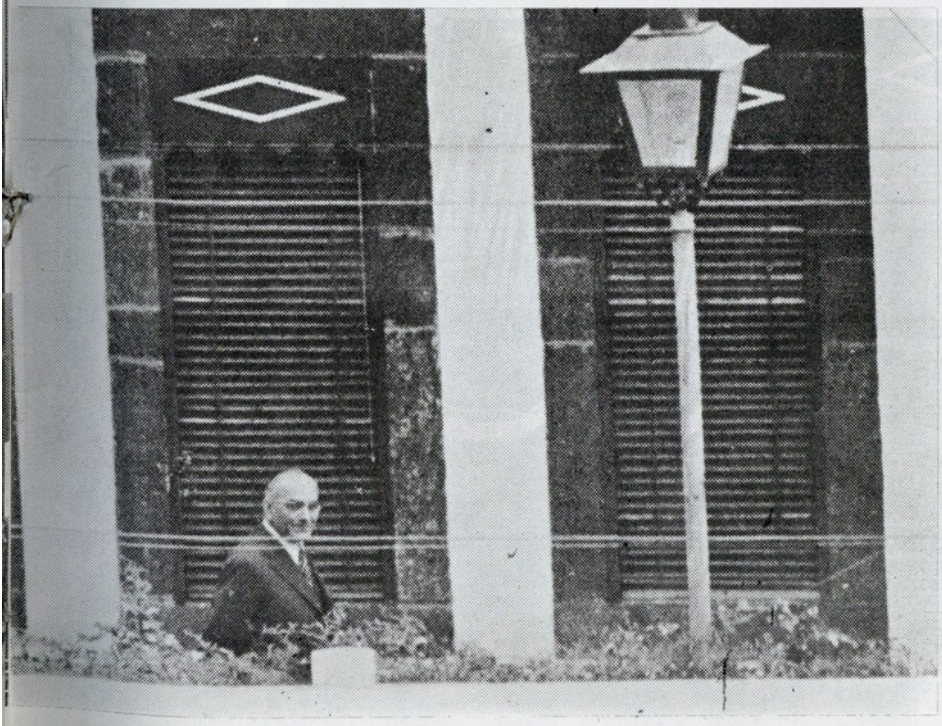
António Gonçalves e Eduardo Baião andaram a partir telhas pelos telhados do Funchal de forma a assegurarem um furo jornalístico: as primeiras fotos dos exilados no Funchal. Houve de tudo: até um jogo de esconde-esconde que acabou por ser ganho pela nossa reportagem... Nas fotos, está claramente localizado o edifício que acolhe os ex-membros do governo. De assinalar o gesto do prof. Silva Cunha. Provavelmente é só coincidência...

AS PRIMEIRAS FOTOS DO EXÍLIO NO FUNCHAL

A ida-e-volta num dia à Madeira não passou desapercebida à Imprensa internacional que se precipitou a tentar comprar-nos um serviço que ainda ninguém fizera. Ao fim de quarenta e oito anos de silêncio a Imprensa portuguesa não está tão anquisolada como se pensaria. Se todo o serviço tem que ser mudo é porque os ex-governantes se recusam a qualquer declaração. Quem não gostaria de os ouvir agora ?







Durante as manifestações do primeiro de Maio no Funchal um enorme cartaz chamou a atenção de toda a gente: «A Madeira não é caixote de lixo!». É certamente pouco respeitoso, mas fez rir toda a gente. Pelo menos, toda a gente que é capaz de se rir nesta altura. E na Madeira estão alguns dos que não acham graça.

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
C.S.T.

GENEBRE
MONDE SELECTION DE LA QUALITÉ

EM CONCORRÊNCIA COM MARCAS DE CIGARROS DE TODO O MUNDO O GT GANHA A MEDALHA DE OURO DE ALTA QUALIDADE

GT é o cigarro escolhido pelos que têm prazer de viver. Com o seu puro tabaco Virgínia e super filtro, dá-lhe melhor sabor - mais satisfação.

GT.... DE PONTA A PONTA O MELHOR

CONHEÇA O SEU DESTINO

CARNEIRO 21-3 / 20-4

VIDA — O esforço que tem vindo a dispender será reconhecido pelos seus superiores. Pouco a pouco ocupará o lugar a que tem legítimo direito.

CORAÇÃO — Já que encontrou o equilíbrio sentimental esforce-se por mantê-lo da mesma forma serena.

SAÚDE — Indisposições ligeiras devido mudança de tempo. Sem gravidade, contudo.

TOURO 21-4 / 19-5

VIDA — Procure dar mais atenção às suas actividades profissionais ou poderão surgir graves dissabores.

CORAÇÃO — São de prever dissabores em relação a ligações ilícitas. Evite novas relações de amizade.

SAÚDE — Irritabilidade e tendência para neuroses depressivas são de esperar neste período.

GÊMEOS 20-5 / 20-6

VIDA — Não espere bem por mal fazer. Evite questiúnculas com a vizinhança.

CORAÇÃO — Semana propícia a uma tomada de decisões que tenha vindo a protelar.

SAÚDE — Só beneficia se aproveitar as horas de lazer para descansar realmente.

CARANGUEJO 21-6 / 21-7

VIDA — Não deixe que se aproveitem de si. A timidez em demasia só o prejudica.

CORAÇÃO — O ciúme pode ser na verdade uma prova de amor, mas em demasia só causa aborrecimentos.

SAÚDE — Cautela com actividades que possam por em risco a sua integridade física.

LEÃO 22-7 / 22-8

VIDA — Não se esconda na sua concha. Conviva quanto puder e verá alguns dos seus problemas resolvidos.

CORAÇÃO — Período calmo e propício a reconciliações. Restabeleça melhores relações no seio da família.

SAÚDE — Cuidado com as febres intestinais. Procure não consumir verdes crús.

VIRGEM 23-8 / 22-9

VIDA — Perspectivas risonhas se souber aproveitar-se do momento que passa.

CORAÇÃO — Conhecerá novas pessoas, algumas francamente interessantes.

SAÚDE — Tendência para o mau humor. Controle-se e distraia-se o mais possível.

VIDA — Jogue pelo seguro só e apenas ou terá alguns amargos de boca.

CORAÇÃO — Evite complicações amorosas, em que o prazer será diminuído pelas complicações futuras.

SAÚDE — No fim do período, excessiva tendência para o cansaço. Reaja.

VIDA — Perspectiva duma viagem agradável. Aproveite a oportunidade para valorizar-se profissionalmente.

CORAÇÃO — Não terá muito tempo para pensar no amor, mas será benéfico qualquer contacto nesse sentido.

SAÚDE — Não fume em demasia ou correrá o risco de constante má disposição.

VIDA — Não conte muito com o factor sorte para os seus negócios.

CORAÇÃO — Avizinham-se tempestades passageiras na sua vida sentimental.

SAÚDE — Nada de grave a registar. Precavenha-se contra possíveis constipações.

VIDA — Esforce-se para demonstrar, de maneira inequívoca, as suas qualidades de trabalho.

CORAÇÃO — Possibilidade de desentendimento com seus familiares sem consequências.

SAÚDE — É aconselhável que verifique periodicamente a sua tensão arterial.

VIDA — Não dê ouvidos a tudo quanto lhe dizem. Assim se estabelecem muitas confusões.

CORAÇÃO — O amor que lhe dedicam é desinteressado. Porquê duvidar dele?

SAÚDE — Poderá vir a acusar certa fadiga física. Repouse quanto possa e resolverá o problema.

VIDA — Utilize com mais frequência o bom senso e a inteligência.

CORAÇÃO — Não queira adiantar-se ao desenrolar dos acontecimentos. Deixe que tudo decorra normalmente.

SAÚDE — Possibilidade de inflamações ou irritações cutâneas.

BALANÇA 23-9 / 22-10

ESCORPIÃO 23-11 / 21-11

SAGITÁRIO 22-11 / 21-12

CAPRICÓRNIO 22-12 / 20-1

AQUÁRIO 21-1 / 19-2

PEIXES 20-2 / 20-3

SEMANA DE 11 A 17 DE MAIO

filatelia

SECÇÃO COORDENADA POR COCA-E-COLA

NOVOS CARIMBOS PARA ANGOLA

Para comemorar a 1.ª Mostra Filatélica de Norton de Matos e o 1.º Centenário do Nascimento do eng. Vicente Ferreira, os CTT mandaram confeccionar carimbos alusivos, que funcionaram nos dias 24 e 30 do mês passado, respectivamente.

Abaixo publicamos os citados carimbos.

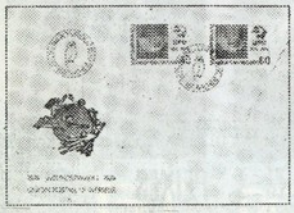
NOVIDADES DO LIECHTENSTEIN

No próximo dia 6 de Junho, serão emitidas e postas em circulação no principado do Liechtenstein, três séries de diferentes motivos: Emissão «Centenário da União Postal Universal (UPU.)»: dois selos de 40 e 60 Rapen, apresentando texto com a trombeta postal e símbolo da UPU., nas cores respectivas de : ouro, verde e preto e ouro, vermelho e preto. O desenho é de Bruno Kaufman, Berlin.

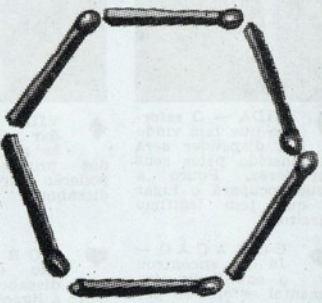
Série «Fauna pequena do Liechtenstein» — 2.ª parte: biotope alpestre: Selo 15 Rapen, Trinton alpestre, nas cores verde, ocre, laranja e azul-cinzento. Selo 25 Rapen, víbora berus, nas cores amarelo, ocre, cinzento-claro e castanho-escuro. Selo 70 Rapen, borboleta, nas cores de azul-escuro, ocre, laranja, violeta e castanho escuro e selo de 1 10 Fr. pássaro tridactyle, nas cores de vermelho, amarelo e castanho-escuro. Os desenhos são de Louis Jager, Vaduz.

Série «Bispo Franz Anton Marxer» — Bicentenário da sua morte 1775-1975: Um selo de 1 Fr. apresentando o retrato do Bispo nas cores de amarelo, vermelho, azul, cinzento e castanho-escuro. Desenho de Adalbert Pilch. Como habitualmente haverá carimbos de 1.º Dia de circulação.

Reproduzimos seguidamente os selos e respectivos carimbos.



PALITOS



Veja o desenho acima: seis palitos formam uma figura geométrica de seis lados. Se você for juntando mais palitos, terá mais lados, não é certo? Bem, nosso problema é este: acrescentar três palitos e continuar com uma figura geométrica de seis lados.

Você quer tentar?

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS (N.º ANTERIOR)

HORIZONTAIS: 1 — Zoo; Mus; Eso. 2 — Aldo; Elar;. 3 — Boer; Nave. 4 — Balbo. 5 — Ser; Ala. 6 — Pré; Bar. 7 — Mel; Doa. 8 — Dador. 9 — Vate; Laia. 10 — Amen; Amar. 11 — Lar; Loa Iro.

VERTICAIS: 1 — Zabe; Apo; Vai. 2 — Olor; Cama. 3 — Ode; Sem; Ter. 4 — Orbe; Eden. 5 — Ar; La. 6 — Util; Demo. 7 — Ba; Dó. 8 — Enol. Orla. 9 — Ela; Aba; Ami. 10 — Save; Piar. 11 — Ore; Ura; Aro.

LETRAS E NÚMEROS

— Deve-se fazer uma subtracção: EIOPS (164$59) — LTRE (70$21) = SOMA (94$38).

COBRAS E LAGARTOS

36 Lagartos.

PALITOS

A nova figura é um cubo.

SELOS TEMÁTICOS

AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

Papua e N. Guiné, 110/13, insectos, 4 v.	63$00
Perak, 105, tigre, 1 v.	18$00
Rio Muni, 45/47, insectos, 3 v.	6$50
Cambodja - Bloco 18 - flores, 1 v.	70$00
Checoslováquia, 1220/21-, flores, 2 v.	9$00
Coreia Norte, 631/35+41/ /44, flores, 9 v.	52$50
Hungria, 1295/302, desportos, 8 v.	77$00
Formosa, 350/55, desportos, 6 v.	59$50
Roménia, 1872, futebol, 1 v.	49$00
Albânia, 1 445/48, pintura, 4 v.	31$50
Cayman, 316/21, pintura 6 v.	44$00
Centro Africano, Av. 108/ /109, pintura, 2 v.	70$00
Dahomey, Av. 179/77, pintura, 4 v.	153$50
Hungria, 113/8, cosmos, 2 v.	57$50

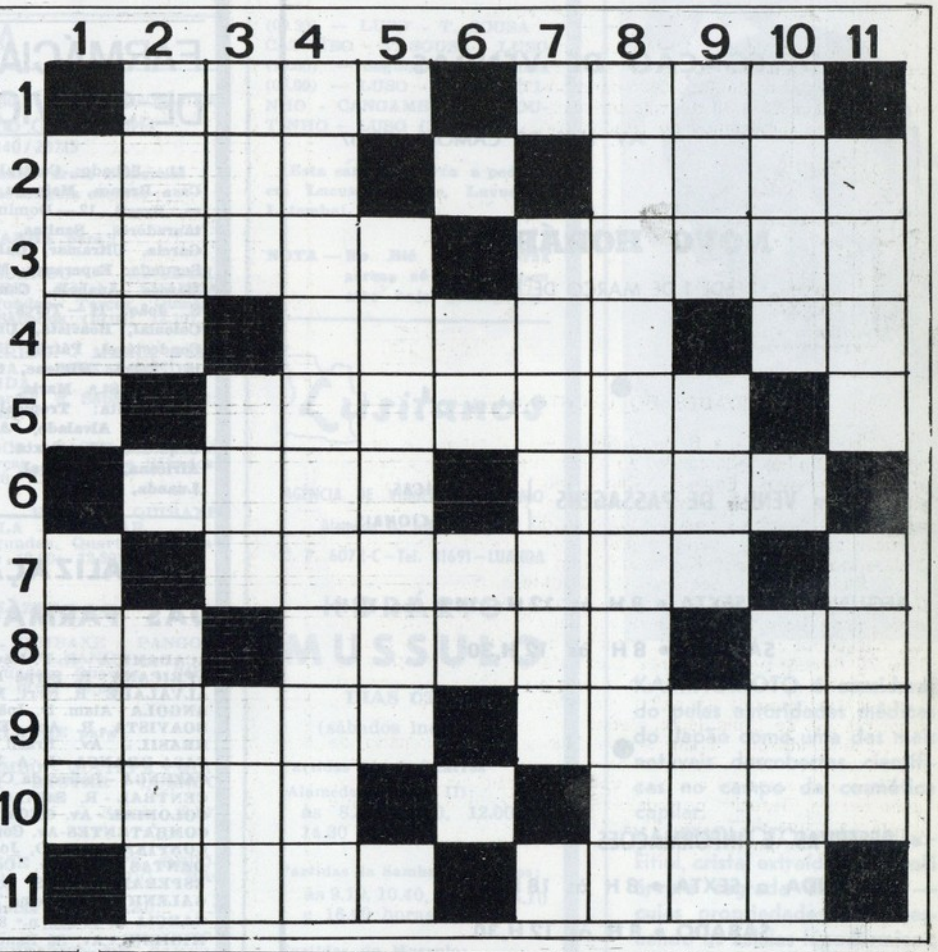
— Mande sempre 20$00 para garantia de portes — Preços especiais para assinante N/Serviço Novidades — Solicite gratuitamente o N/ Boletim Inscrição.

CENTRO FILATÉLICO DE ANGOLA, LDA.

Cx. Postal 2688 — Largo da República, 26 — Luanda — Angola

PASSATEMPOS

palavras cruzadas



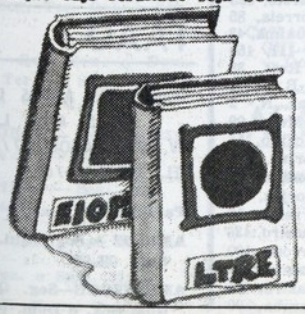
HORIZONTAIS : 1 — Óxido de sódio ; Espécie de sapo da América do Sul. 2 — Serra de Portugal (Santarém) ; Dá uivos. 3 — Tecido transparente de linho ou algodão ; Mão do Almofariz. 4 — Letra grega ; Atraiçoar ; Litro. 5 — Fraguemento. 6 — Mais mau ; Fruto brasileiro. 7 — Acedeste. 8 — Aparência ; Prepara com anis ; Banto. 9 — Bandeja de prata ; O dia anterior ao actual. 10 — Instrumento musical de sopro ; Qualquer pedra preciosa. 11 — Rio da Ásia que separa a Manchúria da Coreia ; Caruma.

VERTICAIS : 1 — Acidulado ; Navio. 2 — Antigo nome da Tailândia. Rabino. 3 — Filósofo, romancista e crítico de Arte ; Espanhol nascido em 1882 ; Dá crédito ; Baleia. 4 — Abatível. 5 — Arara azul. 6 — Antes de Cristo ; Vogais iguais. 7 — Célebre Pintor cubista espanhol. 8 — Espécie de grou (brasileiro). 9 — Cidade do Kasaquistão (Rússia) ; cântico ; Possui. 10 — Fiança ; Assunto. 11 — Macaco americano ; Cuguardo.

LETRAS e NUMEROS

Uma livraria usava como código para controlar o preço de custo dos livros a palavra TERMOPILAS, em que as letras valiam respectivamente 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9. Um romance e um volume de contos apresentavam como custos as marcas EIOPS e LTRE.

Valendo-se do código, faça com esses preços uma operação cujo resultado seja SOMA.



COBRAS E LAGARTOS

Na secção de répteis de um zoo existem 12 cobras e a média de pernas é 3 por animal. Quantos são os lagartos ?

TRANSPORTES AÉREOS DE ANGOLA

DELEGAÇÃO DE VENDAS

AV. LUIS DE CAMÕES, 115-117

NOVO HORÁRIO

DESDE 1 DE MARÇO DE 1974

• VENDA DE PASSAGENS { DOMÉSTICAS / INTERNACIONAIS

SEGUNDA a SEXTA • 8 H às 12 H — 14 H às 18 H

SÁBADO • 8 H às 12 H,30

• RESERVAS E INFORMAÇÕES

SEGUNDA a SEXTA • 8 H às 18 H

SÁBADO • 8 H às 12 H,30

• Telefones

DIRECTOS:	PPC:
32996	32990
32997	32992
32998	32993
	32995
	36510

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

11 — Sábado: **Central, Angola, Casa Branca, Maianga, Abelheira, Brasil.** 12 — Domingo: **Restauradores, Sanitas, Portugal, Garcia, Ultramar, Galénica.** 13 — Segunda: **Esperança, Maculusso, Matoso, Anabela, Combatentes, S. João.** 14 — Terça: **Popular, Colonial, Boavista, União, St.º Condestável, Pátria.** 15 — Quarta: **Serra, Higiene, S. Paulo, Vitória, St.ª Maria, V. Alice.** 16 — Quinta: **Tropical, Saúde, Janeiro, Alvalade, Académica, Orquídea.** 17 — Sexta: **Nacional, Africana, Universal, Lopes, Luanda, Cazenga.**

LOCALIZAÇÃO DAS FARMÁCIAS

ACADÉMICA - R. F. Newton, 108
AFRICANA - R. Serpa Pinto, 21
ALVALADE - R. Nort. Matos, 22
ANGOLA - Alam. D. João II, 284
BOAVISTA - R. Ant. Enes, 278
BRASIL - Av. Brasil, n.º 99
CASA BRANCA - R. A. Enes, 400
CAZENGA - Bairro da Cazenga, 8
CENTRAL - R. Salv. Correia, 8
COLONIAL - Av. G. Carmona, 44
COMBATENTES-Av. Combat, 260
CONFIANÇA - R. D. João II, 10
DANTAS - R. Salv. Correia, 1
ESPERANÇA - R. S. Correia, 48
GALÉNICA - (Cinema N'GOLA)
GARCIA-R. 12-SL, n.º 82-B: Sal.
HIGIENE - Av. Sá Bandeira, 208
IDEAL - R. Franc. Newton, 240
INGOMBOTAS - R. B. Rodrig., 38
JANEIRO - Av. Paulo Dias, 131
LOPES - B. Am. Tomaz Rua 15
LUANDA - R. Almeida Garret, 35
MACULUSSO-Av. G. Carmona, 72
MAIANGA - R. Guilh. Capelo, 38
MATOSO - Av. Paulo Dias n.º 39
MOURA - Rua do Alentejo, 145
NACIONAL - R. S. Correia, 184
ORQUÍDEA - B. S. Rodrigues, 38
PÁTRIA - Estrada de Catete, 325
POPULAR - R. Salv. Correia, 85
PORTUGAL - R. N.S. Muxima, 43
PRENDA - R. D. João, III, 150
RESTAURADORES-Av. Rest., 33
S. CONDEST.-R.Cerâm.-B. Cuca
S. JOÃO - Bairro Popular, N.º 2
S. PAULO - R. B. de Melo, 99
SAÚDE - Rua Conde Ficalho, 55
SANITAS - R. Per. Forjaz, 227
ST. MARIA - Estrd. Conduta, 29
SERRA - R. Pereira Forjaz, 64
TROPICAL - R. N. Ferreira, 16
ULTRAMAR - R. P. Couceiro, 436
UNIÃO - R. António Barroso, 100
UNIVERSAL-R. P. Couceiro, 97
VILA ALICE-R. Eug. Castro, 134
VITÓRIA - Rua da Samba, 90

NASCIMENTO DA LUA

DIA	
11 — Sábado	às 22.18
12 — Domingo	» 22.05
13 — Segunda	» 23.51
14 — Terça	» .....
15 — Quarta	» 00.36
16 — Quinta	» 01.22
17 — Sexta	» 02.08

MUSEUS

Museu de Angola
Rua de N. S. da Muxima

Museu da Mulemba
Estrada do Cacuaco

★

BIBLIOTECAS

Biblioteca Nacional de Angola
Av. General Norton de Matos

Biblioteca da Câmara Municipal
Largo da Câmara

MARÉS

DIA	PREI.	BAIX.
11	00.33 e 07.15	12.58 e 18.51
12	01.09 e 08.00	13.42 e 19.31
13	01.50 e 08.52	14.37 e 20.19
14	02.40 e 09.52	15.42 e 21.19
15	03.41 e 10.53	16.50 e 22.27
16	04.47 e 11.48	17.53 e 23.33
17	05.48 e 12.38	18.48 e .....

TAAG

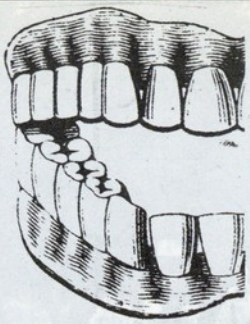
TRANSPORTES AÉREOS DE ANGOLA
S. A. R. L.
AV. LUIS DE CAMÕES, 117/123—LUANDA
TEL. 27735/36/63

Partidas de Luanda para:

AMBRIZ — Seg. Qui. (08.15) e Qua. (08.00)

AMBRIZETE—Seg. Qui. (08.15): Qua. Sex. e Dom. (08.00)

INFORMATIVO SEMANAL



(BENGUELA — Seg. Ter. Qua. Qui. e Sáb. (16.30); Ter. Qua. Qui. e Sex. (13.30); Sex. (06.15) e Dom. (06.30)

CABINDA — Seg. e Qui. (07.00); Seg. Ter. Qua. Qui. Sex. e Sab. (16.00); Qua. Sex. e Dom. (08.00); Ter. e Sab. (07.30)

CARMONA—Seg. Ter. Qua. Qui. e Dom. (13.15); Sex. (09.00); Sab. (15.15); Seg. e Qui. (08.30)

DAMBA — Seg. e Qui. (08.30).

H. DE CARVALHO — Ter. Qua. Qui. Sab. e Dom. (07.15)

JAMBA — Seg. e Qui. (06.00) e Sab. (06.15)

LOBITO—Seg. Qui. (10.00); Ter. Dom. (08.30); Sex. (16.30); Sab. (14.30); Seg. Ter. Qui. e Sáb. 06.30) e Qua. (06.15)

LUSO—Ter. e Dom. (06.00); Qua. Sex. e Sáb. (07.00); Seg. (06.15)

MALANJE — Ter. Qui. Sáb. e Dom. (07.15)

MAQUELA—Seg. e Qui. (08.30); Qua. e Sex. (07.45)

MOÇAMEDES — Todos os dias (06.30); Ter. Qua. Qui. e Sex. (13.30); Seg. e Sáb. (14.00)

NOVA LISBOA — Seg. Ter. Qui. e Dom. (06.00); Qua. Sex. e Sáb. (06.15); Qua. Sex. e Sáb. (07.00); Qua. e Sex. (11.30); Seg. Qua. e Sáb. (06.45)

NOVO REDONDO — Seg. Qua. Qui. e Sáb. (14.15)

P. AMBOIM — Seg. Qua. Qui. e Sáb. (14.15)

PORTUGALIA — Ter. Qua. Qui. Sáb. e Dom. (07.15)

P. D'EÇA — Seg. e Qui. (06.00)

SÁ DA BANDEIRA — Todos os dias (06.30)

S. SALVADOR — Qua. e Sex. (07.45); Seg. Ter. Qui. e Sáb. (08.15)

SAZAIRE — Qua. Sex. e Dom. (08.00); Ter. e Sáb. (07.30); Seg. Qui. (08.15)

SILVA PORTO — Seg. (06.15); Qua. Sex. e Sáb. (07.00)

SERPA PINTO — Seg. Qua. e Sáb. (06.45)

S. TOMÉ — Ter. e Sex. (12.15)

TOTO — Qua. e Sex. (07.45)

WINDHOEK—Ter. e Qui. (08.00)

CTA

CONSÓRCIO TÉCNICO DE AERONÁUTICA
AEROPORTO CRAVEIRO LOPES
TEL. 24140/23715

A maior frota comercial de Angola oferece:

DE LUANDA para:

MUXALUANDO - GENERAL FREIRE - ZALA - LUANDA — Segundas, Terças, Quintas e Sábados (10.00; 12.10).

MARGARIDO - MARIA FERNANDA - MUXALUANDO - LUANDA — Quartas e Sábados (10.00; 11.55).

TOMBOCO - NÓQUI - LUANDA — Terças, Quintas e Sábados, (8.30; 12.00).

CAZUA - PANGO - QUIBAXE - BULA - SALAZAR — Segundas, Quartas e Sábados (9.00; 12.50).

DE SALAZAR para:

BULA - QUIBAXE - PANGO - CAZUA - LUANDA — Segundas; Quartas e Sábados (9.00; 12.50).

DE MALANGE para:

LUQUEMBO - QUITAPA - QUIRIMA - SAUTAR - LUANDO - MALANGE — Segundas e Sextas (8.30; 14.45).

MALANGE - FORTE REPÚBLICA - MANGANDO - MALANGE — Quintas (9.00; 12.30).

DE HENRIQUE DE CARVALHO para:

LUBALO - LUREMO - NOVA CHAVES - CASSAI H. DE CARVALHO — Terças e Quintas (8.15; 12.00).

CAFUNFO - NOVA CHAVES - CASSAI - CACOLO - ALTO CHICAPA - H. CARVALHO — Sábado (8.00; 13.40).

CAMAXILO - CUILO - CAUNGULA - H. CARVALHO — Domingos (8.15; 14.25).

AERANGOL

LINHAS AÉREAS DO LESTE
TELEF. 25884 — TELEX 3127
LUANDA

Terças (07.00) — LUSO - T SOUSA - CAZOMBO - T. SOUSA - LUSO (11.50). — Sextas (09.30) — LUSO - T. SOUSA CAZOMBO - T. SOUSA - LUSO (15.50). — Segundas e Quintas (07.00) — LUSO - G. COUTINHO - CANGAMBA - G. COUTINHO - LUSO (11.25).

(Esta carreira aterra a pedido, em Lucusse, Fuzos, Luvuei e Lutembo).

NOTA — No Bié as carreiras aéreas só se efectuam caso haja passageiros.

Lusitanos

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
Alameda D. João II, 265
C. P. 6072-C — Tel. 81691 — LUANDA

HORÁRIO MUSSULO

DIAS ÚTEIS
(sábados inclusivé)

Partidas dos Autocarros
(Alameda D. João II):
às 8.30, 10.00, 12.00 e 14.30 horas.

Partidas da Samba dos barcos:
às 9.10, 10.40, 12.40, 15.10 e 16.40 horas.

Partidas do Mussulo:
às 10.00, 12.00, 14.30, 16.00 e 18 horas.

DOMINGOS

Partidas dos Autocarros
às 7.30, 8.30, 9.30, 10.30, 11.30, 14.30, 15.30 e 16.30 horas.

Partidas da Samba dos barcos:
das 8.00 às 17.30, de 30 em 30 minutos com interrupção, para almoço das tripulações das 12.30 às 15.00 horas.

PREÇO (Ida e Volta):
1.ª CLASSE - 30$00
2.ª CLASSE - 20$00
(Incluindo Autocarro e Barco)

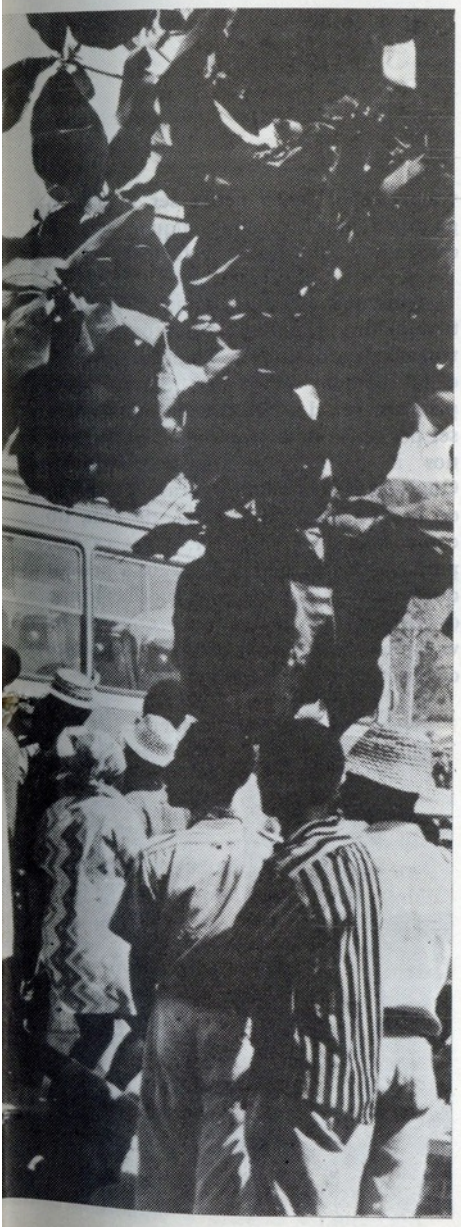
CRIANÇAS — Até 10 anos pagam 50 por cento

Kaminomoto

é realmente eficaz?

KAMINOMOTO é considerado pelas autoridades médicas do Japão como uma das mais notáveis descobertas científicas no campo da cosmética capilar.
KAMINOMOTO contém Hinokitiol, cristal extraído de Hinoki árvore sagrada do Japão — cujas propriedades rejuvenescendo as células hipodérmicas, impedem a queda do cabelo e aceleram o seu crescimento.
KAMINOMOTO é realmente eficaz contra a queda do cabelo.
KAMINOMOTO acelera realmente o crescimento do cabelo, mesmo nas pessoas calvas.

STENDHAL
RUA LUÍS DE CAMÕES 79-A
LUANDA
DISTRIBUIDORES EM ANGOLA
a nova york
C. P. 170
NOVA LISBOA



SÃO NICOLAU A LIBERDADE

Era a cantar "São Nicolau ia passoca" que os internados no Campo de Recuperação que tem o nome desse santo natalício, principiavam o domingo — os muitos domingos que normalmente se passavam em São Nicolau — enquanto na colina onde está instalada a casa do Director subia, mastro acima, a bandeira verde-rubra. "São Nicolau ia passoca" quer dizer qualquer coisa parecida com "está-se bem em São Nicolau".

Fomos lá há dias assistir à libertação dos primeiros presos abrangidos pelas determinações do Movimento de 25 de Abril. Colhemos de surpresa o Director e os próprios encarcerados que nos receberam sem grandes manifestações de júbilo. Cuidávamos nós que iríamos deparar com uma festa bem maior do que uma outra que naquele mesmo local apreciámos por ocasião de visita de um alto governante. Então, eramos dísticos patrióticos, era o hino nacional, era uma aparente alegria que as roupagens novas reforçavam.

"Está-se bem em São Nicolau"... não o cremos sinceramente depois desta última visita. E tanto assim que nenhuma das quatro mil pessoas que constituiam a população prisional do campo deu o mais leve indício de preferir gozar ali as novas delícias das "liberdades fundamentais" — essas palavras distantes que outrora ouvíamos pronunciar os "indivíduos a soldo de Moscovo ou de Pequim", aos "portugueses indignos", ou aos "patriotas renegados, (já não nos lembra bem, as frases-chave que qualificavam essa gente "ingóbil e desumana"), que agora verifico serem, afinal, tão homens de boa vontade como nós. Ou mais ainda.

A maioria dos internados ainda não se apercebera verdadeiramente do volte-face que se operou a oito mil quilmetros de distância. Dos 4.000 homens, mulheres e crianças, 2.335 são presos, de idades dos 15 anos para cima, incluindo perto de 400 que sujeitando-se a compartilhar das condições do campo, faziam companhia aos encarecerados que atingiam uns certos graus de comportamento. Nem um branco neste numeroso grupo, apenas pretos e mestiços, camponeses (imensos), pedreiros, marceneiros, carpinteiros, estudantes, (muitos, principalmente do Liceu Salvador Correia), vadios, (alguns), funcionários públicos, (da Fazenda, do CITA, etc.) ajudantes de despachante, enfim, uma amostragem completa da multifacetada terra angolana, onde não faltavam mesmo alguns intelectuais.

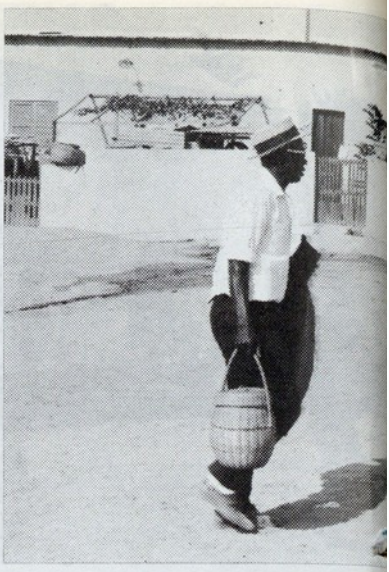
Foi nesta camada rara da população que tivemos a primeira surpresa. Com um saco de questões para apresentar, acabámos por ser nós o interrogado.

— Você conhece os factores deste movimento encabeçado pelo General Spínola? E as suas ideologias? Que tipo de governo tencionam eles implantar aqui? Diz você a pender para o socialismo? Que socialismo — popular, capitalista? Um meio termo? — que meio termo? Vão aplicar um tipo em Portugal e outro aqui? Se efectivamente aplicarem aqui um socialismo popular, que correntes irão adoptar para o caso de Angola?

Estas e muitas outras interrogações mais que suficientes para embaraçar quem nunca leu sequer o ideário da ANP.

Um verdadeiro bombardeio, pois, caracterizou o nosso primeiro encontro com um rapaz muito novo, de óculos escuros, que mal começou a falar, logo ficou rodeado de um grupo atento, interessado e de certa maneira enlevado com aquela manifestação de sapiência, com todo o jeito de ter sido colhida em universidades longínquas e frias...

Seja confessado, honestamente, que o profissional de ideias gerais por cima com



graves lacunas de por cima com grandes lacunasde formação política, como acontece geralmente, em Angola, não se para contestar determinadas ideias-base da argumentação apresentada — base da argumentação apresentada de a modo algum, em presença do político a que nos habituára-mos de modo algum, em presença do político a que nos habituáramos isto é "o homem que dizia bem do governo", ou que justificava o governo", mas um homem profundamente inserido no cerne da sua ideologia, e perfeitamente conhecedor dos caminhos que tem a seguir.

Não nos esqueçamos, porém, que o Campo era destinado, em princípio, a acusados de actividades políticas consideradas subversivas, mas apenas em princípio, note-se. Em escalões variados, do mais humilde ao mais elevado, a acção política motivara em regra o internamento. A acção política, mas não apenas.

— Como quer você que lhe fale de liberdade, se eu ainda estou em São Nicolau — ainda estamos quase todos em São Nicolau?

Não era preciso dizer mais para confirmar o cepticismo e o ar receoso que lhe estava estampado no rosto.

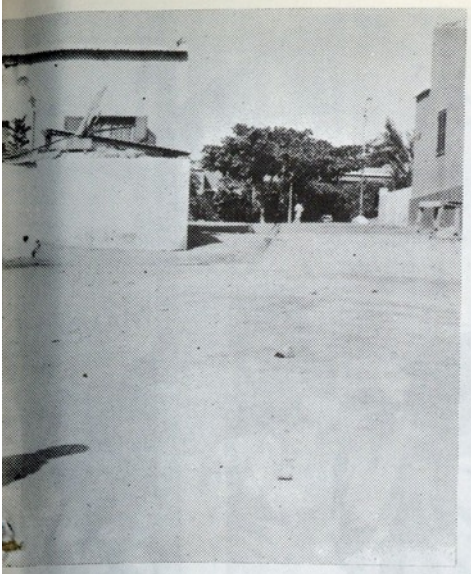
— Sabe, é preciso dar tempo. Ainda não vi nada. Você conhece os homens, mas eu não os conheço...

Mas o que vem a ser verdadeiramente o Campo de Recuperação de São Nicolau, que a imprensa estrangeira tem classificado como "campo de concentração", adjectivando-o de "tenebroso" e de outras palavras Valha a verdade que São Nicolau, Vamha a verdade que São Nicolau, visto do ar, e mesmo de perto nada tem de tenebroso. Bem pelo contrário. Tem o mar ao lado, tem um rio seco que desta vez levava imensa água, um clima ameno, algo parecido com o de Moçâmedes, de que dista 170 quilómetros, e um panorama ao seu redor, não diremos deslumbrante, mas agradável, pese, embora, a ausência de vegetação. Ali perto fica a lendária Serra da Neve, mais para Oeste, ficam zonas de transição da Lola e do Camucuio, onde já há florestas, nas quais aparece bicharada grande, inclusivamente o elefante. Só faltou dizer uma coisa: é que se encontra extremamente isolado, sem qualquer povoado digno de nota a menos de uma centena de quilómetros, e ainda por cima em região onde as condições de sobrevivência natural são precárias.

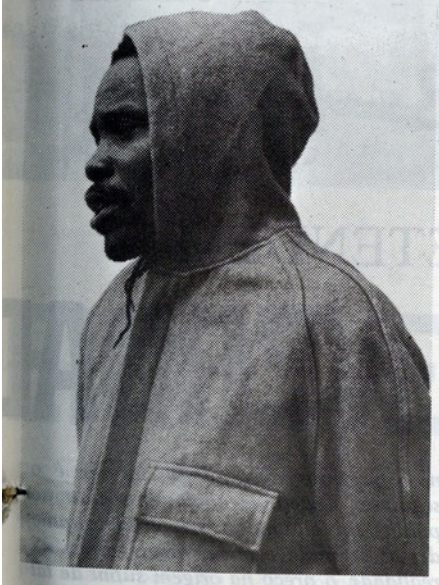
que também se chama São Nicolau, que também de se chama São Nicolau, tem poucas árvores e apresenta um aspecto limpo, casinhas de alvenaria, administrativos, hospital, e mais administrativos, hospital. e mais longe, casernas e a sanzala, nas proporções idênticas às das vilórias do "mato, ou seja, um número francamente superior ao das moradias de construção definitiva. de uma vulgar moradia, há a prisão. de um vulgar moradia, há a prisão. Por fora nada faz lembrar o que é. O homem que no exterior, junto à porta de entrada, de chaves na mão, tanto podia ser o pacato guarda de um depósito qualquer, como o carcereiro, aquilo que de facto era.

Quisemos ver tudo e vimos. Duas metros quadrados onde se amontoavam metros quadrados onde se amontavam vinte e tal homens em cada. Saíram pela primeira vez do cativeiro de meses, sem ser por causa da desinfecção. Chamaram-nos à parte. Falaram em surdina. Queixaram-se com amargura. Do espaço, de maus tratos, da comida, da vida do campo mesmo no exterior, e das razões, para elas fúteis, que os levaram à prisão: quiseram fugir e os guardas não deixaram, insurgiram-se contra os vigilantes, reagiram às determinações que consideraram injustas.

Não esperava, francamente, ir en-



SÃO NICOLAU



contrar homens a enaltecer o tratamento de uma prisão, que não será muito diferente de muitos outros países para o tratamento de casos como este. Mesmo até nas celas individuais, onde mal cabe um homem deitado nas quais o único mobiliário é uma pia de retrete.

Nenhum deles sabia ainda das medidas de libertação. Acolheram a notícia com um esgar de quem não deve sorrir há muito.

No exterior, andava tudo numa roda viva com a saída dos primeiros cativos. Era natural, as permanências no Campo era sempre muito prolongadas, 3/4 e mais anos, consoante o critério estabelecido sumariamente pela DGS. Os únicos que ali viram alguma vez um juiz foram os que trabalhavam no Tribunal.

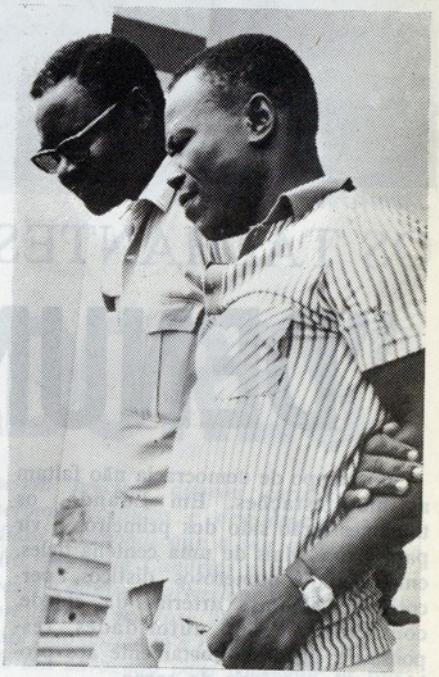
Todos tinham qualquer coisa para dizer: acusações de prepotências, de sevícias, de violências. Que a Junta de Salvação Nacional irá esclarecer e castigar com mão pesada se for caso disso.

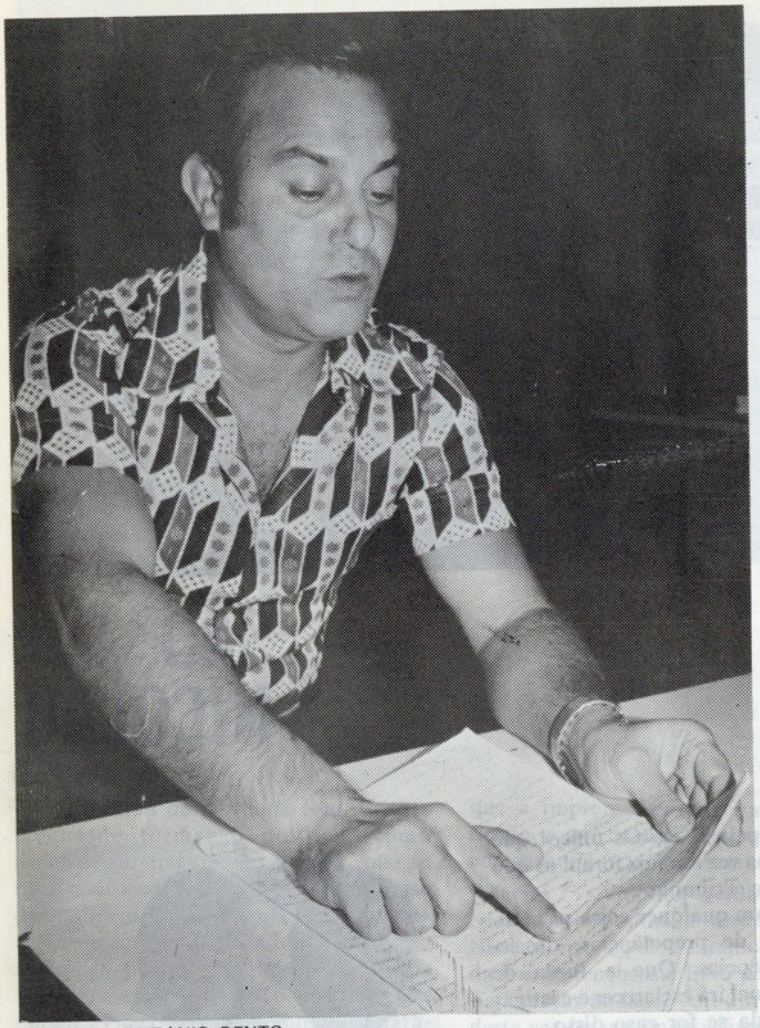
Em nome da "segurança das populações" centenas de indivíduos ali iam ter todos os anos. Para "recuperar". Tentava-se a recuperação utilizando uma terapêutica, que incluia a ocupação profissional (fizeram-se bons alfaiates, bons pedreiros e bons carpinteiros), e a convivência com a família, (em determinados casos) e pouco mais. Faziam-se ali longas estadias, depois voltava tudo de novo às suas terras. As conversas a partir daí não seriam decerto sobre as cotações da bolsa, de Lisboa, mas sem sombra de dúvida as suas experiências no campo. E se é sabido que alguns deixaram cartas de gratidão infinda aos directores do estabelecimento, não temos a certeza de que o grosso da coluna proceda da forma idêntica, apresentando, decerto versões muito mais chocantes do que aquelas que seriam expressadas pelos responsáveis pelo campo.

O tempo dirá se alguma vez se conseguiu construir qualquer coisa de bom com São Nicolau. Nós não acreditamos, nem um bocadinho...

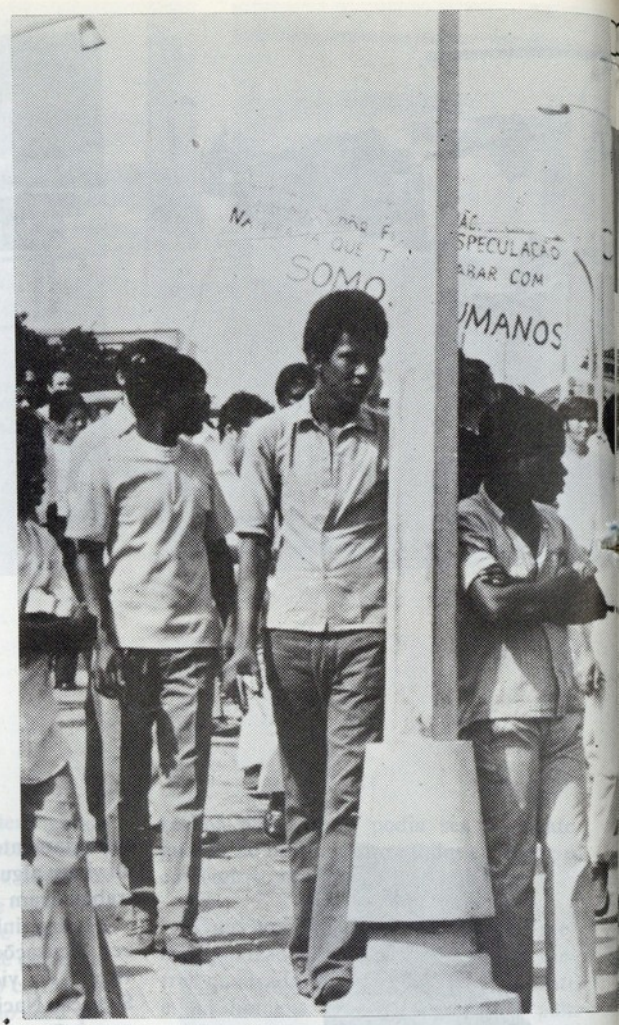
—

P.S.—Que se vai fazer agora às 4.000 pessoas, inopinadamente livres, livres de tudo, até de meios de subsistência?





JACINTO ANTÓNIO BENTO



OS TALHANTES DE LUANDA PRETENDEM

"DENUNCIAR OS VERDAD

Em tempo de democracia não faltam as manifestações. Em Luanda, os talhantes terão sido dos primeiros a vir para a rua. Mais de uma centena deles, empunhando numerosos dísticos, percorreram algumas artérias da cidade, contactando com autoridades responsáveis ligadas directamente aos problemas do comércio da carne.

Jacinto António Bento, sócio-gerente do talho Pastoril, na rua Silva Porto, explica-nos a situação:

— *A maior "dor de cabeça" para os talhantes consiste em não haver tabelas estipulando os preços de compra; deste modo vemo-nos obrigados a pagar sempre o que o produtor muito bem entender. Os marchantes sabem bem que se não existirem criadores, não existirão marchantes; mas alimentar uma classe com o "sangue" da outra é desumano, mas é, na realidade, o que está a acontecer. Decerto o produtor que investiu largos capitais numa criação racional, merece todo o respeito e protecção e, para isso, o Governo tomou medidas justas tais como liberdade de preço das carnes especiais, direito à exportação dessas mesmas carnes, etc. Mas não há o direito de ir além do que é justo, na venda de carcassas de 2.ª e 3.ª categoria que, na realidade, são as únicas vendidas aos marchantes locais. Vejamos o que se passa: os criadores tinham o ano passado 5.000 cabeças de gado, cujo valor, para corte, era de 7.500 contos; essas mesmas cabeças valem hoje 15.000 contos. Ora parece-nos que o criador destas qualidades chora "lágrimas de crocodilo", quando se queixa. Trinta escudos por quilo dessa carne em carcassa é um exagero, muito embora isso nos não diga respeito. O que nós queremos desde já esclarecer é o seguinte: a actual tabela de venda ao público foi feita na base de 25$00 o quilo dessas segunda e terceira categorias; na realidade, o preço na origem subiu de tal modo que estamos a pagar a carne a 30 e a 32 escudos. Por isso, pedimos desde já ao Governo que ponha cobro a semelhante anormalidade. Porque deixou de haver um lucro justo, para abusivamente se passar a manifestações de ganância que, ao fim e ao cabo, ocasionam milhares de contos de prejuízos aos criadores honestos e a Angola. Explico: a ganância foi tanta que houve quem não hesitasse em comprar nas zonas infectadas, gado de recria, espalhando as doenças nas suas próprias pecuárias e o que ainda é mais grave, nas dos vizinhos.*

O nosso interlocutor, que veio à redacção do "NOTICIA" acompanhado

EIROS ESPECULADORES"

por numeroso grupo de colegas, repudiou as acusações de que por vezes os marchantes têm sido alvo, e que os apresentam como responsáveis directos pela alta do preço da carne, tornando-os até apologistas da prática de altos preços. *"Quanto mais barato pudessemos vender, melhor"* — disse — *"porque assim a dona de casa compraria dois quilos de carne em vez de um"*. E prosseguiu:

— *Infelizmente tudo sobe e a carne não foge à regra. O fenónemo é mundial e a triste situação em que nos encontramos vem-se arrastando há anos e os marchantes, para sobreviverem, viram-se obrigados a enveredar pela ilegalidade. Então começámos a encher os bancos dos réus, nos tribunais, a arriscar dia a dia a nossa liberdade.*

Resolvemos agora, neste momento de liberdade, denunciar publicamente quem são os verdadeiros especuladores. Fizemos também sentir ao Inspector dos Serviços de Economia, que nem a fiscalização, nem os próprios serviços saíam dignificados da repressão, pois ao prenderem um marchante ou um cortador, não castigam os verdadeiros culpados, pois nós mais não éramos que os bodes expiatórios de um sistema falso e mentiroso.

Uma comissão dos marchantes de Luanda foi recebida na Inspecção das Actividades Económicas pelo Inspector Caetano, tendo solicitado a este funcionário que se tornasse o porta-voz dos manifestantes junto do Governo e dos seus superiores hierárquicos.

A mesma comissão esteve depois nos Serviços de Comércio. Jacinto António Bento fala-nos desse encontro:

— *Fomos recebidos pelo dr. Baltazar e pelo dr. Barros que nos disseram não serem precisos aqueles cartazes para sermos recebidos e devidamente atendidos. Respondi que a sua antecessora, dra. Manuela Candeias se negou várias vezes a receber o grémio na pessoa do seu presidente, sr. José Bartolomeu, tendo este sido obrigado a recorrer aos serviços de um advogado para conseguir os fins visados.*

Deste nosso contacto resultou a criação de uma comissão de marchantes para um conjunto com os Serviços de Comércio, com criadores e fornecedores habituais e ainda com os Serviços de Veterinária, fosse encontrada uma plataforma justa, que não prejudicasse os interesses de ninguém. Abordou-se também a mentalização do público, no sentido de não adquirir apenas bife, mas sim todas as qualidades de carne.

Enfim, visitámos ainda o director dos

ESTUDE

RÁDIO
TELEVISÃO E
TRANSISTORES

A VIDA MODERNA EXIGE HOMENS PREPARADOS

Em sua casa, por correspondência, recebe lições, ferramentas, aparelhos de laboratório e material para praticar.

Em pouco tempo e econòmicamente será um verdadeiro técnico.

Peça o folheto grátis à

EURORÁDIO

Av. Manuel da Maia, 32
Lisboa 1 Telef. 43563

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ N

OS TALHANTES DE LUANDA

Serviços de Veterinária que nos disse, também, que mesmo sem cartazes seríamos recebidos da mesma forma e que a porta da direcção dos serviços estaria sempre aberta desde que ali fossemos apresentar qualquer exposição.

Aproveitei para dizer que nós marchantes, nos admirávamos de ver assinado pelo eng. Romero Monteiro uma anomalia que na prática está longe da realidade. Disse ainda que o Secretário Provincial da Agricultura fora mal informado, ao que o nosso anfitrião respondeu: "Então está a chamar-me mentiroso". Disse: Foi então V. Exa. quem terá sido mal informado, porque nós marchantes corremos Angola de ponta a ponta, e nem na aldeia mais recôndita do Cuanhama se consegue comprar uma cabeça de gado por menos de 11$50 ou 12$00 o quilo, viva, o que traduzido em carne, no matadouro, sairá sempre a 30$00 ou mais cada quilo, dado que o gado gentio tem larga percentagem de reprovações.

Mais tarde, os manifestantes estiveram ainda no Palácio onde se avistaram com o secretário do Encarregado do Governo, tendo-lhes sido garantido que o Governo do Estado está atento ao problema.

Jacinto António Bento denota, entretanto, confiança no saneamento desta situação preocupante para toda uma classe:

— Dentro em breve, o pão que os nossos filhos comem não será fruto de especulação mas sim de trabalho honesto e lucro justo.

PRODUCTION VAL D'OR
CASTOR
FABRICATION FRANÇAISE

a mais maravilhosa **PRENDA** para um **AMADOR**

UM ESTOJO CASTOR C 567

para furar, serrar madeira, lixar

O ESTOJO CASTOR C 567 em cartão microcanelado dimensões 500 × 405 × 108, contém uma base alveolada em polistirene expansivo CASTOR o material indispensável ao bom amador.

COMPOSIÇÃO DO ESTOJO:

- — 1 bloco motor CASTOR 220 V.
- — 1 reductor de velocidade nº 14
- — 1 punho de reductor de velocidade
- — 1 bucha de chave 11 B, 10 mm
- — 1 broca de 3
- — 1 broca de 4
- — 1 broca de 5
- — 1 broca de 7
- — 1 broca de 10

em aço rápido para metais

carbureto de tungsténio (ponta de diamante)

- — 1 conjunto serra circular nº 40 C
- — 1 conjunto lixadeira lustradora nº 80 C
- — 1 punho revolver nº 12
- — 1 punto lateral nº 13
- — 1 tubo de óleo
- — 1 chave chata
- — 1 chave de parafusos Phillip nº 1
- — 2 chaves machos de cachimbo

DISTRIBUIDORES GERAIS EM ANGOLA

CASA DAS FERRAMENTAS, SARL

rua de sousa coutinho, 41 – c.p. 5740 – LUANDA

ESTOJO CASTOR C 567 (Motor 10 MC em 110 ou 220 volts à escolha . .	INDEX **1567**

aborto: SIM OU NÃO?

ENTENDE QUE O ABORTO:

1 — Não deve ser feito em caso algum

2 — Deve ser autorizado em casos extremos (quando a vida da mãe está em perigo, por exemplo)

3 — Deve ser autorizado em situações morais difíceis (quando a gravidez é proveniente de esturpo, ligações incestuosas, menor idade da futura mãe, razões medicamente fundamentadas para se crer provável deformidades físicas e mentais da criança)

4 — Deve ser autorizado sempre que o solicite uma futura mãe-solteira ou mútuo acordo dos cônjuges

5 — Deve ser totalmente livre e sem quaisquer peias

Os nossos leitores mais fiéis lembrar-se-ão de em Junho do ano passado termos anunciado na capa o título desta reportagem. No interior... nada. Este um dos muitos assuntos cortados pela Censura e um dos poucos que resolvemos "ressuscitar" dos nossos arquivos. Verão os leitores que o assunto foi abordado com a cautela que merece e com o mínimo de dignidade que exige. Ninguém negará, também, que se trata de problema extremamente actual cada vez mais posto à consciência das Nações. A sua complexidade e a longa gama de opiniões que origina exemplifica a responsabilidade que caberá agora a cada um de nós, na análise atenta das decisões a tomar.

Para que os leitores se possam aperceber da gravidade da questão — que nunca entendemos que interesse havia em escamotear — podemos acrescentar que, segundo informação de médico actualmente em Luanda, num dos meses de 1965, no Banco do Hospital de São José, entre cerca de três centenas de traumatologias, verificaram-se mais de duas centenas de abortos (mal sucedidos) em evolução...

Como reagir perante o aborto?

Por todo o mundo, em países com as mais diversas formas de vivência social, a questão é vibrantemente actual. Em França, por exemplo, e após cinquenta anos de vivência duma lei desactualizada, o problema ganhou âmbito nacional.

Aliás, neste sector, a França está longe do pioneirismo. O aborto já é livre em países como a Suécia e a Polónia, embora as leis que o regulamentam sejam bem diferentes. Não se deve pensar, contudo, que todos os países comunistas — dada a não religiosidade do sistema político — aceitaram o aborto. É curioso até registar que foi a Polónia (que apesar do seu sistema político continua a ser um dos mais importantes países católicos do mundo) que o liberalizou e admitiu nos seus hábitos sem sobressalto, enquanto ainda é restringido em países de linhagem mais dura como a Albânia...

Uma coisa é preciso ter em conta: o aborto não se pode discutir ao de leve. Para além dos aspectos unicamente religiosos — e que não podem ser ignorados — há todo um conceito de respeito pela vida humana que não pode ser ignorado. Sendo um assunto já discutido at à exaustão, são inúmeros os argumentos apresentados dum lado e outro. Exemplificando o rigor a que, nalguns países, foi levada a defesa e análise de pontos de vista, lembremos uma célebre polémica, entre dois reputados cientistas, tentando definir o momento — cientificamente exacto — em que se pode chamar "vida humana" a um feto. A polémica, para além dum impressionante estendal de erudição, não faria mudar de opinião qualquer dos sábios. Mas teria a vantagem de divulgar, junto da opinião pública, larga soma de argumentos que não deixaram de formar adeptos.

Fundamentalmente como reagir perante o aborto?

Em Portugal — e Angola nesta questão é bem Portugal — ninguém desconhece a existência do aborto clandestino. Perseguido, mas de alguma forma tolerado, o aborto faz em Portugal, anualmente, um numeroso grupo de vítimas que nenhuma estatística pôde definir. Vítimas de toda a ordem: desde as que morrem, até às que ficam diminuidas fisicamente ou traumatizadas para toda a vida.

E no entanto ninguém ignora que, realizado em condições clínicas aceitáveis e por especialistas tecnicamente apoiados, o aborto é uma intervenção praticamente sem perigo. É a clandestinidade, a deficiência de instalações e materiais, o aventureirismo de oportunistas, que lhe dá a virulência que possui entre nós.

Entre nós contraria o aborto a Lei e a Igreja. Por razões frequentemente interligadas: respeito à vida humana, no fundo.

Poderá, no entanto, ignorar-se a pressão das vítimas que recorrem clandestinamente — mesmo conhecendo perigos e riscos — por não aceitarem a alternativa?

Poderá manter-se ainda e sempre a Lei, quando à parca divulgação dos métodos contraceptivos, é nulo o apoio à mãe solteira, fraca a defesa, no aspecto de segurança social, à família?

Todo um mundo de problemas, de vastíssimos problemas, que NOTICIA abre hoje à discussão. Com a intenção, não escondida, de debater o assunto a nível nacional e no desejo, legítimo, de actualizada a lei sobre o aborto em Portugal.

Como primeira iniciativa tentámos realizar uma total recolha de opiniões junto dos médicos de Luanda. Quase três centenas receberam o inquérito que se reproduz. Infelizmente muitos preferiram ignorá-lo. Mas alguns, sensíveis ao problema, enviaram-nos resposta que mostra perfeitamente a sua consciência da gravidade do assunto.

Significativo, na análise das respostas que recebemos, não ter havido um único médico que recusasse totalmente um aborto. E também o de apenas menos de cinco por cento das respostas apoiarem a sua completa liberalização.

Independentemente do "concordar" ou não, os médicos que nos responderam não hesitaram em apontar outros ângulos do problema. O dr. Vaz Osório, embora "contra" considera que não é esse aspecto que está em causa porquanto:

aborto

Em princípio sou contrário ao aborto. Mas infelizmente a nossa opção não é entre o "sim ou não" ao aborto, mas entre o aborto legal, medicamente bem executado, e o aborto criminoso que existe e não podemos ignorar. Se a nossa reprovação do aborto resolvesse o problema este deixaria de o ser. Como não resolve, não passa duma posição comodista e divorciada das realidades. Dê-se uma educação sexual conveniente a rapazes e raparigas, liberalize-se o uso consciente dos anticoncepcionais, prepare-se a sociedade para aceitar e proteger quer a mãe solteira quer o filho, como seres "legais", e iguais aos outros, e então serei contra o aborto. Até lá, ser simplesmente contra é pactuar com o aborto criminoso".

O dr. Vaz Osório, que já se não limitara a sublinhar o questionário, antes condicionara a sua concordância, coloca, com notável desenvoltura e desassombro, o problema na sua exacta dimensão — as consequências funestas que resultam da legislação em vigor, quer por não conter em si meios para a fazer cumprir quer por não ser apoiada por uma assistência sócio-económica eficaz e adequada.

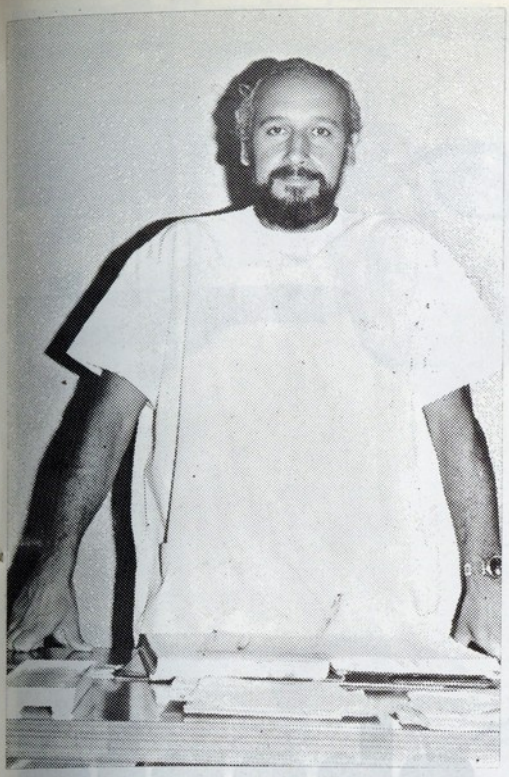
Aliás pelo mesmo diapasão alinha o Prof. Nuno Grande, que considerou atendíveis as perguntas 2 e 3, tendo comentado:

A importância do problema, que pretendem ver amplamente discutido, justifica a vossa decisão. Todavia terá que ser situada qualquer tipo de posição ao momento histórico, sócio-económico e geográfico em que é posta a questão e a resposta que formulo diz respeito às características actuais do meio ambiente português.

O dr. Gil Ferreira foi um dos raros clínicos a optar pela quinta pergunta. Contudo, o seu comentário demonstra, como não podia deixar de ser, que total liberdade e ausência de peias implicam irresponsabilidade:

Livre e sem peias não como método sistemático, mas porque outros meios de contracepção não foram possíveis ou falharam. Modo de impedir milhares de abortos clandestinos com as mais trágicas consequências físicas e psicológicas. Pena é que certas possibilidades técnicas aperfeiçoadas, importantes nas zonas subdesenvolvidas, só tardiamente nos sejam facultadas. Lembro, por exemplo, o aborto por sucção, método relativamente inóquo e barato — ou será que no nosso país vai ser caro? — e as prostaglandinas, única droga efectivamente abortiva, sem grandes efeitos colaterais.

Em desacordo com a facilidade com que qualquer, porque tem acesso às



DR. VAZ OSÓRIO:

"...A NOSSA OPÇÃO NÃO É ENTRE O "SIM OU NÃO" AO ABORTO, MAS ENTRE O ABORTO LEGAL, MEDICAMENTE BEM EXECUTADO E O ABORTO CRIMINOSO QUE EXISTE E NÃO PODEMOS IGNORAR".

colunas de um jornal ou a um programa radiofónico, falem de "temas científicos *— médicos", muitas vezes ditados pelos conhecimentos que lhe vêm da "racionalidade-das-convenções-e-da-moral", sem haver um controle de uma comissão* efectivamente *responsável perante a Ordem. Que com a saúde não se brinca! Ou será que só os médicos não podem brincar com a saúde?*

Ao contrário do que se pode supor, a liberalização do aborto não visa, unicamente, atrair a cada qual o poder de decisão. O *controle* de natalidade pode, e deve, ser feito por outros processos. Na Inglaterra e nos países nórdicos, onde há muito o aborto legal existe, só muito dificilmente é permitido às mulheres interromper a gravidez. Em geral, quando subsiste o risco de vida ou haja indícios seguros de anormalidade no ser que se está a gerar. Os movimentos feministas, pelo mundo fora, especialmente nos Estados Unidos, exigem mais, praticamente a exclusiva decisão para as mulheres. "Queremos ser donas do nosso corpo" era o slogan mais utilizado.

Não parece razoável combater um exagero com outro. A questão não reside no consentir às mulheres abortar quando quiserem, mas permitir-lhes esse tipo de solução quando tal for aconselhável.

Deve proibir-se ou não? Num caso ou no outro, deve legislar-se com minúcia e levando em consideração a existência de meios eficazes para fazer respeitar o que se determina. Do Brasil atiram um exemplo preocupante: É proíbido. Pois bem, como ignorar três milhões de abortos ilegais que se praticam por ano? De que serve uma lei tão ostensivamente desrespeitada e que afecta física e psicologicamente centenas de milhar de mulheres todos os anos?

Questões que levantam os brasileiros, como a levantaram os franceses e a debatem constantemente outros povos do mundo.

Se demos preferência aos nossos médicos para serem eles a pronunciar-se sobre a questão isso deve-se, não ao facto de considerarmos que não haja mais quem possa pronunciar-se, e tenha até argumentos válidos, susceptíveis de pesarem nos pratos da balança, mas por que são eles quem melhor conhece os reflexos da inobservância da Lei que entre nós vigora sobre o assunto. Quantas das suas doentes não padecem de males decorrentes de abortos imperfeitos?

Porém, apesar de ser evidente o nosso critério de desejar auscultar a opinião médica, muitas das respostas reflectem a opinião pessoal de clínicos, que transcende e ultrapassa o conhecimento científico. O dr. Fernando Lezaola dividiu o seu comentário em dois aspectos:

1 — Concordo com o abortamento. É sabido que por esse mundo fora inúmeras raparigas morrem por tétano, perfuração uterina, septicéma, devido à intervenção de "curiosas". São legiões todos os anos. Uma hecatombe. Os médicos respeitam a Lei. Na maioria são celibatárias, jovens abandonadas, ou mães pobres com numerosos filhos. O homem deve melhorar a vida. Se essas crianças vão ser futuras vítimas da fome e da miséria, deve evitar-se essa desgraça.

Um ovo fecundado não passa de um ovo fecundado. Terá de sofrer imensas alterações antes de originar um ser humano. Discute-se ainda se pelo quarto mês já existe ali um ser.

Concordo com o abortamento quando praticado em grávidas de mais de 12 semanas.

2 — Concordo com a limitação da natalidade onde se verifique superpovoamento.

Um mundo bom seria o que não tivesse ladrões, assassinos ou mendigos. Que diríamos de alguém que para um jantar calculado para dez pessoas convidasse mil? Que era louco. Que pensar dos que se opõem à limitação da natalidade, permitindo o aumento asfixiante da população, sabendo antecipadamente que não será possível alimentar esta multidão avassaladora, nem material nem espiritualmente? É absurda semelhante maneira de pensar. Será sensato desinteressarmo-nos do caso porque a terrível catástrofe não se observará nos nossos dias ou porque uma terceira guerra mundial poderá,

em parte e por certo tempo resolver o superpovoamento? Exemplos flagrantes são as execrandas guerras que jamais terminam de todo. É mais humano e cordato trucidar cientificamente milhões de seres pensantes, em plena pujança física e espiritual, do que inutilizar ovos, embora fecundados?

. A escolha poderá ser terrivelmente difícil, mas não vejo outra via a seguir. Estou convencido que a guerra baseia-se na pobreza, territorial ou outra, do povo que provoca a luta, embora a justificação seja geralmente diferente. Penso sinceramente que a explosão anárquica da procriação da população do mundo inteiro, tornará a terra um viveiro horroroso de dementes e esfomeados.

. Urge aplicar, cientificamente, a limitação da natalidade onde ela for necessária, única maneira de podermos criar um mundo feliz.

Mais sucinto, o dr. Rui Nogueira Lemos respondeu afirmativamente às segunda, terceira e quartas perguntas, acrescentando:

. Além das indicações clínicas já hoje indubitavelmente aceites, deverá ser autorizada a prática do aborto, em meu entender, depois de devidamente considerado e apreciado o pedido por um "júri" de que fariam parte um médico, uma mãe de família estável, uma mãe solteira e uma adulta solteira sem filhos, escolhidos entre pessoas de elevado índice cultural e moral.

Já o dr. Bernardo Sodré Borges revela mais confiança na capacidade de julgamento do médico. Deve ser autorizado, mas em situações *bem determinadas*. Justificando:

. A multiplicidade e inocuidade de grande número de métodos anticoncepcionais torna inadmissível a total liberalização do aborto. Não esqueçamos que o embrião e feto são apenas estágios morfologicamente diferenciados de um ser humano, aliás geneticamente já bem determinado. O respeito que nos deve merecer a vida humana obriga-me a 1.º) Só considerar admissível o aborto se pudermos invocar, para a mulher, legítima defesa "física" (risco de vida) ou "moral" (gravidez resultante de relações não consentidas. 2.º) Pensar que legalizar o aborto para casos bem determinados reduziria praticamente a zero o risco operatório e autorizaria maior rigor nas penas a aplicar aos infractores, desencorajando a prática ilícita do aborto.

. Sou médico pediatra, portanto tecnicamente incompetente para realizar um abortamento que, a meu ver, só deveria ser executado por ginecologistas ou obstetras.

Das respostas que nos enviaram, menos de dez por cento indicaram o desejo de manter o anonimato. Neste número incluiram-se quase todas as médicas, se bem que, na sua maioria, tenham admitido a possibilidade de aborto pelas razões invocadas na segunda e terceira perguntas. Num dos casos, acrescentou a médica:

. Não concordo, em princípio, com qualquer das outras possibilidades de aborto (admissão na segunda e terceira possibilidade). No estado actual há possibilidades de controle de natalidade por métodos vários e quase todos acessíveis. Não há razão para admitir fazer-se aborto "por que é mais cómodo para o casal" porquanto, além de tudo o mais, há o risco para a saúde da mãe.

Enquanto outra, argumenta nos seguintes termos:

. Embora os partidários do aborto livre apregoem (e façam disso a base da sua teoria) que a mulher é dona do seu corpo e, como tal, livre de o usar ou de lhe fazer o que estiver na sua vontade, penso que é fundamental lembrar o que toda a gente sabe: na mulher grávida co-existem dois corpos, duas vidas; embora interligadas e intimamente dependentes, não pode, ou não deve, a mulher, suprimir ou danificar outra vida que não a sua. Portanto o aborto, quanto a mim, só será admissível, se com ele se conseguir salvar a vida da mulher, em circunstâncias em que ela e (ou) o filho corram perigo de vida.

aborto

DR. EIRA REBELO: "...NADA DEVO ACRESCENTAR AO QUE APROVÁMOS"

DR. BERNARDO SODRÉ BORGES:

...LEGALIZAR O ABORTO PARA CASOS BEM DETERMINADOS...

Um dos p[illegible]cos clínicos que optou pela total libe[illegible]dade, sublinhando que *"quando praticado por quem profissionalmente idóneo com meios eficazes e seguros"*, defendeu o seu ponto de vista do seguinte modo:

. O aborto como problema insere-se nas estruturas sócio-económicas apresentando-se, quando proibitivas, como acto repressivo dessa sociedade.

. O acto de abortar deve ser livre, dependendo da futura mãe, dentro das melhores condições médico-sanitárias.

. O aborto é um acto de menor consequência, resultante da falta de estruturas de apoio à Maternidade, de liberdade sexual, de meios anticoncepcionais totalmente eficazes ao alcance de toda a população, do desequilíbrio sócio-económico, da violência social.

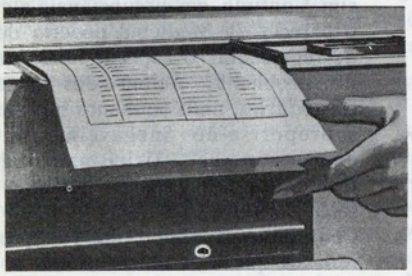
. É de notar que as consequências mais funestas do aborto, resultam da ilegalidade e prática fraudulenta (3.200 mortos por ano em França) não apresentando sintomas de diminuição apesar dos meios repressivos.

A primeira pergunta não teve nenhuma resposta positiva. Aliás o único questionário que nos devolveram sem opinião expressa foi-nos remetido pelo dr. Eira Rebelo: *"Como profissional coerente com a Ordem dos Médicos, a que pertenço, nada devo acrescentar ao que aprovámos"*.

Haverá quem mais deva pronunciar-se sobre o assunto? Certamente que sim. Contudo, em circunstância alguma o parecer da Medicina poderia deixar de representar o aspecto fundamental do problema. Acima dos aspectos secundários, mais ou menos moralistas, sobrepor-se-ão inegavelmente, as consequências físico-psicológicas resultantes da legislação, qualquer que seja.

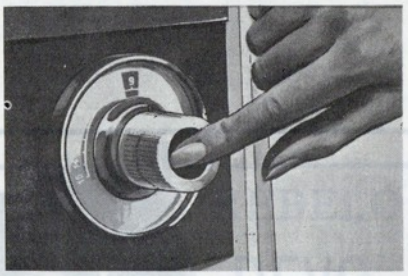
Consideramos importante conhecer os reflexos que a actual ocasiona.

1 Introduza o original...



2 Marque o número de cópias desejadas...

3 Carregue no botão.



adapt. cinevox

3 gestos simples desencadeiam o copiador/duplicador Rank Xerox 660.

O copiador/duplicador Rank Xerox 660 é pequeno: chega-lhe apenas um canto de uma secretária. Por isso pode ser instalado exactamente onde faz falta. Na Secretaria. No escritório do Director. Na Contabilidade...

O Rank Xerox 660 acabou com o tempo dos stencils e das matrizes: recebe o original e, depois, é só discar o número desejado de cópias e carregar no botão. O Rank Xerox 660 exclui a rotina e as demoras burocráticas. Permite a obtenção de cópias, por transparência. Substitui, emenda e adiciona. Basta utilizar, por sobreposição, a folha de papel já escrita, fracções de folha — se for esse o caso — textos, ilustrações, ou quaisquer outras combinações de palavra e traço feitas a esferográfica, marcadores, lápis, etc.

Outra vantagem importante: as cópias são feitas em papel normal. Saem bem secas e não se apagam com o tempo. São duradoiras.

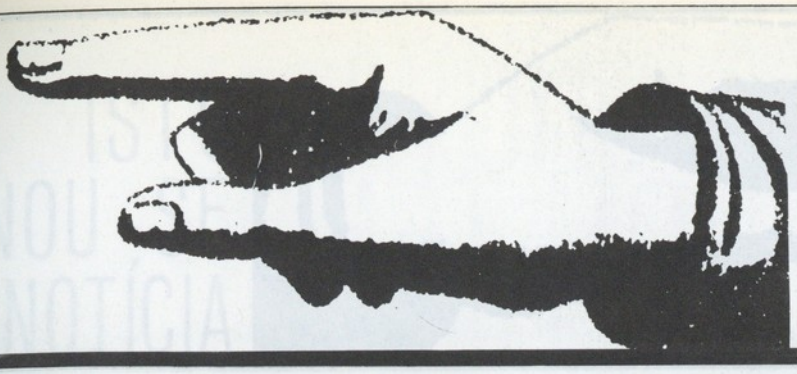
Não são necessárias tintas. São especialmente estudados para evitar os embaraços, as desvantagens e os incómodos produtos químicos tradicionais.

O tempo necessário à operação foi reduzido ao mínimo.

Interessa-lhe também saber (ou recordar) que o equipamento Rank Xerox nunca é vendido, mas alugado. Não há empate de capital, despesas de manutenção, preocupações com o seguro. Tudo o que se paga é o preço de cada cópia, mais uma pequena quantia para o aluguer e para o papel que utilizar. Um especialista da Rank Xerox está desde já à sua disposição para demonstrar-lhe como será mais fácil, mais rápido, mais prático, resolver o seu problema de copiar ou duplicar.

RANK XEROX

Largo Diogo Cão, 3 - 1.º Andar
Telefone 72978 — Luanda - Angola



ISTO TORNOU-SE NOTÍCIA

PRÉMIOS LITERÁRIOS

Durante uma breve cerimónia nas instalações sociais da «Cuca» foi entregue o prémio «João Charulla de Azevedo», recentemente atribuído aos jornalistas António José Homem de Melo, ex-director do vespertino lisboeta «A Capital», Humberto Lopes, cronista de «a província de Angola» e João Fernandes, director de «NOTÍCIA».

Pela mesma ocasião foram entregues os prémios «Demóstenes de Almeida» e «Óscar Ribas», todos instituídos pela fundação Cuca.

RALLIE SONEFE

Com 1.000 Km. de percurso comum e concentração no Lobito, a Casa do Pessoal da Sonefe em Cambambe, fez disputar o seu 4.º ralie.

Muito entusiasmo e quase todo no asfalto, servindo de ensaio para uma prova que se pretende a pontuar para o próximo Provincial.

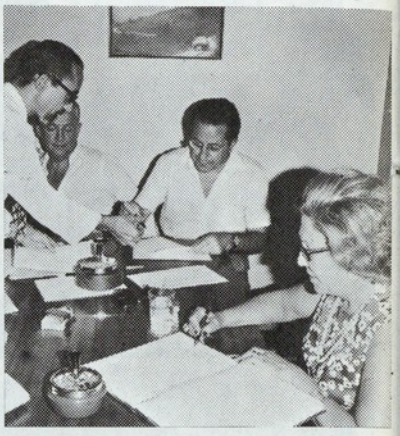
Com 18 concorrentes à partida, a sua dureza só consentiu 9 à chegada à meta.

No final, vitória indiscutível da dupla Luiz Alves/Jorge Abreu, uma equipa que se revelou no último Ralie da Neográfica. Classificação:

1.º — Luiz Alves/Jorge Abreu — Datsun; 2.º — Rui Barroso/ /José Simões — Lancia; 3.º — Graciano Moreira/José Moreira — Mazda; 4.º — Gil Morgado/José Silva — BMW 5.º — Mário Alves/Abílio Alves — Capri. **(Foto de Carlos Jardim)**

ADÃO E EVA

Esta representação de Adão e Eva, de concepção finlandesa, e uma das mais estilizadas, provocou as mais diversas reacções no público. Do rubor à gargalhada, a charge à criação do Senhor no 6.º dia, tem o mérito de se vender que é uma lindeza.



NEOGRÁFICA: SOCIEDADE ANÓNIMA

Sem cerimónias especiais foi assinada a escritura que transforma a Neográfica, empresa proprietária do NOTÍCIA, em sociedade anónima. O capital accionista está integralmente preenchido mas a escritura prevê um importante aumento de capital que poderá ser, então, aberto a mais ampla comparticipação.

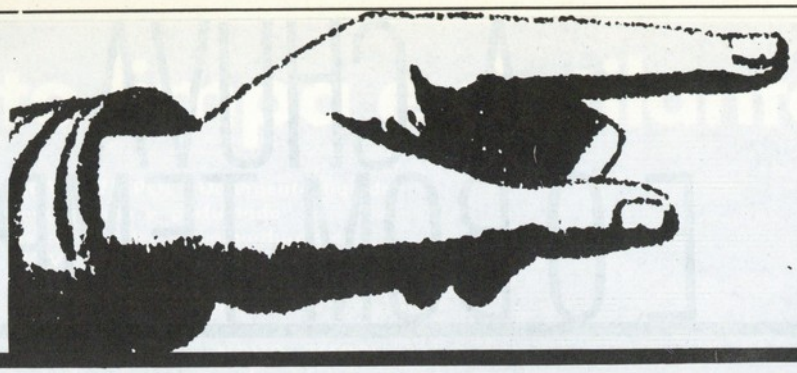
O NOSSO "1.º DE MAIO"

Entre as injustiças que sempre se cometem quando duma revolução, também nós cometemos pelo menos uma: não agradecemos aos «Lusitanos» o apoio mais uma vez concedido para que a nossa festa do primeiro de Maio se realizasse no Mussulo.

Os duzentos e muitos colaboradores do grupo Neográfica viajaram com bilhetes cedidos gratuitamente pelos «Lusitanos». Dizer obrigado pela colaboração é o menos que se nos pede. Pois atrasados aqui o estamos a fazer.

Não nos esquecemos também das firmas que nos ofereceram vários prémios a fim de serem disputados no nosso concurso de Pesca Desportiva: Lar Pop, Companhia União de Cervejas de Angola — CUCA, Casa de Artigos Desportivos - OFIR, Casa de Artigos Desportivos Sintexa, Companhia de Seguros Ourique, Angola Distribuidora, Polónio Basto (Angola), Sociedade Técnica de Artes Gráficas (Stag), Sociedade de Artigos Gráficos (Reis Morais), Listas Telefónicas de Angola, Administração da Neográfica, Semanário NOTÍCIA, Infocrang e Casa Paris.

ISTO TORNOU-SE NOTÍCIA



FESTIVAL HíPICO

O II Festival Hípico, promovido pela Sociedade Hípica de Luanda, no Sábado e Domingo passados, na sede de Campo, à Estrada da Barra do Quanza, foi palco de interessantes momentos de emoção que levaram ao rasgado aplauso por parte das algumas dezenas de espectadores presentes.

O Festival terminou com reunião social na Quinta Rosa Linda, ao fim-da-tarde de Domingo, onde foram distribuídos os prémios aos orgulhosos» vencedores.

No Sábado:

Prova Telecine — para cavaleiros debutantes — Manuela Sampaio, da Sociedade Hípica de Luanda.

Trofeu Notícia — destinado a cavalos não premiados em provas anteriores — José Neto de Almeida, do Centro Hípico de Luanda.

Trofeu Câmara Municipal de Viana — «prova de parelhas» (talvez o que mais interesse despertou entre a assistência), Alfredo e F. Marques, da Sociedade Hípica.

No Domingo:

Trofeu Interpredial (IP) — Dr. Sommer de Andrade, inscrito como individual.

Trofeu Câmara Municipal de Luanda: — 1 — Fernando Nunes, da SHL; 2 — Bárbara Vieira da Costa, individual; 3 — José Neto de Almeida, do CHL.

A CHUVA E O BOM TEMPO

ACABOU

TODAS as semanas era um tormento: que vou eu escrever esta semana? E a verdade é que assunto, assunto, só havia um. E esse, sabe-se, nunca podia ser observado de frente. Por isso o tormento. Por isso a falta de assunto.

AGORA, meu Deus, a grande raiva é não ter eu um jornal diário onde todos os dias despejar montes de ideias. Porque assunto, agora, não falta. Minuto a minuto vêm-me coisas à cabeça que penso importantes e queria dizer logo ali. Coisa espantosa é esta de estar a pensar um país e poder dizê-lo. Coisa importante — outra vez — é esta de ter um Jornal onde se pode escrever...

FICOU-ME esta página, de repente, muito acanhada. Não cabe aqui o que quero dizer e não tenho paciência para me sentir espartilhado. Quero dizer mais, ou menos, mas não ter esta obrigação. Espalho-me, portanto, por todas essas páginas que aí estão atrás. Desta feita num artigo longo, para a semana que vem num maior ou mais pequeno. Mas uma coisa é certa: não é agora o assunto que me falta. Por isso mesmo esta secção vai, provavelmente, entrar em eclipse. Talvez deixe mesmo de aparecer. Eu é que — se estiver vivo — não deixarei de escrever semana alguma...

FALAR da chuva e do bom tempo é uma expressão francesa que significa falar de coisas de pouca importância, maneira de passar o tempo.
Ora o tempo agora não está para essas conversas. O tempo é de agir e com muita decisão. Por isso, encerro aqui uma época. Oito anos andei eu a escrever esta secção. Talvez venha a ter saudades dela. Mas para já não tenho remorsos. Com tanta chuva a secção inchou e já não cabe aqui. Agora ela vai estender-se pelo NOTÍCIA inteiro...

João Fernandes

muito limpa e cintilante

NOVO TEEPOL. Detergente liquido
concentrado e perfumado
de alto poder desengordurante.
NOVO TEEPOL resolve todos os problemas
de limpeza no seu lar.
A louca fica cintilante!
A cozinha e casa de banho ficam a brilhar!
Por onde passa o NOVO TEEPOL
tudo fica limpo e perfumado!
NOVO TEEPOL é pratico! É economico!

Teepol, um mundo de limpeza em sua casa

PENTA SH6

VOCÊ VOTOU DE VONTADE!

Acompanhando a evolução do seu gosto
a Cuca produziu a cerveja Cuca Preta da Medalha.
Consagrando-a, Você juntou o seu voto pessoal
ao do juri de Bruxelas.
Um voto evoluído.
Hoje, por si e para si, o prémio internacional
é o símbolo da qualidade em matéria de cervejas!

Cuca PRETA
a força da vida